

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais

SAMUEL MARTINS NASCIMENTO

A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA EM FLÁVIO JOSEFO:
“O judeu de Roma”

Dissertação de Mestrado

Maringá
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais

SAMUEL MARTINS NASCIMENTO

A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA EM FLÁVIO JOSEFO:
“O judeu de Roma”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História

Orientadora
Prof.^a Dr.^a Renata Lopes Biazotto Venturini

Maringá, 2008

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

N244c Nascimento, Samuel Martins
A concepção de história em Flávio Josefo: "O judeu de Roma" / Samuel Martins Nascimento. -- Maringá : [s.n.], 2008.
164 f. : il. color.

Orientadora : Prof. Dr. Renata Lopes Biazotto Venturini.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em História, Área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais, 2008.

1. Josefo, Flávio, d.C37-100? - História e vida. 2. Josefo, Flávio, d.C. 37-100? - Políbio, a.C. 202-120 - Influência. 3. Guerra dos judeus - Análise crítica. 4. História - Guerra dos judeus. I. Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em História, Área de concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais. II. Título.

CDD 21.ed.909

A Deus, por Jesus Cristo, pela minha vida e pela oportunidade de concluir esta pesquisa;

A minha mãe, Marleide, que, todo amor e carinho, dedicou sua vida a mim;

(in memoriam) a meu pai, Doeni, meu irmão Doemar e

minha avó Arlinda (por ter apoiado minha mãe em minha criação e educação);

A minha esposa, Darlane, que sempre esteve do meu lado, mesmo nos piores momentos.

Agradecimentos

À tia Cleusa Maria, que foi como minha segunda mãe, sempre presente em minhas dificuldades, apoiando-me e acreditando em mim;

A minha orientadora, Professora Doutora Renata Lopes Biazotto Venturini, pela amizade, paciência e dedicação com que me ajudou a realizar e concluir esta pesquisa;

À professora Silvina Rosa, que me ajudou na leitura e revisão do texto;

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudo que tornou possível a realização desta pesquisa;

A minha avó: Maria e Arlinda (in memorian), por ter apoiado minha mãe em minha criação e educação;

Aos meus parentes: tio Raimundo Odair, tia Maria Neuza, tio Antônio Balbino, Rita de Cássia, tia Madalena Santiago, tio Cleide Lúcio e tia Dedy, tio José Natal e tia Nídia; meus primos Marco Antônio, Lilian Claudine e Livia Maria; meus sogros João Ferreira e Berenice, que sempre me apoiaram e oraram por mim;

Aos professores do Departamento de História da UEM: Dr. Jaime Estevão dos Reis, Ms. José Henrique Rollo Gonçalves, Dr. José Carlos Gimenez, Ms. Itamar Flávio da Silveira, Ms. Hudson Siqueira Amaro, Dr. Sidnei José Munhoz e Dr. Reginaldo Benedito Dias, que me incentivaram nesta pesquisa;

Aos amigos: Maria Jovelina (sempre presente ao nosso lado), ao professor, do DFI, Dr. Maurício Antonio Custódio de Melo e sua esposa Andréia por ter me apoiado;

Aos pastores: Hélio José, Yvan Rezende, Geraldo e Josimar, que sempre oraram por mim;

*Aos meus colegas: Tiago França (que trouxe a obra **Guerra dos Judeus**, da USP), Maicon, Neilaine, Giselle, Douglas e Pr. Paulo César;*

E, finalmente a Luís Lobianco e Alex Degan, por terem colocado suas dissertações à minha disposição e ao professor Vicente Dobroruka (que me enviou material bibliográfico sobre Josefo).

“Jesus saiu do Templo, e como se afastava, os discípulos o alcançaram para fazê-lo notar as construções do Templo. Mas ele respondeu-lhes: “Vedes tudo isto? Em verdade vos digo: não ficará pedra sobre pedra: tudo será destruído”

Mateus 24:1-2

Resumo

Na segunda metade do século I a .C., a dominação romana havia se consolidado no Mediterrâneo, tanto territorial como politicamente. O Império, já na época de Augusto (27 a.C. a 14 d.C.), abrangia quase todo o mundo mediterrâneo e oriental e Roma tinha se transformado em seu centro comercial e financeiro. As dificuldades na administração das terras conquistadas eram freqüentes. Em particular, a província da Judéia, também assolada por conflitos internos, sofreu diretamente a intervenção, da qual resultou a guerra entre romanos e judeus. Flávio Josefo, o “judeu de Roma”, viveu esse momento único na história dos judeus. O resultado de sua participação ativa nos conflitos encontra-se relatado na obra **A Guerra dos Judeus**. Nossos objetivos, nesta dissertação, são analisar a narrativa da guerra judaico-romana apresentada por Josefo e refletir sobre sua concepção de história, abrangendo algumas influências que recebeu da historiografia antiga.

Palavras-chave

Dominação Romana, Flávio Josefo, Guerra dos Judeus, História das Instituições.

Abstract

In the second half of I b.C. century, Roman domination had been consolidated, territorially and politically in the Mediterranean. The Empire, since the Augustus' epoch (63 B.C. to 14 A.D.), included almost all Mediterranean and Oriental lands, becoming Rome in a commercial and financial centre. The difficulties to manage the conquered lands became frequent. Specially the Judea province, that was being affected by interior conflicts, suffered directly the intervention that resulted on the war between Romans and Jewish. Flavius Josephus, the "Jewish of Rome", lived this only moment in the history of the Jews. The result of his active participation on the conflicts is found in Josephus' **The Jewish War**. Our objective on analyzing the narrative of Jewish-roman war presented by Josephus is reflecting about his history conception and its insertion on the Old historiography context.

Key-words

Roman domination, Flavius Josephus, The Jewish War, History of Institution.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO PRIMEIRO – FLÁVIO JOSEFO: “O JUDEU DE ROMA”	15
1.1. Obras	18
1.2. Josefo: romano e judeu	22
CAPÍTULO SEGUNDO – OS ROMANOS E OS OUTROS	25
2.1. Roma conquistadora	30
2.2. Roma e as províncias	38
2.3 Roma e o cristianismo	46
CAPÍTULO TERCEIRO - JUDÉIA: CONFLITOS INTERNOS E EXTERNOS	51
3.1. Conflitos internos.....	52
3.2. Conflitos externos	62
CAPÍTULO QUARTO – A EXPERIÊNCIA HISTORIOGRÁFICA DE FLÁVIO JOSEFO	78
4.1. O Helenismo e os modelos historiográficos de Flávio Josefo.....	79
4.2. Josefo e Políbio.....	91
4.3. A história vista por Flávio Josefo	119
4.3.1. Culpados pela Guerra	129
CONCLUSÃO.....	142
GLOSSÁRIO.....	150
REFERÊNCIAS	159
FONTES IMPRESSAS	159
BIBLIOGRAFIA	161

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 Império Romano – Século I d.C.	36
Figura 2 Império Romano – Século II d.C.	37
Figura 3 A Palestina das seitas	61
Figura 4 Revolta da Palestina e avanço romano	71

QUADRO DE NOMES

Quadro 1 Imperadores Romanos	147
Quadro 2 Procuradores e Prefeitos da Judéia	148
Quadro 3 Dinastia dos Hasmoneus.....	148
Quadro 4 A Família Real de Herodes.....	149

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, o principal objetivo é estudar a obra **A Guerra dos Judeus**, do judeu e cidadão romano Flávio Josefo (37 d.C.- c.100 d.C.). A forma como ele narra a guerra judaico-romana permite-nos refletir sobre sua concepção de história e sua inserção no contexto da historiografia antiga.

A importância dessa análise deve-se ao fato de que Flávio Josefo nasceu na província da Judéia no momento em que ela estava inserida no Império Romano. Participou de um momento singular da história tanto dos judeus, uma vez que viu a Diáspora acontecer, como dos romanos, cujas legiões estabelecidas no Oriente proclamaram Vespasiano como Imperador.

Durante os séculos I a.C e I d.C, Roma passou por grandes mudanças, consolidando territorial e politicamente o *limes* do Império. Todo o Mediterrâneo estava sob o seu domínio. Vários povos de cultura, religião, língua e costumes diferentes, como gauleses, gregos, judeus, entre outros, faziam parte desse Império. A administração de todas estas províncias, não ocorreu com tranquilidade.

Por isso, nosso estudo se volta para a Judéia, uma província que, desde a sua conquista até o século II d.C., precisou ter diversas e intervenções do poder imperial romano, como é o caso das guerras de 66 d.C a 70 d.C. e 132 d.C a 135 d.C., por perturbar a *Pax Romana*. Ocorreram também intervenções indiretas, como as diversas guerras internas, cujas negociações envolveram os prefeitos e procuradores da Judéia e os legados da Síria.

Entre os anos 4 a .C. a 100 d.C., a Palestina passou por várias mudanças, dentre as quais podemos destacar o fim do poderoso reino de Herodes Magno (37 a 4 a.C.) Além de

conter as revoltas internas e provocar o fim da ameaça da família hasmonéia ¹, ele sufocou as revoltas dos judeus contra Roma. Antes de Herodes, alguns judeus esperavam a volta dos hasmoneus. Após o reino de Herodes, liderados por Judas, o Galileu, negavam qualquer forma de dominação estrangeira, pois tinham uma concepção messiânica, segundo a qual o reino dos judeus deveria ser dirigido por Deus, por meio de um seu escolhido. Ou seja, um verdadeiro herdeiro de Davi assentar-se-ia no trono de Judá.

Nesse ambiente de crise interna, Augusto havia determinado por decreto o domínio da Judéia pela província da Síria. Se, antes, quem representava os judeus era o rei Herodes, a partir de então a intervenção de Roma passou a ser direta, por meio de um *praefectus*, como, por exemplo, Pôncio Pilatos (26 a 36 d.C.). Apenas após o ano de 44 d.C., a Judéia voltou a ser uma província governada por procuradores.

A Guerra dos Judeus expressa o período de conflitos internos e da dominação romana. Seu autor, Flávio Josefo, nasceu durante o primeiro ano do reinado do imperador Calígula. No início da guerra, serviu como general na Galiléia e foi capturado por Vespasiano. Recebeu a cidadania romana, graças ao cumprimento de uma sua profecia, segundo a qual Vespasiano seria detentor do poder imperial. Tornando-se protegido da *gens* flaviana, passou a ser chamado pelo nome de *Titus Flavius Josephus*. Tal duplicidade condenaria o “judeu de Roma” à eterna desconfiança romana e à fama de traição aos olhos dos judeus.

Além de **A Guerra dos Judeus**, fonte principal deste trabalho, Flavio Josefo nos legou mais três obras, **Antiguidades Judaicas**, **Contra Apião** e **Vida de Flávio Josefo** ², que, embora de forma esporádica, também serão consideradas na análise.

O trabalho é composto por quatro capítulos.

¹ Dinastia que comandou a Judéia de 166 a 37 a.C.

² A principal fonte utilizada na pesquisa é **A Guerra dos Judeus**. Entre as traduções contemporâneas, adotamos a edição da Loeb Classical Library, **The Jewish War**. Trata-se de uma publicação bilingüe (grego – inglês), com uma introdução cuidadosa e notas explicativas que nos auxiliam a melhor compreender algumas passagens, por vezes, obscuras, em razão das nuances que envolvem os termos gregos.

No primeiro, intitulado *Flávio Josefo: “o judeu de Roma”*, abordaremos sua vida e suas obras e a sobrevivência de sua obra para além de seu tempo, dando particular atenção a **A Guerra dos Judeus**.

No segundo, *Os romanos e os outros*, discutiremos a importância da expansão militar romana, o comportamento dos romanos para com outros povos, a administração das províncias romanas. Este capítulo é importante porque nele abordamos o contexto em que ocorrem a guerra dos judeus e a coroação de Vespasiano. Além disso, o fato de a Judéia estar sob o domínio romano implica que os conflitos que Josefo vivenciou tiveram repercussão para o Império.

O capítulo terceiro, “*Judéia: conflitos internos e externos*,” será dedicado às disputas no interior da própria província da Judéia. A revolta liderada por Judas, o Galileu, contra o recenseamento imposto por Quirino marcou um novo modo de entender o mundo entre os judeus. Grupos apocalípticos almejavam um reino dominado por Deus, e não pelos romanos ou mesmo pelos hasmoneus. Estes grupos em conflito, os essênios, os fariseus e os saduceus, eram sustentados por três filosofias, que mereceram nossa atenção. Além delas, existia aquela idealizada por Flávio Josefo, isto é, sicários e zelotas. Enquanto os judeus lutavam entre si pelo poder de Jerusalém, sustentavam conflitos externos contra os romanos, favorecendo que estes conquistassem a Galiléia em 67 d.C. e Jerusalém em 70 d.C. Após a conquista do último reduto, a famosa fortaleza de Massada, em 73 d.C., restava aos judeus apenas o *fiscus Judaicus*.³

No quarto capítulo “*A Experiência historiográfica de Flávio Josefo*”, situaremos o autor em relação ao helenismo e à historiografia grega. Na medida em que existem evidências bibliográficas de que Políbio foi uma importante referência para Josefo, dedicaremos uma parte deste capítulo às semelhanças que existem entre os dois. Evidentemente, outros autores

³ “taxa per capita de duas dracmas, a ser paga anualmente a Júpiter Capitolino” (GOODMAN, 1994, 231)

gregos também influenciaram Josefo, mas, por uma questão de delimitação, nos restringiremos a mostrar como Políbio narrou a guerra dos gregos contra os romanos e como Josefo, com base nesse parâmetro, passou uma idéia semelhante em seu relato da guerra dos judeus contra os romanos. Procuramos nos concentrar na idéia do romano conquistador ou dominador do mundo; nos motivos “irracionais” e “racionais” que levaram os líderes gregos e judeus ao conflito contra Roma conquistadora; na concepção de *Fortuna* em Políbio e Josefo.

Analisaremos também o prefácio de **A Guerra dos Judeus**, onde Josefo detalhou seus objetivos e explicou que o fato de Deus ter permitido que Roma derrotasse e punisse os judeus revoltosos mudou sua concepção da relação de Deus como o Templo.

Ainda neste quarto capítulo, apresentaremos a forma como Josefo se dirige a seus leitores gregos e romanos, mostrando que ele atribui a “culpa” da guerra a um pequeno grupo de pessoas, isentando dela o conjunto da sociedade judaica.

No final do trabalho, acrescentaremos um *Glossário* que permite diferenciar alguns nomes parecidos e nomes próprios citados em cada um dos capítulos. Tal preocupação se justifica pela necessidade de informarmos sobre indivíduos que pertenceram ao contexto estudado, além daqueles contemporâneos a Flávio Josefo.

CAPÍTULO PRIMEIRO:

FLÁVIO JOSEFO: “o judeu de Roma”

Começaremos esta dissertação com uma apresentação que Flávio Josefo faz de si mesmo em sua obra **Vida de Flávio Josefo** ⁴:

“Agora, eu não apenas sou nascido de uma família sacerdotal, mas também da primeira das vinte e quatro linhas: [...] pela minha mãe, eu sou de sangue real, pois os filhos dos Asmoneus, de quem a família derivou, tiveram ambos o ofício do alto-sacerdócio e a dignidade de um reinado, por longo tempo” (**Vida**, 1)⁵

Assim se nos apresenta Flávio Josefo, logo na introdução de sua obra **Vida de Flávio Josefo**. Ele nos conta também que nasceu em 37 d.C., ano do primeiro reinado de Caio César: “... eu nasci de Mattias no primeiro ano do reinado de Caio César” (**Vida**, 1)⁶

Aos treze anos, Josefo iniciou seu aprendizado sobre as três filosofias existentes entre os judeus: essênia, farisaica e saducéia. Quanto aos zelotas, cujas idéias compunham uma provável quarta filosofia, ele os considerava vis, porque eles é que tinham incitado a revolta contra Roma. Estudou as três, antes de escolher a filosofia farisaica. Porém, essa experiência não o satisfaz e, aos dezenove anos, ele abraçou a seita dos fariseus, uma vez que a julgava mais próxima da dos estóicos do que qualquer outra.

Aos vinte e seis anos, viajou para Roma, obtendo, por intermédio da imperatriz Popéa, a libertação dos sacerdotes que para lá tinham sido levados. Todavia, quando regressou a Jerusalém, a cidade já estava prestes a se revoltar e ele procurou persuadir os revoltosos a não travarem guerra contra Roma, conforme ele mesmo afirma: “E eu disse isto com veemente exortação, porque previa que o fim desta guerra seria infortunado para nós. Mas eu não pude persuadi-los, pois a loucura dos homens desesperados era dura demais para mim.” (**Vida**, 13)⁷

⁴ Passaremos a utilizar apenas as iniciais em português. Em lugar de A Vida de Flávio Josefo, colocaremos **Vida**.

⁵ “Now, I am not only sprung from a sacerdotal family in general, but from the first of the twenty-four courses; [...] by my mother I am of the royal blood; for the children of Asamoneus, from whom that family was derived, had both the office of the high priesthood, and the dignity of a king, for a long time together.” (**The Life of Flavius Josephus**, 1)

⁶ “as was I born to Matthias in the first year of the reign of Caius Caesar.” (**The Life of Flavius Josephus**, 1)

⁷ “And this I said with vehement exhortation, because I foresaw that the end of such a war would be most unfortunate to us. But I could not persuade them; for the madness of desperate men was quite too hard for me.” (**The Life of Flavius Josephus**, 13)

De qualquer forma, seu esforço teria sido inútil, porque os revoltosos já tinham tomado a Fortaleza Antônio⁸. Josefo, temendo ser acusado por eles de partidário dos romanos, fugiu para o santuário. Após a morte de Manahem⁹, Josefo uniu-se aos sacerdotes, que, nesse mesmo momento, tinham esperanças de que Céstius viesse com grande força e derrotasse os revoltosos, o que não aconteceu.

De acordo com Josefo, depois da derrota de Céstius, no ano de 66, os sacerdotes enviaram Josefo para a Galiléia, pois sabiam que ela não estava totalmente em revolta. Ao chegar, ele observou que os galileus se preparavam para lutar contra a cidade de Séforis, aliada de Roma, e, tendo relatado isso ao Conselho de Jerusalém, foi designado para cuidar da província.

Conforme seu próprio relato, muitos eram seus inimigos. O principal deles era João, filho de Levi (João de Giscala), que teria espalhado entre o povo várias acusações contra Josefo, mas sem sucesso. Jônatas e outros foram de Jerusalém à Galiléia com o objetivo de denunciar Josefo, inclusive com o argumento de que ele não estava protegendo a fronteira contra os romanos. O objetivo era colocar João no poder.

Josefo relata que, no ano de 66, diante dos acontecimentos, teve um sonho, no qual Deus teria falado com ele nos seguintes termos:

“O Josefo! abandone as aflições de tua alma e afaste todo o medo; pois o que agora o atormenta irá torná-lo muito considerável e, sob todos os pontos de vista, mais feliz; pois tu deverás resolver não só estas dificuldades, mas muitas outras, com grande sucesso. No entanto, não fique abatido, mas lembre que tu terás que lutar com os romanos”. Quando vi este sonho, levantei-me com uma intenção de descer à planície” (Vida, 208)¹⁰

⁸ Fortaleza Antônio foi construída por Herodes Magno, estava do lado do Templo servia de guarnição para a guarda romana

⁹ Este nome aparecerá no Glossário

¹⁰ “O Josephus! leave off to afflict thy soul, and put away all fear; for what now grieves thee will render thee very considerable, and in all respects most happy; for thou shalt get over not only these difficulties, but many others, with great success. However, be not cast down, but remember that thou art to fight with the Romans.” When I had seen this dream, I got up with an intention of going down to the plain (**The Life of Flavius Josephus**, 208)

Em seguida, começou a enfrentar Plácido, que havia sido enviado por Céstius para incendiar as aldeias da Galiléia. A permissão de ir a Jerusalém para se defender não lhe foi concedida, pois os galileus aclamavam-no a uma só voz como seu benfeitor e salvador da Galiléia.

Apesar de ter sido investigado, ele não perdeu o poder na Galiléia, porque era favorecido por pessoas poderosas, como o sumo-sacerdote Jesus b. Gamalas, a segunda pessoa mais importante em Jerusalém no ano de 67.

Em 67, o general Vespasiano conquistou Jotapata, última cidade da Galiléia defendida por Josefo. Feito prisioneiro, ao prever que Tito e Vespasiano seriam imperadores, ele logo caiu nas graças dos dois. A previsão ocorreu e, quando Vespasiano se tornou imperador, concedeu-lhe cidadania romana e Josefo passou a se chamar *Titus Flavius Josephus*.

No cerco de Jerusalém, em 70, o judeu de Roma fez discursos na tentativa de convencer os rebeldes a se arrepender, porém não foi ouvido. Quando chegou a Roma, depois da conquista de Jerusalém, foi bem aceito por Vespasiano, que o agraciou com várias honras, entre as quais uma grande extensão de terras na Judéia. Tito aumentou suas honras. Domiciano acrescentou novos favores, mandando até mesmo “cortar as cabeças” dos “caluniadores” de Josefo.

Estima-se que Josefo tenha morrido entre os anos de 95 e 115 d.C.

1.1. Obras

Suas obras escritas foram: **A Guerra dos Judeus, Antiguidades Judaicas, Contra Apião e Vida de Flávio Josefo.**

A primeira e mais importante é **A Guerra dos Judeus**, composta de sete livros. A narrativa inicia-se com a tomada de Jerusalém pelo rei selêucida Antíoco Epifânio em 166

a.C. e estende-se até a queda de Massada 73 d.C. De acordo com Hadas-Lebel, esta obra foi escrita logo após o término da guerra e pode ter sido encomendada. Thackeray, introdutor e tradutor da obra de Josefo do grego para o inglês, também afirma que ela

[foi] “escrita com todas as vantagens possuída por um ex-combatente e testemunha ocular, agora um pensionista alojado no interior do palácio de Vespasiano, com os “comentários” de seus patronos imperiais, os comandantes da recente campanha, colocados em sua disposição” (1956, p. vii)

Conforme afirma o próprio Josefo, seu objetivo foi descrever os acontecimentos da recente guerra ocorrida na Judéia para aos numerosos judeus, tanto os que permaneciam no interior do Império Romano como os que pertenciam ao Império Parta:¹¹

“os Partos, Babilônios, as mais remotas tribos da Arábia assim como nossos cidadãos entre o Eufrates e os habitantes de Adiabene estavam, através de minha assiduidade, familiarizados exatamente com a origem da guerra, as várias fases de calamidades com o qual passamos e sua conclusão; os gregos, da mesma forma que os romanos, como não estavam engajados na discussão, ficariam na ignorância destes assuntos, com lisonjeiras e fabulosas narrativas como seu guia” (GJ, I, 6, p. 5)¹²

Assim, Josefo tentava acabar com qualquer pretensão de insurreição dos judeus. Ele foi a oportunidade encontrada pelo poder imperial de Roma, pois, além de ex-combatente, tinha sido general judaico. Esta obra foi uma aliada importante do reinado de Trajano e Adriano contra o perigo parta em razão do “fato admitido na observação com a qual Josefo fechou sua descrição do exército romano” (THACKERAY, 1956, X). Por isso é que ele foi incumbido de escrevê-la. A primeira versão foi publicada em aramaico e, segundo Josefo, foi amplamente divulgada entre os estrangeiros que moravam no interior da Ásia¹³. De acordo com Hadas-Lebel, a versão grega foi realizada no reinado de Tito (79-81).

¹¹ Passamos a usar **GJ**, em vez de **A Guerra dos Judeus**.

¹² “Parthians and Babylonians and the most remotes tribes os Arábia with our contrymen beyond the Euphrates and the inhabitants of Adiabene were, through my assiduity, accurately acquainted with the origin of the war, the various phases of calamity through which it passed and its conclusion, the Greeks and such Romans as were not engaged in the contest should remain in ignorance of these matters, with flattering or fictitious narratives as their only guide.” (**The Wars of Jews**, I, 6, p. 5)

¹³ **GJ**, I, 16

Josefo afirma que foram escritas outras obras a respeito da guerra dos judeus, mas, para ele, apenas sua versão contém a verdade:

“de um lado, havia alguns espíritos levianos que acreditavam fazer obra histórica narrando acontecimentos que não tinham vivido, baseando-se em depoimentos muitas vezes contraditórios, os quais eles envolviam com uma bela retórica. De outro lado, ex-combatentes que misturavam bajulação para com os generais vitoriosos e a depreciação dos vencidos, sem sequer acentuar a longa duração e a dificuldade da guerra, o que equivalia a calar sobre a coragem dos judeus e a minimizar os êxitos de Vespasiano e de Tito (HADAS-LEBEL, 1991, p. 238)

Em **Contra-Apião**, Josefo afirma que, para autenticar seu trabalho, tomou como testemunhas os dois imperadores Tito e Vespasiano. Para Thackeray, **A Guerra dos Judeus**, em sua versão grega, foi praticamente reescrita:

[o] “grego não foi uma tradução literal. Isto pode deduzido da linguagem do historiador encontrada em outro texto. [...] **A Guerra dos Judeus**, na forma grega foi, nós já sabemos, produzida com ajuda de assistentes gregos e não mostra qualquer traço de fraseologia Semítica; é provável que nós inferimos que o velho trabalho foi praticamente reescrito.” (1956, p. IX)

Esse autor afirma também que a nova versão de **A Guerra dos Judeus**, em grego, pode ter sido realizada imediatamente após a guerra.

De acordo com Thackeray quanto à “versão aramaica”, ele observa que ela se tinha se perdido cedo no mundo ocidental romano, mas, segundo uma teoria de Kottek, no final do século 19, ela teria permanecido até o século VI, uma vez que, nesse momento, uma “versão siríaca” do livro VI tinha sido descoberta. Berendts mantém a idéia de que essa versão siríaca sobreviveu na “Velha versão russa”, mais recente e diferente da versão grega, que “contém alguns extraordinários desvios, e adições também, do texto grego da guerra, incluindo passagens particulares relacionadas a João Batista, Cristo e dos Cristãos antigos” (THACKERAY, 1956, X). Para Thackeray a “versão Eslavônica” é aceita por Eilser, embora com algumas observações, dentre as quais o fato de o texto ter interpolações. A obra teria sido traduzida do grego para o Eslavônico por um sacerdote judeu, cujas cópias do grego e da

versão aramaica tinham sido obtidas no século treze na Lituânia. Isto pode ser notado pelos traços da língua semítica original, conforme lembra Thackeray

A segunda obra, contendo 20 livros, é **Antiguidades Judaicas**, que abarca acontecimentos desde a criação do mundo por Deus até o governo de Floro em 66. O texto foi escrito originalmente em aramaico e depois traduzido para o grego.

Segundo o próprio Josefo, ela foi composta quando ele tinha 56 anos de idade, ou seja, durante o 13º ano do reinado de Domiciano, entre 81 e 96 d.C. O historiador afirma que foi motivado a escrevê-la por Epafrodite ¹⁴ e que demorou dez anos para fazê-lo:

“No entanto, algumas pessoas que haviam desejado conhecer nossa história, e exortou me para ir com ela; e, acima de todo o restante, Epafrodito um homem que é um amante de todos os tipos de conhecimentos, mas é principalmente deliciado com o conhecimento de história” (**AJ**, I, 8) ¹⁵

No caso de **Antiguidades Judaicas**, ele não invoca os imperadores, assegurando para si a qualidade sacerdotal. Obedecendo à cronologia e bíblica, ele a inicia com a cosmologia da criação do mundo.

Segundo Hadas-Lebel (1991), o fato de os dez primeiros livros seguirem a narrativa Bíblica torna-os pouco importantes para nós cristãos. ¹⁶ Para essa autora, o discurso de Josefo é apologético e histórico. É também uma resposta para aqueles que o chamaram de traidor da causa judaica. De acordo com Vicente Droboruka (2001), o sentido apologético deve-se em grande parte ao seu público alvo, provavelmente os gregos, e também a Dionísio de Halicarnasso e suas **Antiguidades Romanas**.

¹⁴ Ex-escravo de Nero, Morto em 95, por Domiciano, protetor de Josefo após a morte de Tito, impulsionou Josefo a escrever a sua segunda obra **Antiguidades Judaicas**.

¹⁵ “However, some persons there were who desired to know our history, and so exhorted me to go on with it; and, above all the rest, Epaphroditus, a man who is a lover of all kind of learning, but is principally delighted with the knowledge of history” (**Antiquities of the Jews**, I, 8)

¹⁶ Josefo escreveu esta obra para não-judeus. O leitor moderno deve se lembrar de que ele nos traz muitas informações de sua época, como os acontecimentos ocorridos no período do século I d.C que antecede à guerra, o reinado de Herodes, e até mesmo o reinado da dinastia dos Hasmoneus. Além disso, **Antiguidades Judaicas** pode esclarecer passagens do **Novo Testamento** e até mesmo do **Midrash**.

Nesta segunda obra, Josefo aborda o fim do governo de Gêssio Floro, procurador da Judéia entre 64 e 66. Há nela a descrição da longa história dos judeus, cujos heróis são Abraão, Moisés, Davi, Ezequias, Neemias, Daniel, entre outros. Alega que os judeus têm uma história que começa com a criação do mundo e que não são um povo qualquer, mas contém toda a constituição e antiguidade dos judeus. O fato de ter sido escrita em ordem cronológica denota melhor elaboração e organização textual, possivelmente porque, diferentemente de **A Guerra dos Judeus**, Josefo teve mais tempo para isso.

A terceira obra, **Contra Apião**, é composta por 2 livros e tem como tema central uma contestação a alguns gregos, principalmente Apião, que negavam a veracidade do que ele afirmava em **Antiguidade Judaicas**. Nela, Josefo alega que a história dos judeus era de 5 mil anos.

A quarta obra, **Vida de Flávio Josefo**, é, na visão de Hadas-Lebel,

“ muitas vezes pesada, confusa, ao mesmo tempo hipertrofiada e cheia de lacunas [...] Pelo menos a **Autobiografia [Vida de Flávio Josefo]** nos traz sobre a vida de Josefo um certo número de informações preciosas, como não possuímos sobre nenhum outro escritor da Antiguidade” (1991, p. 251)

1.2. Josefo: romano e judeu

Hadas-Lebel afirma que “em sua vida póstuma quase milenar, Flávio Josefo assumiu os rostos mais diversos” (1991,270). Por exemplo, ela sugere que, durante a segunda guerra mundial, Josefo foi visto por alguns judeus como traidor, o que se deve ao fato de ele não ter morrido como um herói resistindo bravamente contra os romanos. Quando estava escondido em uma caverna, Josefo não queria se suicidar, mas se entregar aos romanos.

Ele próprio afirma que, nessa caverna, teve um sonho que dava uma resposta a quem o chamasse de traidor:

“subitamente veio eu sua mente aqueles sonhos noturnos, em que Deus antecipou a ele um fato iminente dos Judeus e o destino do senhor Romano. Ele era um interpretador de sonhos e hábil em revelar

as elocuções incertas (ambíguas) da Divindade; ele mesmo um sacerdote e um descendente sacerdotal, ele não era um ignorante das profecias dos livros sagrados.” (GJ, III, 352-354, p. 675)¹⁷

O fato de Josefo ser chamado de traidor justifica-se por ter pregado contra os judeus revoltosos que foram derrotados. Para ele, a culpa pela destruição de Jerusalém não era dos romanos, mas dos revoltosos; estes é que teriam sido os responsáveis pelas terríveis perdas. Se tivessem ouvido seus discursos, os de Agripa e de Tito não teriam sido escravizados. Essa idéia não era muito aceitável para os judeus da Diáspora Judaica do século I d.C.

Não é possível definir exatamente se Josefo apoiava os judeus, pois se de um lado tinha profundo ódio pelos revoltosos, entre eles João de Giscala e Simão b. Giorias e apoiava Tito e Vespasiano. Por outro lado, atacava veementemente os romanos, como Floro e Calígula. Este por querer colocar sua estátua no Templo e aquele por não ter apoiado a causa judaica. No entanto, afirmava que Deus estava do lado dos romanos e contra os judeus revoltosos. Conta que, quando estava na caverna, escondido de Vespasiano, lembrou-se do sonho que tivera antes:

“E nesta hora em que foi inspirado a ler seu significado e relembrar as imagens terríveis de seus recentes sonhos, ele fez em silêncio uma oração a Deus. “Desde que agrade a Ti”, assim comecei, “ quem cuidou de criar a nação Judaica, e parou teu trabalho, desde que a *Fortuna* que passou para os Romanos, e tens escolhido de meu espírito anunciar as coisas que estão vindo, eu estou pronto a me entregar aos Romanos e consentir em viver; mas eu tomo a Ti como testemunha de que irei, não como um traidor, mas como teu ministro” (GJ, III, 352-354, p. 675)¹⁸

Assim, baseando-se no argumento de que já tinha conhecimento de profecias, Josefo afirma que o tempo dos judeus havia passado e que chegara o tempo dos romanos. Por que

¹⁷ “suddenly there came back into his mind those nightly dreams, in which God had foretold to him the impending fate of the Jews and the destinies of the Roman sovereigns. He was an interpreter of dreams and skilled in divining the meaning of ambiguous utterances of the Deity; a priest himself and of priestly descent, he was not ignorant of the prophecies in the sacred books.” (**The Wars of Jews**, III, 352-354, p. 675)

¹⁸ “At that hour he was inspired to read their meaning, and, recalling the dreadful images of his recent dreams, he offered up a silent prayer to God. “Since it pleases thee”, so it ran, “who didst create the Jewish nation, to break thy work, since fortune has wholly passed to the Romans, and since thou hast made choice of my spirit to announce the things that are to come, I willingly surrender to the Romans and consent to live; but I take thee to witness that I go, not as a traitor, but as thy minister.” (**The Wars of Jews**, III, 352-354, p. 675)

então a revolta? Esta é a pergunta que ele fez quando inseriu o discurso de Agripa II em **A Guerra dos Judeus**. Quanto às profecias, lembramos os estudos de Victor Passuello (PASSUELLO, 2001), segundo o qual a idéia de que o quarto império era o romano, dentro do mito das quatro idades do livro de Daniel, era de Josefo. Os quatro reinos, de acordo com Josefo, seriam o Babilônico (cabeça de ouro), Medo-persa (peito e braços de prata), Grego (entre e quadris de bronze) Romano (pernas de ferro).

Como Josefo se comporta diante disto? Percebemos que, apesar de ter morrido com conforto, recebendo favores dos imperadores da dinastia Flaviana, em boa parte da obra ele se mostra aflito com a destruição de Jerusalém e do Templo, ambos sagrados para os judeus. Ele dá a entender que os objetos sagrados seriam destruídos. Até mesmo diante da escravidão e morte dos judeus, ele tenta justificar a catástrofe nacional pondo culpa em alguns judeus. No entanto, em **Contra Apião**, ele se vê envolvido em uma defesa contra os ataques anti-judaicos.

CAPÍTULO SEGUNDO:

OS ROMANOS E OS OUTROS

Os romanos tinham conhecimento de outros povos, como os de Taprobana (Ceilão) e Iaba (Java), sabiam da Grande Muralha da China. Até mesmo Sêneca não descartava a idéia de que algum dia eles viajariam para o oeste de navio, onde encontrariam uma terra desconhecida. Eles não dominavam nem metade dessas civilizações, mas, ao mesmo tempo, vangloriavam-se de ter o mundo aos seus pés. O próprio Josefo, em um de seus argumentos contra a revolta dos judeus, afirmava que as terras habitáveis eram todas do Império, o que dificultava a vida dos judeus em outros domínios.¹⁹

Para Veyne, em cuja obra encontramos a seguinte passagem dos escritos do geógrafo Estrabão:

“O império greco-romano, com os seus três milhões e meio de quilômetros, é uma ilha de civilização cercada pelos bárbaros... greco-romanos que não eram nem ingênuos nem mais etnocêntricos do que a média dos homens, nem sempre tinham essa certeza; quando não estavam satisfeitos consigo mesmos, pensavam se os bárbaros não seriam os únicos que conservaram a pureza e o vigor originais.” (*apud* VEYNE,1992,284)

Sobre este assunto, Veyne alega que “esta contradição sempre existiu; normalmente, aquilo a que se chama mundo ou humanidade não é senão o *oikoumene*, ou seja, o horizonte humano no centro do qual a civilização julga encontrar-se e que pode explorar com o olhar até onde lhe é possível” (1992,285).

Antes dos romanos, os gregos também julgavam os escravos e a quem eles chamavam de “bárbaros” como não-humanos. Sêneca opunha-se a essa divisão:

“todo o homem é um ser semelhante a outro homem, e um amigo [...] A virtude da humanidade é, portanto, natural, mas no comportamento dos homens comuns ocupa margens restritas ou não passa de uma “cobertura ideológica”; quanto aos filósofos, tentaremos precisar qual o lugar que atribuem à humanidade do gênero humano e as conclusões a que chegam” (*apud* VEYNE,1992,286)

Em comparação com os antigos, o homem contemporâneo tem um conceito de humanidade diferente. Para ele, todos os homens, em teoria, são iguais, ao passo que, para o

¹⁹ GJ, V,366

homem da antiguidade, os escravos eram seres dotados de pouca inteligência, preparados para o trabalho braçal. Veyne, escrevendo sobre os estóicos, cada homem deve se comportar com a inteligência com que nasceu só era escravo quem se entregasse às próprias paixões. Segundo o conceito dos antigos, a natureza cuidou para que o escravo nascesse com o corpo vigoroso e vil, enquanto o homem livre seria esbelto e inapto para tarefas braçais.

Veyne (1992) chama-nos a atenção para o fato de Atenas ter massacrado os cidadãos de Melos, antes, porém, estes se lembraram de que, se Melo derrotasse Atenas, massacraria os atenienses. Cipião (236 – 186 a.C.) chorou ao ver Cartago em chamas, pois o mesmo poderia acontecer um dia com Roma. Percebe-se, assim, que os romanos tinham respeito por outros povos.

Tal humanidade, tanto a dos romanos e quanto a dos gregos, teve efeitos moderadores: proibia que esses homens fossem mais duros com os escravos do que o necessário. O imperador Augusto (27 a.C.-14 d.C.), em seu testamento, escreveu que preferia “deixar viver as gentes estrangeiras, a quem se podia perdoar com toda a segurança, a aniquilá-las” (VEYNE,1992,291)

A Roma pré-republicana tinha a mesma mentalidade guerreira dos orientais, cujo desejo era aniquilar os vencidos. Na era de Augusto, porém, Roma acolhia os vencidos²⁰, mas havia restrições, pois, em alguns momentos, ele renunciou a este direito (de acolher os vencidos) e aniquilou cidades. Os romanos só usavam o direito das *humanitas*²¹ quando consideravam necessário.

Essa política foi importante na história de Roma. Apenas algumas cidades foram aniquiladas, o que só acontecia quando elas representavam um perigo eminente para Roma.

²⁰ Acolher dá a idéia de poupar os que submetiam ao exército romano.

²¹ “Efectivamente, *humanitas* deriva de *humanus*, que por sua vez está relacionado como *homo* (‘o homem’) e *humus* (‘a terra’). (PEREIRA, 1984, 415). O termo *humanitas* é para o homem antigo o conjunto de natureza, sentimentos e vínculos que unem todos os seres humanos. Com base na “civilidade”, que se opõe a primitividade, deve-se usar de bondade e justiça para com todos os seres humanos. Em outras palavras, *humanitas* é ver o homem como igual. (PEREIRA, 1984, 415-421).

Jerusalém, por exemplo, foi destruída duas vezes, uma no século I d.C. e outra no século II d.C., porque suas revoltas colocaram em perigo a *Pax Romana*. No entanto, no século I a.C., quando a conquistou, Roma não a destruiu, pois não se tratava de uma situação de perigo eminente.

Os romanos tratavam de modo diferente os reis ou chefes dos povos vencidos: aos chefes dos inimigos era reservado o “estrangulamento na prisão, durante a celebração da vitória, no momento em que o carro do triunfador chegava ao Capitólio; assim foram mortos Vercingetórix e Simon bar-Gioras²², que se renderam com um grande cerimonial a César e a Tito” (VEYNE,1992, p. 293). Os reis, por sua vez, não eram mortos; é o caso de Perseu, que foi aprisionado em Alba por decisão do senado. No entanto, após a derrota de Pirro, Roma saqueou e escravizou 150.000 cidadãos de Epiro, fato que aterrorizou todo o Império.

Os romanos tinham também o costume de perdoar os inimigos que se rendessem antes de serem capturados. Mesmo depois de os aríetes perfurarem as muralhas, se houvesse rendição, apenas os responsáveis seriam castigados.

“Segundo Cícero, não se deve fazer guerra antes de se terem esgotado as possibilidades de negociar; as únicas guerras justas são aquelas em que os homens se defendem da injustiça do inimigo; não se deve destruir a cidade inimiga, a menos que mereça represálias” (VEYNE,1992, p. 293).

De acordo com Josefo, no sítio de Jerusalém em 70, Tito mostrou “*humanitas*” para com os cidadãos. Ele teria “derramado lágrimas” em face dos horrores da guerra, mas, ao mesmo tempo, teria explicado que os sitiados seriam tratados com extremo rigor. O imperador mandou crucificar alguns fugitivos para mostrar qual seria o futuro reservado aos que não se entregassem. Outros preferiam não se entregarem e cometiam ritual antropofágico, como é o caso do exemplo dado pela cidade de Alésia. Também Josefo afirma que, na Judéia, uma mãe

²² Devido a variações quanto a seu nome, utilizaremos Simão b. Giorias, segundo as indicações de Goodman em **A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma**, 1994.

prefere comer seu filho a entregá-lo aos romanos.²³ Mas neste caso Josefo demonstra que a culpa foi dos revoltosos que causou uma grande fome em Jerusalém. Ele afirma que os romanos repudiaram este acontecimento.

“O Império considera-se o único Estado que existe no mundo e identifica-se com o mundo civilizado, humanizado” (VEYNE,1992,295). De acordo com Veyne, Tácito já tratava os Partos como bárbaros. Neste caso, a palavra “bárbaro” já havia mudado de sentido, não servindo mais para designar os estrangeiros, uma vez que, na era Imperial, já não ocorriam muitas guerras de conquista.

Veyne alega que o verdadeiro poder do Império era a cidade, motivo de atração tanto pelos poderes locais como pelos poderes distantes que caracterizavam o Império e que eram reconhecidos pelo governador da província. “Quando Roma constata a submissão das províncias conquistadas, descobre que desempenhou uma missão: fazer reinar a paz” (1992,298).

Roma exterminava os refratários e poupava aqueles que se submetiam. Por este motivo, as províncias romanas procuraram se adaptar rápido ao estilo romano. Por ocasião de alguma revolta ou mesmo depois de uma conquista, os líderes procuravam imitar Roma, a exemplo de Júlio Sabino, que, na revolta da Gália, adotou o título de César. Josefo nos relata que Herodes, o Grande, após a conquista da Judéia pelos romanos, fez um grande porto em homenagem a César (chamado Cesaréia). Até mesmo no Oriente Grego, viam-se circo e gladiadores.

Os romanos tinham algumas limitações: deixavam que um homem de bem tivesse um patrimônio, mas, ao mesmo tempo, excluía o judeu²⁴, o cristão²⁵ e o maniqueu. No entanto, naturalizavam o estrangeiro com mais facilidade do que o grego o fazia.

²³ O nome da mãe era Maria filha de Eleazar, da vila de Beth Ezob. (GJ, VI, 201-213)

²⁴ A exceção foi o judeu “renegado” Tibério Júlio Alexandre, sobrinho de Filo, procurador da Judéia (46-48) e prefeito do Egito, na época de Nero. De acordo com Thackeray, Alexandre “Foi uma família judaica destacada de Alexandria, filho de Alabarch Alexandre e sobrinho de Filo; renunciou ao judaísmo para ficar sob o serviço

Os romanos não tinham diferenças étnicas. Seus príncipes dificilmente eram tiranos, com algumas exceções. Não tinham distinções de raças: Sétimo Severo, por exemplo, era descendente de africano. Os romanos nem mesmo recearam ter soldados e generais germanos. Porém se determinada religião não participasse de nenhum ato público ou praticasse resistência passiva ou até mesmo separatista era perseguida. Um exemplo é o cristianismo, cujos adeptos não adoravam o Imperador como um deus.

Roma servia de modelo a todas as etnias do Império. As cidades e tribos que se urbanizavam faziam parte do Império como um todo.

2.1. Roma conquistadora

O Império Romano do século I d.C. encontrava-se centrado no Mediterrâneo. Para Petit (1989), as conquistas, em sua maioria, foram efetuadas pelos imperadores Augusto e Cláudio. A Espanha e a Gália formavam as áreas continentais; a Itália, a Dalmácia, a Grécia-Macedônia, a Ásia Menor, a Cirenaica e a África do Norte eram regiões marítimas, cujas retaguardas mal foram penetradas pela civilização e pelo poder romano. As divisões do Império Romano eram feitas por áreas. Para Rostovtzeff (1967), eram cinco ao todo: a Celta, a de Cartago, a do Danúbio, a da Ásia Menor e Síria, mais a região do Egito.

Mas o que era esse Império Romano, que atingiu vastas regiões da Europa, Norte da África e Oriente Médio e teve seu limite máximo com Sétimo Severo²⁶? Pierre Grimal enfatiza que Roma, desde a monarquia, cresceu para afastar os inimigos: “vários motivos desempenharam, com certeza, um papel, para além do puro e simples instinto de dominação.

dos romanos, como procurador da Judéia, como prefeito do Egito (**GJ**, II:309), e como general chefe do estado maior do exército de Tito durante o cerco de Jerusalém (**GJ**, VI:237)”. (409, Vol. III) Tibério Alexandre também foi um dos primeiros a apoiar Vespasiano como imperador. Outros judeus importantes foram Alexandre II e Tigrano, que tiveram o reinado da Armênia durante o governo de Nero. (**GJ**, II:221-222). Josefo também foi um judeu importante, era patrocinado por Vespasiano, Tito, além de sua obra ter sido usada por Trajano e Adriano contra as constantes ameaças dos partos (THACKERAY, **Introdução da The Jewish War**, p. X).

²⁵ Excluído até Constantino se tornar cristão.

²⁶ Imperador Romano entre os anos de 193 e 211.

Em primeiro lugar, aquilo a que podemos chamar um medo obsessivo” (1999,23). Já na época monárquica ²⁷, o Lácio tinha a função de repelir aos povos que eles chamavam “bárbaros” para o mais longe possível da Itália. As fronteiras entre estes povos e os romanos estavam bem longe da cidade de Roma. O Império também procurou “civilizar” alguns povos segundo seu modelo, como os Gauleses, que sacrificavam humanos em suas religiões, ato considerado contrário à prática de liberdade dos romanos.

Augusto e Júlio César tinham pretensões de dominar o mundo:

“Augusto almejou incluir no Império a totalidade do mundo. Pelo menos, afirmou-o. O título das *Res Gestae* declara sem ambigüidades que os “actos do deus Augusto” têm por resultado submeter “o conjunto da terra ao poder do povo romano”, e a couraça da célebre estátua de Augusto, encontrada em Prima Porta, traduz em imagens esta mesma ambição, que o príncipe esteve muito longe de realizar.” (GRIMAL, 1999,59)

Ele começou por eliminar os conflitos nas províncias até então conquistadas, para, depois, se dedicar a dominar outras regiões, até mesmo reinos vassalos aliados. Um exemplo é a Judéia, que foi anexada por Roma no ano 6 d.C.

A expansão de Roma se iniciou no século III a.C., quando toda a península da Itália foi conquistada. No final do século II a.C., Roma já havia anexado Cartago (feito que lhe custou três guerras e cem anos para a anexação), Macedônia, Espanha e Grécia. Ao norte da África, os Numidas foram derrotados junto com seu rei Jugurta em 112 a.C.

Entre 58 e 50 a.C., Júlio César conquistou a Gália e fez expedições na Bretanha. Por fim, no Oriente, após as três guerras contra Mitrídates, que levou 20 anos para ser derrotado por Pompeu, o Ponto foi anexado em 63 a.C. No mesmo ano, Pompeu conquistou a Síria (e, por consequência, a Judéia) e a Bitínia. As ambições dos romanos no Oriente durante o período republicano terminaram quando, em 53 a.C., Crasso perdeu uma batalha para os

²⁷ Sempre que citarmos Monarquia, República e Império usaremos as tradicionais datas: Monarquia 753 a.C – 509 a.C; República 509 a.C. – 27 a.C.; Império 27 a.C. – 476 d.C.

Partos. A expansão republicana culminou no Egito em 31 a.C, quando Augusto derrotou Marco Antônio e Cleópatra na Batalha do Áccio, ocasionando a conquista daquele território.

A conquista de Judéia por Roma, segundo Josefo, foi facilitada pelas disputas internas entre dois irmãos hasmoneus: Hircano e Aristóbulo. Ambos recorreram a Pompeu, mas, por Aristóbulo não ter conseguido executar o prometido, Pompeu foi favorável a Hircano.²⁸

Este é o panorama das conquistas antes do advento do Império Romano. Roma já dominava praticamente todo o Mediterrâneo, com algumas exceções, como o Reino Vassalo da Judéia, Mauritânia, Nebatéia e Trácia. (Figura 1)²⁹

Mas foi no período Imperial que Roma adquiriu sua maior definição territorial. Durante as dinastias Júlio-Claudiana e Flaviana (27 a.C a 96 d.C), dois imperadores foram muito importantes para a formação territorial do Império Romano: Augusto César (27 a.C a 14 d.C) e Cláudio (41 a 54 d.C).

Augusto começou seu Império conquistando o Egito em 27 a.C., mas também fez outras anexações: conquistou completamente a Espanha em 19 a.C.; submeteu a Mauritânia em 25 a.C., a Panônia em 9 a.C; pacificou os Alpes no ano 7 a.C. e, no ano 6 d.C, anexou o reino Vassalo da Judéia.³⁰

Sua principal questão foi a Germânia, que não conquistou inteiramente. Em 12 a.C, seu general Druso começou as grandes campanhas contra a Germânia; em 9 a.C alcançou o Elba e morreu. Tibério, que também era general de Augusto, entre 7 a.C. e 4 d.C, lhes deu continuidade, mas o desastre de Varo, com a perda de três legiões na Gália, levou Augusto a desistir de alcançar o Elba, que nunca foi conquistado pelos outros Imperadores. Parte da Germânia foi conquistada, pois Germânico e Tibério, no ano 11 d.C., voltaram a fazer grandes

²⁸ GJ, I, 141 e seguintes.

²⁹ Mapa extraído do site <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/>, Acesso em 26 setembro 2006. Está na página 36 desta dissertação.

³⁰ Utilizaremos a indicação depois de Cristo (d.C.) apenas para as datas do século I d.C. Não indicaremos à datas correspondentes do século II em diante, usaremos apenas o ano.

campanhas no lugar. No ano 1 a.C., Augusto também deu início à Questão da Armênia, que, durante o século I e II d.C., foi disputada entre romanos e partos.

O Imperador Cláudio também foi importante na definição dos limites do Império na Bretanha. A conquista daquelas terras tinha sido começada por Júlio César, mas foi abandonada por Augusto. Cláudio a retomou em 43 d.C. e dominou o sul da ilha em 47 d.C. Além disso, em 45 d.C, ele anexou o reino da Trácia e, em 48 d.C, fez intervenções nos reinos do Bósforo e Criméia.

Nero (54 d.C a 68 d.C), de 59 d.C a 63 d.C, realizou a conquista temporária da Armênia, em 63 d.C, anexou o restante do Ponto e, em 64 d C., fez intervenções no norte do Mar Negro. Durante seu reinado, ocorreram importantes revoltas no interior do Império, as quais se caracterizam como tentativas de criar reinos dentro do Império, a exemplo da Judéia (66 - 70 d.C.) e do Império Gaulês (69-70 d.C.).

Foi durante o reinado de Nero que ocorreu a guerra na Judéia, cuja descrição é feita por Josefo na obra **A Guerra dos Judeus**. Nero não deu muita importância a esta guerra no começo e, como afirma Josefo, foi somente após a derrota da XIIª Legião que ele manifestou a devida preocupação, enviando Vespasiano para essa província.³¹

Foi durante esta guerra que Vespasiano foi aclamado imperador pelas legiões que estavam na Judéia. No ano de 69 d.C., durante a guerra civil que assolou o Império Romano por ocasião da ocupação do trono deixado por Nero, quando Galba, Otão e Vitélio disputavam a sucessão, um fato importante ocorreu na Judéia. As legiões Vª, Xª e XVª, que estavam combatendo os revoltosos judeus, aclamaram Vespasiano como Imperador e este deixou a Judéia e foi para o Egito, onde o governador Tibério Alexandre lhe deu apoio.

³¹ No Capítulo Terceiro, abordaremos esta guerra com mais detalhes.

Vespasiano, que passou a ter também o apoio das legiões da Panônia e Moésia, enviou a VIª legião e mais os 13000 veteranos, sob o comando de Muciano, governador da província da Síria, para a Itália.

Foi neste momento que Vitélio se deu conta de quão grande era o apoio a Vespasiano. Vitélio perdeu duas batalhas, uma para Antônio Primo na Moésia e outra na Itália. Quando Flávio Sabino³² atacou o Capitólio, Vitélio cercou o Capitólio e prendeu Sabino e Domiciano, mas Antônio Primo chegou à Itália e derrotou as tropas de Vitélio, que foi morto. Quando Múcio chegou, restabeleceu a paz dentro da cidade.

Quando o senado aclamou Vespasiano como Imperador e este deixou a Alexandria para governar Roma, incumbiu seu filho Tito de assumir o comando da guerra contra os judeus. Josefo o acompanhou, quando este assumiu o comando das tropas romanas na Judéia³³.

A dinastia flaviana fez outras anexações. Vespasiano (69-79 d.C.) anexou Comagena em 72 d.C.; com Tito (79-81 d.C.), em 80 d.C., Agrícola chegou à Escócia e, com Domiciano (81-96 d.C.), em 85 d.C., tem início a campanha contra os Dácios.

No século II, Roma atingiu seu apogeu territorial. Em 106, Trajano (98-117) conquistou a Arábia Nebatéia, em 107, anexou a Dácia, em 114, anexou a Armênia pela segunda vez e continuou sua conquista, até que, em 116 anexou a Assíria e a Mesopotâmia e tomou Selêucia e Ctesifonte dos Partos, alcançando assim o Golfo Pérsico. Foi, no entanto, obrigado a retornar para contornar a violenta rebelião dos judeus (117). Adriano (117 a 138) terminou o muro que leva o seu nome (Bretanha) em 127, anexando uma pequena parte da Bretanha, e acabou com outra violenta rebelião judaica de Bar-Kochba (133-135). Antonio Pio (138 a 161) reforçou o *limes* na Dácia em 140. Neste período houve paz com os partos, mas foi travada guerra na Armênia. O Império sofreu também os primeiros ataques ao muro

³² Irmão de Vespasiano

³³ Em **GJ**, IV, 588 a 663, Josefo relata estes acontecimentos, desde a proclamação de Vespasiano como Imperador até sua chegada à Roma. Sobre o comando de Tito na Judéia, escreveremos no terceiro capítulo.

de Adriano na Bretanha. Já o Imperador Marco Aurélio (161-180), conquistou definitivamente a região norte da Mesopotâmia (Dura Europos, Edessa, Nisibis) em 165, criando, em 166, a província da Mesopotâmia. Neste mesmo ano, ele tomou novamente Selêucia e Ctesifonte, e, em 179, a região dos Cárpatos (norte da Armênia) e a Boêmia. No entanto, foi também durante seu governo que os godos começaram a pressão para entrar no Império. Cômodo (180-192) reforçou o *limes* do Danúbio e Reno, colocou guarnições na Armênia, na Numídia e Mauritânia, mas, em 185, abandonou o muro da Bretanha. Com Sétimo Severo (192-211), o Império tinha chegado a seu limite máximo e, a partir de então, começou a perder terreno para os persas sassânidas (estes haviam destronado a dinastia dos partos) e para os bárbaros do norte do Reno e Danúbio. (Figura 2) ³⁴

³⁴ Mapa extraído do site <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/> Acesso em 26 setembro 2006. Está na página 37 desta dissertação.

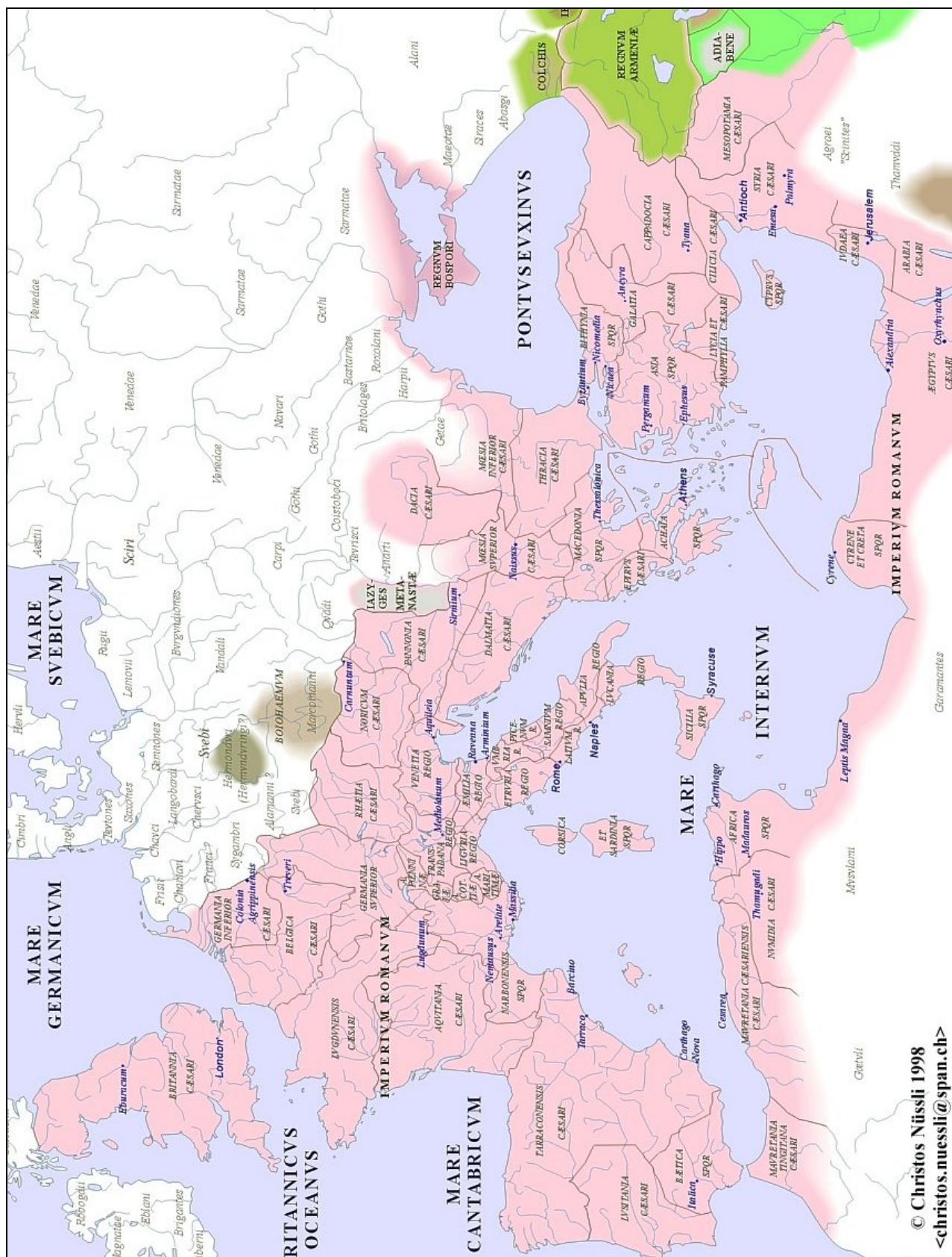


Figura 2 (Império Romano – Século II d.C.)

2.2. Roma e as Províncias

Para Alföldy, nos dois últimos séculos da República, Roma enfrentou uma crise, cuja origem se deveu a diversos conflitos, dos quais ele enumera quatro:

“Os primeiros três grandes tipos são as lutas de escravos, a resistência dos habitantes das províncias contra o domínio romano e a luta dos itálicos contra Roma. O quarto e mais significativo tipo de conflitos do último período da República tinha lugar entre os cidadãos romanos, reunidos em grupos com interesses opostos.” (1989,82)

Vamos nos ater aos conflitos dos provinciais. Segundo o autor, esta revolta não pode ser chamada de movimento social contra Roma, pois não tinha origem em grupos pré-estabelecidos. As províncias revoltavam-se, não pela libertação de uma classe de membros oprimida, mas, sim, pela “libertação de comunidades, Estados ou povos, outrora independentes, da opressão do Estado romano” (1989,82). Ele acrescenta que os movimentos dos provinciais e dos escravos tinham interesses opostos, não estavam associados, mas “não deixavam de ter, no entanto, um caráter social, pois eram geralmente as camadas mais baixas da população que maior resistência opunham a Roma” (1989,82).

As províncias eram mal administradas pelos governadores. Para Balsdon, “a administração dos governadores provinciais era quase sempre corrupta” (1968,39), o que era favorecido pelo tempo de permanência no cargo. Para Grimal (1999), o fato de um governador ficar apenas um ano na província propiciava abusos. No entanto, no final da República, em razão das revoluções e da crise, esta forma de opressão nas províncias já tinha diminuído.

Sherwin-White afirma que, no advento do Império, para acabar com as más administrações, foi criada a lei da extorsão, destinada a proteger os súditos do Império contra os abusos dos seus representantes. Quando perdia a causa, ainda que pena fosse a menor possível, o sentenciado tinha a certeza do fim de sua carreira. Mas

“a lei de extorsão dizia respeito aos direitos de homens de posses, magnatas da província, que tinham cadeira nos conselhos municipais, que dispunham do ócio e dos meios para viajar até Roma e arcar com as custas do processo, que implicavam o pagamento de todas as testemunhas” (1968,91).

Já ao homem comum, restava-lhe apenas a possibilidade de enviar uma petição escrita ao próprio imperador.

Augusto começou por fazer a pacificação das províncias nas quais a administração romana encontrava alguma dificuldade. Também dividiu o Império em províncias Senatoriais e Imperiais.

As províncias senatoriais, que estavam pacificadas e já não tinham exército, “continuavam a ser governadas por procônsules (ex-pretore e ex-cônsules), como durante a República” (JONES,1968,64). Estas províncias eram a Dalmácia, Macedônia, África. A Dalmácia logo se transformou em imperial. A “Macedônia perde as tropas e Calígula destitui o procôncul do comando da legião da África [...] Depois de Augusto, a África, Ásia, Bética, Nardonesa, Sicília, Creta-Cirenaica conservaram senatoriais” (PETIT,1989,130). O Imperador podia intervir nelas por meio de editos e por nomeações ou prorrogações excepcionais.

Quanto às províncias imperiais, em “que o Príncipe era governador legal e onde se fazia representar por lugares-tenentes escolhidos à sua vontade” (GRIMAL,1988,111), eram indispensáveis, em razão de ameaças externas e internas. O Príncipe era o comandante supremo do exército. Entre estas havia uma divisão, pois, de acordo com Jones, “os consulares eram empregados nas províncias mais importantes, cujas guarnições compreendiam diversas legiões, e os pretorianos, naquelas que não possuísem guarnição ou que só tivessem uma legião” (1968,64).

O número destas províncias aumentou com a conquista. Algumas delas eram muito ricas, como a Síria, Tarraconense, Gália. O Imperador tinha todo o cuidado ao escolher seus governadores, o que dependia do número de legiões, de uma a três. Algumas eram

comandadas por senadores, outras por pretorianos, já as maiores, como a Síria, por legados. Esses governadores, que ficavam a serviço do Imperador, eram ajudados por chefes de legiões.

Algumas destas províncias, menores, menos ricas e recentemente conquistadas, escapavam por completo dos senadores. “Eram governadas por cavaleiros, chamados sucessivamente, parece, de *praefecti*, *procuratores Augusti*, *praesides*. Eles aí comandavam tropas auxiliares e dispunham de poderes civis e militares” (PETIT,1989,131). Exemplos destas províncias são a Judéia, as Alpinas e as Mauritânias.

De acordo com Jones, a única província pessoal do Imperador e onde nenhum senador podia entrar, era o Egito, cuja administração era confiada a um prefeito-cavaleiro, que tinha poderes especiais de um procônsul. O Egito dispunha de legiões comandadas pelo prefeito.

Os procuradores do Imperador nas províncias senatoriais eram encarregados das extensas propriedades privadas do líder do império, mas, nas províncias imperiais, eles eram responsáveis pela arrecadação de impostos e pelo pagamento dos soldos ao exército romano.

Em províncias pacificadas e que não faziam parte das fronteiras, era concedido aos governadores o poder de controlar a ordem pública e os problemas de jurisdição mais sérios. Eles tinham o poder de combater e punir grandes crimes, tais como assassinatos, adultério, banditismo, julgar e condenar pessoas à pena de morte, solucionar todos os problemas relacionados a dinheiro, status social, interpretações de leis locais e outros.

Assim como eles poderiam enviar seus problemas para serem solucionados pelo senado e pelo Imperador, também os provincianos poderiam relatar e enviar petições sobre os problemas a Roma. Uma decisão do governador só era anulada pelo poder central. Por isso, geralmente se procurava de ter o parecer de Roma.

Nas províncias também ocorriam as assembléias, *concilia* ou *koina*, a cujos participantes eram atribuídas as responsabilidades da religião, ou seja, do culto ao Imperador.

Sherwin-White (1968) nos informa que as jurisdições das províncias ficavam a cargo dos magistrados locais, dependendo da gravidade do crime; crimes mais graves eram submetidos aos procuradores e governadores e os de gravidade superlativa, ao Imperador.

O Império Romano dependia do apoio dos conselhos provinciais para ser governado. O conselho, chamado cúria, era composto pelos mais ricos e influentes das províncias. Ocorria nisso uma troca: esse conselho governaria, procurando manter a paz romana, e os romanos favoreciam seus membros com terras, riquezas e qualquer participação mais séria no governo local. Desta forma, sua função era, além de fazer o culto ao Imperador com grandes pompas, buscar manter a paz romana.

Roma soube explorar as aristocracias locais, que, se unidas, tinham poder para derrubar até mesmo governadores e procuradores. Se movessem ação contra o governador, este deixaria o cargo muito rapidamente. Esses conselhos até mesmo debatiam sobre a conduta de ex-governadores e ex-procuradores ainda que seus cargos já tivessem expirado: se não tivessem ficado satisfeitos com ela, moveriam ação contra eles, podendo, em muitos casos, arruinar suas carreiras.

Para Petit, no interior destas províncias imperiais, distinguam-se duas formas de administração:

“[Planície] “desprovida de organização municipal, unicamente povoada por estrangeiros e deditícios, inteiramente à mercê dos governadores”. [Cidades] “que eram urbes com um território administrado por elas mesmas, muito numerosas nas regiões de civilização antiga, recentes alhures, mas em constante crescimento pela romanização” (1989,131).

Com efeito, na camada superior do Império estavam incluídas a Ordem dos Decuriões, a Ordem Equestre, a Ordem Senatorial, a Família do Imperador, os libertos ricos e o Imperador. Na ordem equestre enquadravam-se os procuradores e governadores das províncias e, na ordem dos Decuriões, as aristocracias das províncias. A linha entre a camada superior e a inferior era bem nítida. O direito romano, a partir do século II d.C., fala dos

honestiores, que detinham um prestígio, dos *humiliores* e dos *tenuiores*, que não detinham prestígio.

Os critérios para se incluir na camada superior eram: ser rico, ter cargo superior e prestígio social e ser membro da respectiva ordem administrativa. No caso das províncias, a camada superior era aquela que estava reunida na Ordem dos Decuriões, cuja atribuição era administrar as províncias locais. Essas pessoas eram reverenciadas pela população em geral. As aristocracias eram organizadas, cooperavam entre si para manter o rigor social.

Goodman (1994) mostra que, na Judéia, a classe dirigente ficou desunida, provocando a Guerra Civil. Ao chegar nessa província, Roma já encontrou uma elite que estava disputando internamente o poder e que já não tinha mais o prestígio que tivera no século anterior. Além dos conflitos entre os dois irmãos, Hircano e Aristóbulo, existia também o desgaste religioso com os fariseus. Com isso, Roma precisou colocar uma nova elite na Judéia, a família de Herodes, que, por sua vez, teve que substituir os sumo-sacerdotes por outros, vindos de Alexandria e Babilônia e, portanto, desconhecidos dos judeus. Em outras palavras, ele precisou “forjar” uma nova elite, pois a antiga tinha perdido o prestígio, mas esta nova elite também não tinha prestígio.

Nas províncias existiam diferenças entre os Decuriões. Dependendo da província, variava a quantidade mínima de fortuna para alguém ser admitido nesta ordem: por exemplo, em Cartago e Itália do Norte exigia-se possuir 100mil sestércios; em regiões urbanas menos importantes exigiam 20mil. O valor poderia variar de acordo com a atividade exercida, educação, origem e atividade econômica.

A sociedade romana nunca foi de castas, apreciava o mérito pessoal. Na base, estavam as classes inferiores: os *servi* (escravos), *liberti* (libertos) e *ingenui* (camponeses). A vida das camadas inferiores da população urbana era melhor do que a da população rural. Até

mesmos os escravos urbanos recebiam tratamento melhor do que os camponeses. A população rural do Império Romano girava em torno de 90%.

Quanto à Judéia, Rocha entende que, assim como no Egito, a situação da população rural “livre”

“é mais desfavorável que a dos escravos nas propriedades de senhores romanos. Filo (De spec. Leg. 3,159) descreve um quadro sombrio da camada rural, destacando os pesados impostos a que é obrigada. Em casos de fuga de camponeses para não pagarem impostos, suas famílias ou vizinhos são brutalmente maltratados e até torturados à morte” (2004,57).

No caso da Judéia, observa-se que o Estado é bastante pesado na cobrança de impostos: era uma alta carga. Rocha (2004) nos informa de que era bastante comum a classe rural se levantar contra a opressão da classe dominante judaica e dos governadores romanos.

As províncias romanas tinham certa autonomia para resolver seus assuntos internos, uma vez que, antes de tornarem províncias, eram povos independentes com costumes e sistemas próprios. No entanto, para ter essa autonomia, deveriam, além de fornecer tropas, pagar os impostos. De acordo com Sherwin-White (1968), quem cobrava os impostos não eram os governadores: um jovem senador (*quaestor*) ou dois ou três procuradores imperiais, provenientes da ordem dos cavaleiros romanos, eram responsáveis por fazer essa cobrança em todo o Império Romano.

No Império, havia dois tipos de impostos: os que pesavam sobre os “estrangeiros (*stipendium* ou *tributum*) e sobre os cidadãos (*vicesima hereditatuim*), e os impostos indiretos, sobre as vendas ou sobre manumissões, taxas de circulação ou portaria.” (PETIT,1989,132)

Os impostos diretos que pesavam sobre todas as províncias (cidadãos ³⁵ e estrangeiros): eram territoriais. Na época do Império, o imposto direto era cobrado por

³⁵ Exceto as que gozavam do *jus italicum*, que as assimilava ficticiamente à terra itálica, propriedade quirítária. (PETIT, 1989,132)

procuradores com a ajuda dos magistrados municipais; já o imposto indireto era praticado por arrendatários.

A fim de assegurar receitas regulares para o Império, foi iniciado por Agripa um processo de recenseamento e cadastramento, cuja conclusão foi realizada por Trajano. O censo consistia em visitas regulares, do *legati ad census accipiendos* nas províncias. Os relatórios eram enviados a Roma, que, assim, tinha melhores condições de cobrar os impostos.

O Estado tinha o monopólio das minas. A responsabilidade pela construção das obras públicas, especialmente edifícios e estradas, era dividida entre Roma, onde cabia aos *Curatores*, e províncias, onde cabia aos governadores.

Roma não era sustentada apenas por impostos, mas havia rotas de comércio no interior do Império Romano, ligando as províncias a Roma. Além do comércio interno, havia também o comércio externo, responsável pela existência de grandes setores econômicos tanto nas províncias quanto na Itália.

Para Petit, o que propiciou o comércio interno foi o fato de o Império ter procurado pacificar e acabar com a exploração nas províncias, evitando, assim, guerras civis e lutas políticas. “Durante todo o século I, apesar das campanhas militares, limitadas à periferia, reinou a paz” (1989,143), viabilizando-se o grande comércio no Mediterrâneo. Essa situação começou a mudar com as guerras de Trajano (97 – 117) e com a ameaça “bárbara” na época de Marco Aurélio (161 – 180).

Um dos mais importantes fatores econômicos era o comércio de trigo, que abastecia o Estado e as cidades provinciais. Além do trigo, existiam outros produtos que, em geral, circulavam dos seus produtores para os bazares das cidades provinciais, e, por sua vez, saíam das províncias. Havia também produtos secundários, como as sedas produzidas na Síria, nas cidades de Beirute e Tiro. As iguarias orientais eram preferidas pela clientela mais rica. “O

essencial era que as províncias representavam um papel cada vez maior na economia do mundo romano, desde que deixaram de ser exploradas para o serviço exclusivo de Roma e da Itália.” (PETIT,1989,144)

As províncias, durante parte do século I d.C., não puderam fazer frente à Itália, e a obra de Augusto foi garantir a superioridade da península Itálica. No entanto, paulatinamente, as províncias foram enfrentando a Itália, chegando à situação descrita no parágrafo anterior. No Oriente, a província da Síria destacou-se pelos tecidos e iguarias, ao passo que, no Ocidente, os motivos de proeminência das províncias eram as atividades marítimas e militares.

A exploração das minas foi de extrema importância e os romanos continuaram a explorar as jazidas descobertas antes deles nas antigas províncias da Espanha e Macedônia, além das que descobriram na Dalmácia, Nórica, Gálias e Dácia. O tipo de exploração era diverso, assim como o tipo de mineral: ouro, prata, mármore, ferro. O sistema monetário romano era válido para todo o Império.

Para Sherwin-White (1968), Roma dava maiores direitos, privilégios e prestígios aos detentores da cidadania romana. Eles mostravam-se dispostos a dar cidadania aos súditos que os serviam e que, em períodos de conquistas, os ajudavam a aumentar o Império. Conforme vimos, após o serviço militar, os legionários tornavam-se cidadãos romanos.

Depois de obterem essa cidadania, os provincianos deviam abandonar os costumes antigos, substituindo-os pelos romanos, especialmente a língua, ou seja, deviam adotar o latim. Na parte oriental do Império, o grego era a língua oficial. A cidadania não era imposta pelo governo romano, a iniciativa era dos próprios provincianos, que a solicitavam ao governo. Muitas vezes, grupos ou cidades inteiras recebiam cidadania. Os provincianos poderiam também, individualmente, tornar-se cidadãos romanos, se cooperassem com o

Império durante uma guerra. Assim aconteceu com Josefo, depois de cooperar com o exército romano durante a guerra dos judeus.

De acordo com Grimal, foi com Cláudio (41-54 d.C.) que o processo de cidadania começou a aumentar, porque ele concedeu esse direito às províncias do Ocidente. Assim, “o direito de cidade romana foi gradualmente se expandindo a povos cada vez mais numerosos” de forma que “os vencidos de outrora são agora considerados iguais aos vencedores” (1999,90).

A concepção de um “Império Universal” começou a se cumprir. O processo de concessão de cidadania prosseguiu até o Imperador Caracala (211-217), que, “desde 212, concedia a cidadania romana a todos os homens livres que vivessem no Império” (GRIMAL,1999, 126).

A cidadania romana significava para os cidadãos beneficiados um direito maior. Conforme vimos, um cidadão romano não poderia ser morto pela aristocracia provinciana, se ele não tivesse dinheiro para ir a Roma, poderia escrever uma petição ao Imperador, tinha mais liberdade para viajar pelo Império, poderia ascender ao Senado, à ordem dos cavaleiros. Esses privilégios eram negados aos estrangeiros e aos escravos. Um exemplo de como a aristocracia não poderia julgar um cidadão romano encontra-se no registro da vida de Paulo, que, ao ser acusado pelas autoridades judaicas, pôde apelar para Roma. Por outro lado, o cidadão romano deveria pagar mais impostos, como o imposto da herança que era destinado ao pagamento do exército.

2.3. Roma e o cristianismo

Outro assunto que nos chamou a atenção foi o problema que Roma teve com a religião judaica, especialmente com a cristã, que surgiu de dentro do judaísmo. Grimal (1990), na obra **Os erros da liberdade**, destaca que, no que se refere a religiões, os romanos reconheciam

autoridades divinas de regiões distantes. Eles entendiam o princípio da fé. Logo, para os romanos, bastava que os povos submetidos seguissem a religião oficial e que os ritos oficiais fossem cumpridos. Cícero afirmava que a religião oficial era necessária para que o Estado sobrevivesse. Os romanos faziam distinções claras entre crenças pessoais e suas eventuais manifestações públicas. Essa liberdade era de crença e pensamento e não de atos.

Assim, “de uma maneira inteiramente genérica, havia lugar em Roma para todas as crenças e todas as práticas, se estas não fossem manifestamente imorais e contrárias à ordem pública” (GRIMAL, 1990,164). Como exemplo, podemos citar as bacanais, em que se praticavam atos criminosos, assassinatos, violações, suposição de testamentos. Outro exemplo foi a religião dos druidas, que os romanos, sob o comando de Augusto e Cláudio, decidiram exterminar. Um dos fatores principais para tal perseguição era a realização de sacrifícios humanos nas cerimônias, o que contrariava o *ius gentium*, direito natural comum ao gênero humano. Os romanos tiveram trabalho para extinguir esta prática de sua própria religião. Tibério também tomou a decisão de acabar com os sacrifícios de crianças na África e nos países que outrora tinham sido submetidos a Cartago.

A causa da perseguição aos cristãos, segundo Grimal, era que o cristianismo pregava o fim do Império e o advento de um novo reino:

“De fato, os cristãos comportavam-se como *facciosos* e, o que era ainda mais grave, abstinham-se não apenas de fazer sacrifícios às divindades oficiais, mas, mais especificamente, recusavam-se a fazer os gestos rituais de adoração diante da estátua do Imperador. Do domínio religioso a questão passava para o da vida política.” (1990,168).

Negar-se a fazer gestos de adoração à majestade era uma demonstração de hostilidade à ordem estabelecida. Os romanos incriminavam os comportamentos e não as opiniões e os cristãos não se comportavam de acordo com a religião oficial.

De acordo com Flávio Josefo, quando eclodiu a revolta Judaica em 66 d.C., a primeira ação dos sacerdotes foi abolir o culto ³⁶ ao Imperador Nero, o que significou um ultraje ao Império Romano. Conforme dissemos acima, os romanos eram tolerantes no que se referia à religião e, com pequenas exceções, até mesmo a religião judaica foi tolerada. Sherwin-White (1968) destaca que os romanos deram cem anos de tolerância aos judeus. Josefo parecia acreditar que os judeus tinham plena liberdade de culto, como aparece em suas considerações sobre a cidade de Alexandria:

“[...] quando Alexandre [...] concedeu a eles, como uma recompensa por sua assistência, permissão para residir na cidade nos termos de igualdade com os gregos [...] eles puderam observar livremente suas normas mais estritas [...] Novamente, quando os romanos também possuíram o Egito, nem o primeiro César e nem qualquer de seus sucessores consentiram na diminuição das honras conferidas aos judeus desde o tempo de Alexandre” (GJ, II, 488-489, p. 513) ³⁷

No campo das idéias, o monoteísmo dos judeus e dos cristãos contrapunha-se ao politeísmo dos romanos. Segundo Simon e Benoit, “o dogma judaico reduz-se a duas afirmações essenciais, a da unidade de Deus e a da eleição de Israel, que se encontram como resumidas e combinadas na solene declaração do **Deuteronômio** (6,4): Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor” (1987, 55).

Esta afirmação de que Deus é único e Israel é a única nação escolhida por ele nos remete às revoltas judaicas contra Roma. Os judeus não aceitavam a submissão de sua terra aos romanos, o que resultou no surgimento de grupos messiânicos no século I d.C. O “clima” de não aceitação destes grupos chegou ao auge no ano 66, com a revolta contra Roma.

³⁶ Devemos destacar que a aristocracia judaica, com poucas exceções, a exemplo de 66, dificilmente aboliu o culto ao Imperador.

³⁷ “[...] when Alexander [...] granted them, as a reward for their assistance, permission to reside in the city on terms of equality with the Greeks [...] they might be free to observe their rules more strictly; [...] Again, when the Romans took possession of Egypt, neither the first Caesar nor any of his successors would consent to any diminution of the honours conferred on the Jews since the time of Alexander.” (**The Jewish War**, II, 488-489, p. 513).

Porém, o judaísmo ainda tinha lugar dentro do Império Romano. Depois da conquista da Judéia em 63 a.C., a religião judaica tinha criado um novo tipo de sacrifício no Templo: o sacrifício diário em honra ao Imperador, que só foi extinto no começo da revolta dos judeus.

Os cristãos, por sua vez, pregavam um novo reino. “Cumpru-se o tempo e o reino de Deus está próximo arrependei-vos e crede no evangelho’: assim se resume, segundo **Marcos** (1,15), a mensagem de Jesus.” (SIMON e BENOIT, 1987,88). Este Reino era o Reino dos Céus, e “a soberania divina sobre a humanidade e o universo irá manifestar-se de modo estrondoso através da eliminação de toda potência adversa, demoníaca ou humana, e assim se implantar sem quaisquer restrições” (SIMON e BENOIT, 1987,89).

A idéia de que Jesus, como Messias e Mestre, conforme nos mostram os Evangelhos, traria este novo reino à Terra fez com que o Messianismo judaico e, por conseqüência, os grupos apocalípticos fossem uma das principais bases do cristianismo. Jesus era da linhagem real de Davi, conforme **Lucas** e **Mateus**³⁸. A junção deste fato à identificação de Jesus como Messias conduz-nos indiretamente a informações contidas nos evangelhos, como a idéia de que a população judaica esperava que ele fosse o redentor da nação. Ele inclusive morreu como inimigo romano, agitador político, conforme escrevem Simon e Benoit. Até mesmo os evangelhos apontam para esta idéia quando nos apresentam as acusações contra Jesus: “Este é o rei dos judeus” (**LUCAS**, XXIII,38).

Nos termos de Simon e Benoit, não é fácil conciliar os dados evangélicos a respeito da mensagem de Jesus aos gentios, mas, de qualquer forma, Jesus afirmava a eleição de Israel:

“Em todo caso, é evidente que para Jesus a eleição de Israel era fato incontestável; que ela criava, no tocante ao Reino, uma prioridade igualmente indiscutível: “primeiro ao judeu, depois ao grego” – é a interpretação que o próprio Paulo, cujo universalismo está fora de dúvida, irá dar à pregação do evangelho (Rom 1,16)” (1987, p. 93)³⁹

³⁸ **Lucas** III, 23-38; **Mateus** I,2-17

³⁹ “Na verdade, eu não me envergonho do evangelho: ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê, em primeiro lugar do judeu, mas também do grego” (**ROMANOS**, 1, 16).

O cristianismo, diferentemente do judaísmo, expandiu-se entre os “povos pagãos”. Durante todo o século I d.C., algumas tradições judaicas, como normas alimentares, foram sendo excluídas do cristianismo. Apenas o mínimo de obrigações rituais seria imposto aos cristãos, como abster-se de carnes imoladas a ídolos, de fornicção e de consumo de sangue dos animais⁴⁰.

No entanto, assim como o judaísmo, o cristianismo era religião monoteísta, fato que pareceu estranho aos demais povos do Império:

“Ao rejeitar qualquer compromisso e ao sustentar, de forma inédita, a intransigência monoteísta, a Igreja, de imediato, pareceu aos pagãos um corpo estranho, inassimilável. Razões idênticas motivaram contra ela a animosidade que os judeus haviam enfrentado. Mas, ao contrário destes, os cristãos não tinham a invocar um estatuto oficial. Elementos recém-aparecidos, revolucionários, infiéis quer em relação à tradição israelita, da qual se originara sua religião, quer em relação à do paganismo, de que eram transfugas, representavam um *tertium genus* sem lugar nos quadros da sociedade antiga” (SIMON e BENOIT, 1987, 120).

Diferentemente do Judaísmo, que oferecia um sacrifício diário ao Imperador, o Cristianismo se recusava a prestar adoração ao líder romano. Isto era uma afronta ao Império, pois o culto ao Imperador era tanto um ritual civil como religioso. Os cristãos colocavam-se à margem da sociedade, porque eventos como jogos, circo, teatros, atividades artísticas e ofício das armas eram considerados imorais, conforme lembra Simon e Benoit. Como eles exaltavam a virgindade, uma pessoa cristã não poderia se casar com uma pagã. Seus comportamentos eram, portanto, estranhos à sociedade romana.

⁴⁰ ATOS XV,28-29.

CAPÍTULO TERCEIRO:

JUDÉIA: conflitos internos e externos

3.1. Conflitos internos

Josefo leva os seus leitores a crer que a primeira revolta aberta contra Roma foi a de Judas, o Galileu, que não aceitou o censo que Quirino, tributo da Síria, com anuência do prefeito Coponius, fez na Judéia no ano 6 d.C. A Judéia tinha se tornado província de Roma e Quirino, ao realizar o censo na região, enfrentou a oposição de Judas. Na passagem a seguir, Josefo apresenta este último como um dos principais responsáveis pela revolta: “Judas que, como nós indicamos previamente, induziu multidões de judeus a se recusar a registrar eles mesmos, quando Quirino foi enviado como censor para a Judéia”.⁴¹ (**GJ**, VII, 253, p. 577).

Em **A Guerra dos Judeus**, mesmo considerando fatos importantes, como a entrada de Antíoco Epifânio no Templo em 166 a.C., ele defende a idéia de que a revolta de Judas, o Galileu, deu origem a um novo tipo de relacionamento entre judeus e romanos, que, por sua vez, desencadeou tanto as revoltas ocorridas ao longo do século I d.C. como a guerra dos judeus.

De 63 a.C., ano em que Pompeu entrou em Jerusalém, a 6 d.C., a Judéia era apenas um reino autônomo vigiado por Roma. Durante esse período, praticamente não ocorreram revoltas contra Roma, a não ser a guerra⁴² de Matatias Antígono⁴³, coroado como rei dos judeus pelos partos, contra Herodes, coroado como rei dos judeus pelos romanos em 40 a.C. Herodes saiu vencedor e, em seu reinado, que durou até o ano de sua morte em 4 a.C., vigiou vigorosamente a Judéia. Ele apoiou Antônio na batalha do *Actium*, mas Otávio o deixou no trono. Depois que este morreu, quando Augusto dividiu o reino em quatro, a Judéia ficou com Arquelau.

Durante o reinado de Arquelau, começaram os distúrbios contra a dinastia de Herodes e, dez anos depois, em 6 d.C., eles ainda ocorriam.

⁴¹ “Judas who, as we have previously stated, induced multitudes of Jews to refuse to enroll themselves, when Quirinius was sent censor to Judaea.” (**The Jewish War**, VII, 253, p. 577)

⁴² Esta guerra ocorreu entre 40 a 37 a.C.

⁴³ Matatias Antígono, filho de Aristóbulo II, coroado rei dos judeus pelos partos de 40 a 37 a.C.

Em **A Guerra dos Judeus**, Josefo apresenta a tradicional queda de Massada, ocorrida em 73 d.C., como o episódio que praticamente marcou o fim da guerra dos judeus. Ao tratar deste tema, com o qual, coincidentemente, ele encerra sua obra, afirma que quem dirigiu Massada durante sua queda foi Eleazar b. Iair, um possível descendente de Judas, o Galileu⁴⁴.

Tal como Lucas⁴⁵, Josefo indica Judas, o Galileu, como um dos líderes que levou seus seguidores a perecerem na revolta contra Quirino. “Depois dele veio Judas, o Galileu, na época do recenseamento atraindo o povo atrás de si. Pereceu ele também, e todos os que lhe obedeciam foram dispersos” (**ATOS V – 37**).

Desta maneira, Josefo nos apresenta um homem judeu, isto é, Judas, o Galileu, que, revoltando-se contra o censo de Quirino e incitando o povo a fazer o mesmo.

Judas, o Galileu, que era natural da cidade de Gamala, é acusado por Josefo de ter iniciado a revolta contra os romanos e, embora afirme que seus seguidores, a quem ele chama de sicários, tenham tido papel importante na guerra dos judeus, julgamos que não foram tão relevantes como ele. Desta forma, aproxima-se da idéia de Lucas, para quem “todos os seus seguidores foram dispersos”.⁴⁶

O ano 6 foi um ano turbulento na Judéia, pois coincidiu com o fim do reinado de Arquelau, cuja marca foi a afronta do rei aos judeus. Josefo menciona a ocorrência de uma revolta já no começo desse reinado, quando alguns revolucionários quiseram matar os carrascos daqueles judeus que se opuseram à águia de ouro de Herodes⁴⁷.

Foi nesse reinado que Sabino, governador da Síria, fez uma incursão direta para se apoderar dos tesouros de Jerusalém⁴⁸, dando margem, assim, à primeira revolta dos judeus contra os romanos. Josefo descreve Sabino como um romano que incitou os judeus à

⁴⁴ **GJ**, VII, 252-253. Thackeray afirma em uma nota que Eleazar era filho de Iair e possivelmente neto de Judas (1957, 577, Vol. III).

⁴⁵ Lucas escritor do Evangelho de **Lucas** e do livro de **Atos**.

⁴⁶ **ATOS**, V, 37

⁴⁷ **GJ**, II, 4-6

⁴⁸ **GJ**, II, 16-19

revolta⁴⁹. Foi preciso que Varo interviesse na Judéia, mas esta intervenção custou caro aos judeus, uma vez que dois mil deles foram crucificados: “em número aproximado de dois mil, ele [Varo] crucificou” ⁵⁰ (GJ, II, 75, p.351).

Após essa mortandade, judeus e representantes da casa de Herodes foram mandados como embaixadores para negociar com Augusto o fim da guerra. Os judeus pediram que suas terras fossem anexadas à Síria, ao invés de ficar com a dinastia de Herodes.

Ao fim de seu reinado, no ano 6 d.C, Arquelau foi extraditado para a Gália. Roma anexou a Judéia, e Coponius tornou-se o primeiro prefeito do local. É neste contexto que Judas, o Galileu, se posicionou, conforme nos informa Josefo:

“um Galileu, chamado Judas, incitou seu país à revolta, censurando os judeus como uns covardes pelo consentimento de pagar tributo aos Romanos e tolerar seus senhores mortais, após ter Deus por seu senhor” (GJ, II, 118, p. 369) ⁵¹

No ano 6, a Judéia foi submetida à autoridade de Quirino, cujo primeiro ato foi fazer o recenseamento das fortunas. A população judaica manifestou-se contrária a tal medida, tornando necessária a intervenção de Joazar b. Boethus, sumo-sacerdote. Mas os ânimos não se acalmaram e Judas, o Galileu, juntamente com Sadoque “conseguiram reavivar a efervescência afirmando que esse recenseamento significava, para o povo, uma servidão completa” (HADAS-LEBEL, 1991,50).

Goodman, na obra **A classe dirigente da Judéia**, escreve que a Joazar foi confiada a função de ajudar a organizar o censo, mas os problemas que enfrentou foram tantos que lhe custaram sua própria função de sumo-sacerdote:

“descontentamentos, distúrbios e uma pequena rebelião dirigida por um certo Judas, o Galileu. O censo, a despeito de tudo, foi realizado, mas depois disso Joazar veio a ser tão amplamente odiado que, daí a poucos meses, sua destituição do sumo sacerdócio foi, com sucesso,

⁴⁹ GJ, II,39-54

⁵⁰ “in number about two thousand, he crucified” (**The Jewish War**, II, 75, p.351)

⁵¹ “a Galilaean, named Judas, incited his countrymen to revolt, upbraiding them as cowards for consenting to pay tribute to the Romans and tolerating mortal masters, after having God for their lord.” (**The Jewish War**, II, 118, p. 369)

exigida pelo povo, e a família de Boethus não produziu outro sumo sacerdote até que Agripa I ressuscitasse sua influência” (1994,54)

Para Josefo, Judas pensava igual aos fariseus exceto num ponto em que diziam que: “eles tinham uma inviolável fixação pela liberdade e dizem que Deus é seu único Soberano e Senhor” (AJ, XVIII: 23)⁵². Esta filosofia causou a ruína do país:

“Por Judas e Sadoc, que estimulou uma quarta seita filosófica entre nós, tinha grande número de seguidores nela, encheu nosso governo civil com tumultos no presente, e estabeleceu fundações para nossa futura miséria” (AJ, XVIII,9)⁵³

Tanto para Hadas-Lebel (1991) quanto para Goodman (1994), o que Judas e Sadoque propunham não era uma substituição das autoridades romanas pelas judaicas, uma vez que eles haviam visto as experiências desastrosas dos últimos reis judeus da dinastia dos Hasmoneus. O que eles almejavam de fato era um Estado, cujo único e soberano Senhor fosse Deus. Ninguém deveria ser o governante da Judéia, somente Deus.

Conforme afirma Hadas-Lebel, “um número muito grande de escritos ditos ‘apocalípticos’ anunciava então o reino de Deus... Um livro dominava toda essa literatura, o livro de **Daniel**, cuja autoridade era tamanha que ele foi aceito no cânone bíblico” (1991,51). As partes da estátua do sonho de Nabucodonozor II e as quatro bestas da visão de Daniel representavam os quatro impérios⁵⁴: Babilônia, Média, Pérsia e Grécia. “O último é o império de Alexandre, dividido em dois como os pés da estátua: reino dos ptolomeus do Egito e dos selêucidas da Síria.” (52). A Síria, também representada por uma besta sem nome, com dois chifres, seria julgada pelo “Ancião dos dias”. Ela seria morta quando seu corpo fosse lançado

⁵² “they have an inviolable attachment to liberty and say that God is to be their only Ruler and Lord” (*Antiquities of the Jews*, XVIII, 23)

⁵³ “for Judas and Sadduc, who excited a fourth philosophic sect among us, and had a great many followers therein, filled our civil government with tumults at present, and laid the foundations of our future miseries” (*Antiquities of the Jews*, XVIII, 9)

⁵⁴ “A sequência dos quatro impérios em Dn. 2 funciona como “princípio editorial” para o livro todo, pois o esquema dos impérios sucessivos serve de elo de ligação entre as reflexões sobre o futuro e o destino dos impérios, desenvolvidas com mais precisão em Dn 7. Isso é possível porque a sucessão dos impérios em **Daniel** combina-se com uma visão apocalíptica da história, na qual ela já está predeterminada por Deus.” (PASSUELLO, 2001, 6)

ao fogo. “Assim expressa o ódio do autor do livro de **Daniel** contra o opressor do momento, o reino grego da Síria” (52).

Em 62 a.C., a Síria foi transformada em província Romana e, em 6 d.C., a Judéia. Anteriormente, esta tinha certa autonomia, uma vez que Herodes, apoiando os romanos em tudo, fez o que pode para deixar seu Reino sem perturbações. Josefo mostra-nos que, até mesmo na sucessão, ele precisou do aval de Augusto.

A estátua de Daniel teve que se reinterpretada, de forma a incluir Roma entre os quatro reinos. “É possível que tal reatualização remonte ao ano 6, quando Roma assume abertamente o controle da Judéia, ocasionando o surgimento da “quarta filosofia” (HADAS-LEBEL, 1991,53).

Josefo teve que aderir a esta nova interpretação, segundo a qual os quatro reinos seriam Babilônia, Pérsia, Macedônia e Roma e, de acordo com Passuello, ele o fez pelas seguintes causas:

“A atitude de Josefo reflete uma mudança na interpretação sobre a seqüência dos quatro impérios em Daniel, pois ele identifica o terceiro reino como o império de Alexandre e o quarto e ultimo como o romano, no qual a dominação será perpétua por conta da sua natureza de ferro (AJ 10.208-209). Essas mudanças revelam que Josefo adaptou o mito das quatro idades de Daniel para a sua própria época, na qual o império romano era a principal força política. De acordo com a descrição de Josefo sobre o mito, podemos dizer que ele preferiu usá-lo em sentido histórico-político e em sentido escatológico. Uma das possíveis causas seria não ofender o seu público romano; leve-se em conta que Josefo, durante a composição de suas obras, morava em Roma e fora patrocinado primeiramente por Tito, imperador romano, na composição da **Guerra dos judeus** (BJ) e depois por Epafrodito na composição de AJ. Outra possível causa seria a dificuldade de Josefo em adaptar os dois sentidos (histórico e religioso) do mito das quatro idades em Daniel, pois entre os próprios judeus da época existiam dúvidas e diferentes especulações sobre a vinda do reino escatológico. Portanto, o complexo mítico das quatro idades de Daniel, apesar de combinar essas duas tradições, pode nos fornecer também concepções de histórias universais excludentes servindo ao próprio interesse de quem as usa”. (2001, 9)

Os grupos apocalípticos, que, no século I, iriam influenciar a filosofia de Qumran, consideravam que os inimigos de nome Kittim⁵⁵ eram os romanos.

Quanto a Judas, parece mais provável que tenha ensinado “algumas idéias novas no ano 6, ou pelo menos ressuscitou antigas noções há muito esquecidas, mas que não fundou nenhuma seita e que sua filosofia teve efeito apenas marginal nas cada vez mais violentas confrontações na Judéia” (GOODMAN, 1994,104).

Rhoads também considera que a filosofia se opunha “à autoridade humana que não é submetida à de Deus, muito embora ele próprio note que aquilo que Josefo parece insinuar é uma rejeição de qualquer autoridade humana independente de sua natureza” (*apud*, GOODMAN, 1994, 104). Josefo deu muita importância a Judas e seu grupo, os sicários, mas este grupo não teve muita participação ativa na guerra, apenas Manahem, que usou trajes reais. Como este, no primeiro ano da guerra, foi morto por Eleazar b. Ananias, por causa de suas pretensões reais, os sicários se retiraram para Massada, onde, sob o comando de Eleazar b. Iair, neto de Judas, foram os últimos a resistir.⁵⁶

Para Goodman, Josefo oferece duas imagens a respeito dos sicários: a primeira é de que eles lançaram as sementes do que, após 60 anos, seria a guerra; na segunda, coloca em segundo plano sua participação na guerra. Ele não os mencionou em suas obras, mesmo tratando de fatos ocorridos antes do fim da revolta. Com isso

“é extraordinário que, ao introduzir os *sicarii* na sua história em B.J. 2.254-5, Josefo declare que eles eram uma nova espécie de bandidos vistos na Judéia somente sob o procurador Felix, e que sua denominação derivava mais de seu *modus operandi* (cometer assassinatos com adagas curtas) do que de sua ideologia. Embora vigorosamente detestasse tanto esses bandidos quando a filosofia de Judas, ele desprezou a oportunidade de esclarecer qualquer ligação entre eles” (1994, 103).

⁵⁵ “Esse nome, que designa na Bíblia habitantes das ilhas do Mediterrâneo, foi estendido em seguida aos macedônios e aos romanos.” (HADAS-LEBEL,1991,53)

⁵⁶ Estes nomes aparecerão no Glossário.

Josefo menciona quatro filosofias importantes para os judeus: a dos essênios, a dos saduceus, a dos fariseus e a dos zelotas e sicários⁵⁷ (Figura 3)⁵⁸

De acordo com Schubert, os saduceus formaram um importante partido religioso no tempo de Jesus. Embora saibamos pouco sobre eles, podemos afirmar que sua decadência está relacionada com a destruição do Templo. Eles não “tiveram seguidores que transmitissem as suas concepções às gerações posteriores” (1979,53). As notícias sobre eles vêm de grupos anti-saduceus, que os acusavam de apocalípticos “extremistas”. A idéia de Schubert é a mesma de Josefo, que os caracteriza como um grupo composto por pessoas da mais alta condição.

Josefo explica que foi um saduceu, Eleazar, filho do sumo-sacerdote Ananias, que convenceu os sacerdotes a deixarem de aceitar sacrifícios de não-judeus e que, nos tempos de Nero, se recusou também a fazer sacrifício ao imperador. Os saduceus “eram os que negavam mais exatamente qualquer tipo de predestinação das ações humanas” (SCHUBERT,1979,55), inclusive a ressurreição. Segundo eles, o homem devia agir com sua plena liberdade. Eram dedicados ao Templo e baseavam seu conservadorismo político e espiritual na letra da **Torá** e de Moisés. O cargo de sumo-sacerdote geralmente lhes era confiado.

Eis o que escreve Josefo acerca dessa filosofia:

“Os Saduceus, a segunda das ordens, eliminaram completamente o Destino, e colocaram Deus para além, não simplesmente do poder, mas da própria visão do mal [...] Quanto à persistência da alma após a morte, penas no inferno e recompensas, eles não terão nenhuma delas” (GJ, II, 164, p. 387)⁵⁹

Já a filosofia dos essênios é, para Josefo, “a mais perfeita de todas”. De acordo com Schubert (1979), esse grupo teve origem nos movimentos dos Assideus apocalípticos de

⁵⁷ GJ, II,119-166

⁵⁸ Mapa extraído de BARNAVI, 1995,42 *apud*, LOBIANCO, 1999, 97. Encontra-se na página 61 desta dissertação.

⁵⁹ “The Sadducees, the second of the orders, do away with Fate altogether, and remove God beyond, not merely the commission, but the very sight, of evil. [...] As for the persistence of the soul after death, penalties in the underworld, and rewards, they will have non of them” (*The Jewish War*, II, 164, p. 387)

Qumrã. Seu fundador teve o título de “Mestre de Justiça”, profeta do fim dos tempos. Eles faziam parte do movimento assideu, junto com os fariseus, mas, por volta de 160 a.C., fariseus e essênios se separaram. Em razão disso, os essênios, saíram de Jerusalém e foram para o deserto, onde, com o objetivo de recuperar a pureza da fé e a tradição hebraica, tiveram uma vida monástica. Eram rigorosos, praticavam o celibato, trabalhavam e liam as Sagradas Escrituras. “Por isso é uma fé fixa deles que o corpo é corruptível e constituído de matéria permanente, mas a alma é imortal e imperecível” (GJ, II, 149, p. 379) ⁶⁰.

Apesar dos essênios viverem espalhados por toda a Palestina, Qumrã era seu centro religioso. Quanto à sua doutrina, diferentemente dos saduceus, eles tinham esperança na ressurreição. Na doutrina messiânica, envolviam três entidades (o Profeta, Messias sacerdotal e o Messias de Israel). Embora fossem sucessores dos Assideus, seus sentimentos eram ainda mais apocalípticos, uma vez que “consideravam um único Israel verdadeiro”. Eles influenciaram muito os cristãos primitivos, especialmente quanto à prática de viver em mosteiros e batizar nas águas. Os casados observavam a continência sexual três dias antes de uma guerra, conforme estava escrito no livro de **Êxodo**. As mulheres eram proibidas de ir ao acampamento: “somente homens levíticos puros podem participar da última guerra” (SCHUBERT, 1979, 63).

O grupo dos fariseus é o mais conhecido de todos porque foi descrito no **Novo Testamento**. Um comentário de Josefo nos permite conhecê-los: “os Fariseus, que são considerados os mais exatos intérpretes das leis, e seguros da principal posição doutrinária, atribuem tudo ao Destino e a Deus”. ⁶¹ (GJ, II, 162, p. 385)

O termo fariseu significa “separado”, pois sua religião tinha um ideal de pureza. Eles faziam separação entre os que distinguiam a lei (purificado) e os que não distinguiam (não

⁶⁰ “For it is a fixed belief of theirs that the body is corruptible and its constituent matter impermanent, but that the soul is immortal and imperishable.” (The Jewish War, II, 149, p. 379)

⁶¹ “the Pharisees, who are considered the most accurate interpreters of the laws, and hold the position of the leading sect, attribute everything to Fate and to God.” (The Jewish War, II, 162, p. 385)

purificado). Segundo Schubert (1979, 25), o cuidado com a pureza era grande: “(os fariseus) procuraram realizar o reino de Deus neste mundo, sem considerá-lo como garantido no mundo futuro”.

Começam a se destacar no reinado de Alexandra (da dinastia dos hasmoneus), mas sua existência continuou sendo à sombra de Roma. Uma diferença primordial em relação aos outros grupos é que eles não estavam centrados no Templo. Antes do século II d.C., não acreditavam na perspectiva apocalíptica. Juntamente com os saduceus, concentravam-se no sinédrio, pois, fora dele, não tinham tanta popularidade entre o povo.

Os essênios os chamavam de hipócritas. Tinham apoio de Roma, por não terem a doutrina da dualidade (odiar os estrangeiros, pecadores, e amar os israelitas, puros). Conforme o **Sabbat** 31a: “O que não desejas para ti, não faças ao teu próximo” (*apud* SCHUBERT,1979,40). Esse próximo não era somente o israelita, mas os estrangeiros também, que poderiam ser justos. Para eles, o destino de Israel e o do Mundo estavam juntos.

Quanto à quarta filosofia, a dos zelotas e sicários, Josefo os acusava como responsáveis pela destruição do templo e da cidade de Jerusalém. Segundo Goodman, existem duas formas de interpretar este pensamento. Uma delas é que Josefo teria inventado esta quarta filosofia “para empurrar para as margens o que na realidade era uma tendência muito ampla entre judeus do século I, com isso atribuindo a revolta a uns poucos marginais em vez de à nação como um todo” (1994,103).

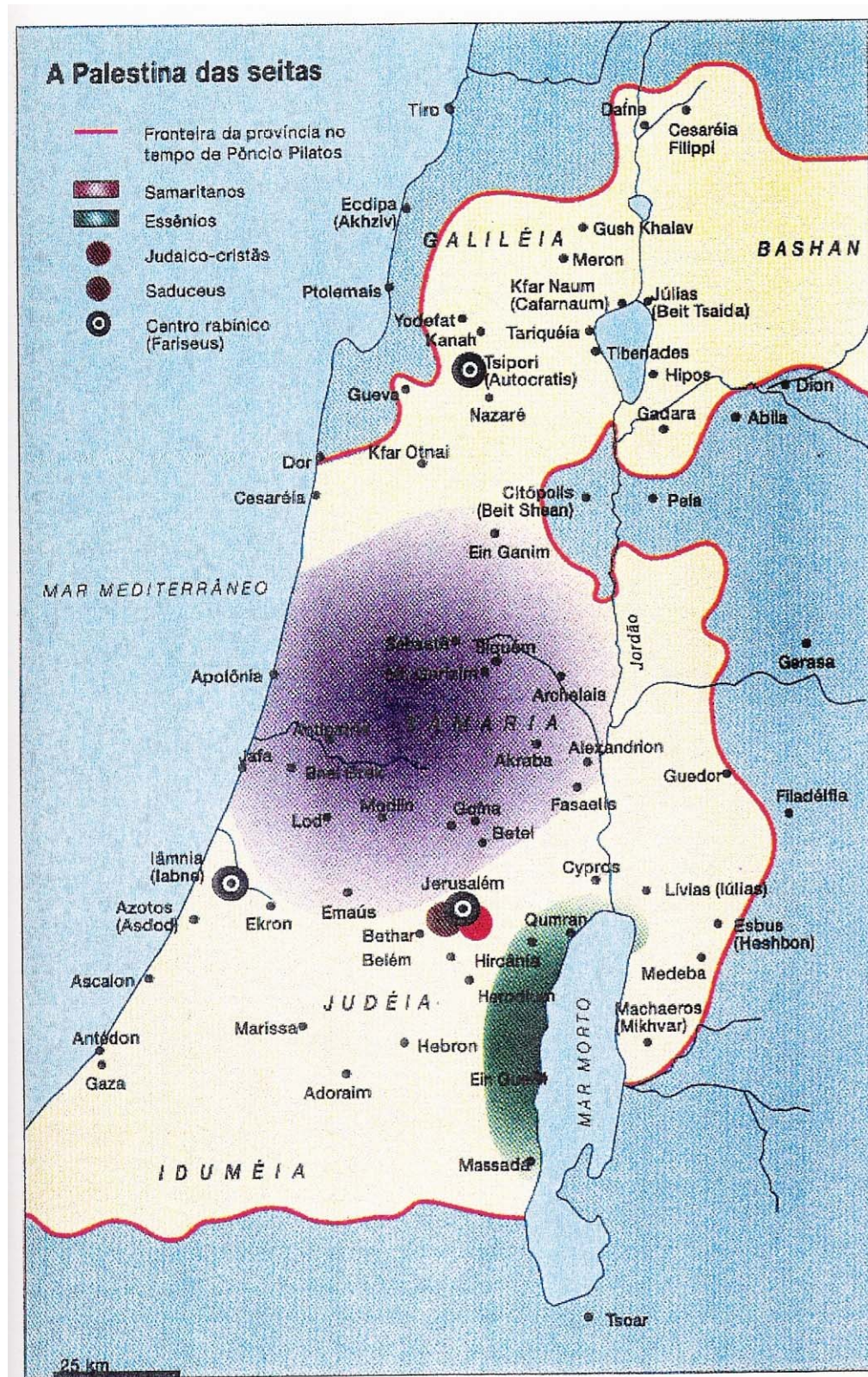


Figura 3 (A Palestina das Seitas)

Goodman, no entanto, prefere a segunda explicação, em que o surgimento desta filosofia está relacionado com a revolta dos judeus contra os romanos:

“Sugiro que esse apelo à anarquia está na relação de que a filosofia foi de grande importância em fomentar as dissensões que levaram à revolta. Duas coisas são a favor dessa opinião. Uma delas é que Josefo, quando quer enganar, tende a enganar dessa maneira, com mentiras não sobre fatos, mas sobre a interpretação dos mesmos. A segunda, o valor da apologia de Josefo ao mencionar e realçar o efeito político da Quarta Filosofia está bem óbvio nesse caso” (1994, 104).

3.2. Conflitos Externos

Na década de 66, tensões entre gregos e judeus em Cesaréia resultaram em uma luta desses dois grupos. “O procurador Floro favoreceu a causa grega, como fizera Nero seis anos antes, e, ignorando queixas judaicas naquela cidade, aumentou sua impopularidade entre os judeus retirando dezessete talentos do Templo em Jerusalém, para uso de César” (GOODMAN, 1994, 157).

Segundo Hadas-Lebel (1991), alguns judeus de Jerusalém, em face desta retirada do Tesouro do Templo por Floro, saíram coletando esmolas para Floro⁶², que, por sua vez, ordenou que os judeus se entregassem. Goodman (1994) afirma que os judeus se recusaram a mostrar os jovens judeus que fizeram esta coleta para Floro e preferiram pedir perdão ao procurador.

Esse fato desencadeou uma repressão contra os judeus, apesar de algumas importantes manifestações para evitar o conflito. Berenice, irmã de Agripa II, por exemplo, até tentou intervir junto a Floro a favor dos judeus e o próprio Agripa II também intercedeu, como porta-voz do governador da Síria, Céstio Galo. Em seus discursos⁶³, Agripa II, tentando conseguir o fim da guerra, mostrou aos judeus a força do Império Romano.

⁶² A intenção de coletar esmolas para Floro foi porque ele retirou o tesouro do Templo

⁶³ GJ, II, 345-401. Mostra como Roma conquistou vários povos.

Assim, mostrando os povos conquistados pelos romanos, Agripa II mostrava também que a Judéia não era tão superior aos demais. No entanto, suas palavras não se mostraram tão eficientes, porque a guerra já estava inflamada. De acordo do Goodman, “em maio/junho, alguns sacerdotes no Templo deram o passo decisivo que Roma encarava como constituindo rebelião” (1994,157): a decisão de suspender o sacrifício diário para o Imperador. Mantiveram-se firmes nesta posição. Eleazar b. Ananias estava entre estes sacerdotes e também comandou um grupo de zelotas.

Antes mesmo da reação romana, Manahem b. Judas, “tentou sem êxito tomar o poder e a pilhagem para si próprio” (GOODMAN, 1994,158). Tendo muitas armas, ele aproveitou a desordem e tomou Massada dos romanos. Chegou a Jerusalém e entrou no Templo, juntando-se a Eleazar b. Ananias que ainda se mostrava leal a Roma.

De acordo com Josefo, Manahem atacou as tropas reais de Agripa II, deixando somente os soldados e os judeus saírem. Os romanos, por seu lado, fugiram para as torres de Hípicos, Fazeel e Mariana.⁶⁴

No mesmo ano, a história de Manahem começou a mudar. Ele matou Ananias b. Nedebaeus (ex-sumo sacerdote, homem de destaque desde 63), pai de Eleazar, o qual, em razão disso, foi levado a matá-lo também. Depois que seu líder foi morto, os sicários fugiram com Eleazar b. Iair para Massada⁶⁵.

A reação romana começou, de fato, quando Céstio Galos, legado da Síria, saiu de Antioquia com três legiões. Em outubro de 66 ele chegou na Palestina e, em novembro do mesmo ano, em Jerusalém. No entanto, a uns dez quilômetros de Jerusalém, os judeus enfrentaram e derrotaram Céstio:

“Pois com tal fúria eles caíram sob os Romanos que quebraram e penetraram suas fileiras, massacrando o inimigo. (...) Dos romanos morreram quinhentos e quinze, dos quais quatrocentos eram da

⁶⁴ GJ, II, 436-440

⁶⁵ GJ, II, 444-448

infantaria e o resto da cavalaria; os judeus perderam apenas vinte e dois” (GJ, II, 518, p. 525).⁶⁶

Céstio chegou à cidade, mas repentinamente retirou o cerco, embora povo tivesse aberto os portões para os romanos: “O povo [...] avançou para os portões, para abri-los e receber Cestio como um benfeitor, e ele teria imediatamente tomado a cidade [...] mas Deus, eu suponho, [...] ordenou que naquele dia não se veria o fim da guerra”⁶⁷ (GJ, II, 538, p. 531)

Depois que Céstio levantou o cerco em Jerusalém e voltou para a Síria, sua vanguarda sofreu ataques constantes. Simão b. Guiora surpreendeu-o em Bet-Heron, tomando-lhe muitas mulas de carga. Após esta vitória, Simão se destacou como um dos primeiros generais da revolta judaica, na qual os judeus também “apanharam um gigantesco arsenal de máquinas de guerra de reputação terrível” (HADAS-LEBEL,1991,83).

Após a derrota de Céstio, Jerusalém se viu independente, e foi apenas em 70 que os romanos voltaram a cercar a cidade. Esse intervalo deu a chance para que as facções lutassem entre si para disputar o poder de líderes. A elite, por sua vez, buscou o apoio do povo para ter o poder. Assim, nesses quatro anos, a Judéia passaria por vários líderes diferentes.

De acordo com Josefo⁶⁸, após o sucesso sobre Céstio, os principais líderes da revolta se reuniram para escolher o líder supremo. José b. Gorion e Ananus b. Ananus, o sumo-sacerdote, foram escolhidos como líderes supremos na cidade de Jerusalém no ano de 67.

Embora Eleazar b. Simão tivesse “em suas mãos os espólios romanos, o dinheiro tomado de Céstio e uma grande parte do tesouro público, não foi alçado a nenhum cargo,

⁶⁶ “For with such fury did they fall upon the Romans that they broke and penetrated their ranks, slaughtering the enemy. (...) The Roman killed were five hundred and fifteen, of whom four hundred were infantry and the rest cavalry; the Jews lost but two and twenty.” (**The Jewish War**, II, 518, p. 525)

⁶⁷ “The people [...] advance to the gates, to open them and welcome Cestius as a benefactor, he would have forthwith taken the city; but God, I suppose, [...] ordained that that day should not see the end of the war.” (**The Jewish War**, II, 538, p. 531)

⁶⁸ GJ, II,562

porque eles observaram sua natureza despótica, e que seus subservientes admiradores comportavam-se eles próprios como seus guardas pessoais” (GJ, II 564-565, p. 539) ⁶⁹.

Segundo Goodman (1994), Ananus b. Ananus e José b. Gorion fizeram uma reforma no sistema de liderança ao tirar antigos líderes importantes da guerra. Goodman esclarece ainda que o sucesso de Ananus deveu-se ao fato de Ananias estar morto, de Saul e Costobar estarem fora da cidade, além de outros seus rivais terem se tornado seus aliados. “Assim, Ananus trouxe para sua aliança o grupo dissidente da facção de Ananias que era dirigido por Eleazar b. Ananias e havia sido responsável pela suspensão dos sacrifícios de lealdade” (1994,168).

Em 67, foi feita uma nova divisão da Judéia. Eleazar b. Ananias ficou com a Iduméia; Níger, o Peréio, foi para uma posição subordinada ⁷⁰, João b. Ananias foi para Gofna e Acrabeta, no lugar de Simão b. Guiora, ao passo que Ananias b. Sadoc e Judas b. Jônatas foram investigar Josefo na Galiléia.

“O profundo envolvimento de Simão b. Gamaliel, o mais destacado fariseu, na mesma trama contra Josefo, e os estreitos laços de João de Giscala e seu irmão Simão b. Levi com Simão b. Gamaliel podem sugerir que a esse tempo os três estivessem também aliados a Eleazar b. Ananias” (GOODMAN,1994,169).

A conclusão de Goodman é que dentro do partido de Ananus também havia diferentes facções lutando entre si. Dos que Ananus tirou do poder, cada um teve uma história diferente. Níger, o Peréio, que tinha sido um dos heróis no ano de 66, foi destituído por Ananus no ano de 67. Em 66 e, em 67, ele tinha recebido um posto na Iduméia “embora em um nível inferior, já que agora tinha que prestar conta a dois superiores” (1994,169). Esses dois superiores eram Jesus b. Sapphas e Eleazar b. Ananias.

⁶⁹ “he had in his hands the Roman spoils, the money taken from Céstius, and a great part of the public treasure, they did not entrust him with office, because they observed his despotic nature, and that his subservient admirers conducted themselves like his bodyguard” (**The Jewish War**, II 564-565, p. 539)

⁷⁰ GJ, II,566

Contudo, dois dos mais importantes contra Céstio foram destituídos totalmente do poder: Simão b. Guiora e Eleazar b. Simão. Eles não aceitaram passivamente essa destituição. O poder de Eleazar b. Simão era forte e apenas em 67 Ananus tornou-se abertamente hostil aos zelotas, pois tinha o apoio de Jesus b. Gamalas, Gorion b. José e Simão b. Gamaliel. “O ambicioso Eleazar b. Simão cercou-se de devotados adeptos que agiam como uma guarda pessoal” (GOODMAN,1994,170). Em 67 os zelotas foram esmagados por Ananus e Jesus com o apoio da população, mas os zelotas conseguiram fugir para o Templo de Jerusalém e o tomaram.

“Um brilhante golpe dos zelotes foi a tomada do Templo e a escolha, por sorteio, de um sumo sacerdote fantoche. O sumo sacerdote assim nomeado naturalmente era leal para com seus protetores, conforme Josefo observou, mas isso não era especialmente útil, pois ele era uma nulidade política. Mais significativo era o fato de que essa ação impedia Ananus e seus amigos de alegarem ser o *establishment*, porque o sumo sacerdote anterior estava, tacitamente, do lado deles” (GOODMAN1994, 190).

Já Simão b. Guiora ficou fora do poder por mais tempo. Recusou-se a dar o comando de suas cidades a João b. Ananias, mas foi forçado a fazê-lo após o envio de um exército. Retirando-se para Massada, só retornou em 68, após a morte de Ananus. Conforme lembra Goodman, a trajetória de Simão se confunde com a história da guerra: “em outubro de 66 ele era provavelmente um destacado e bem-sucedido general das tropas rebeldes; em meados de 67 Simão estava sendo retratado por seus inimigos como um pouco mais que um bandido; em 69 iria emergir como um comandante de toda Jerusalém” (1994, 167).

Apesar de ter sido investigado, Josefo não perdeu o poder na Galiléia, comandando aquela região do outono de 66 à primavera de 67. Algumas pessoas de dentro do partido o apoiavam. Jesus b. Gamalas era amigo de Josefo e surgiu como uma segunda figura importante no ano de 67. Foi o “íntimo relacionamento de Josefo com Jesus b. Gamalas [que] o manteve no comando da Galiléia a despeito dos esforços dos adeptos de Eleazar b. Ananias,

pois Jesus, sendo seu amigo íntimo, enviou-lhe por seu pai (de Josefo) notícias da trama de removê-lo” (GOODMAN,1994, 169).

No ano de 67, Josefo manteve firme o seu poder na Galiléia, apesar de algumas cidades, como Séforis, Giscala, Tiberíades e Gadara, não lhe serem fiéis. Séforis foi aliada dos romanos, pois, neste ano de 67, Nero, suficientemente convencido da importância da guerra, enviou Vespasiano para a região. Séforis foi a primeira cidade da Galiléia a se entregar aos romanos. Já Giscala foi fiel ao seu conterrâneo, João de Giscala, o qual não conseguiu adesões em Tiberíades, tida como a maior cidade da Galiléia. Apesar da luta interna entre João e Josefo, que não chegou a ser uma guerra civil, a Galiléia se manteve leal a Josefo. Havia ainda outras cidades no limite da Galiléia sobre as quais Josefo não tinha controle, como Gadara, Hipos e a região da Decápoles, bem como muitos estrangeiros.

Josefo foi o primeiro a sofrer os ataques de Vespasiano. A fortificada cidade de Jotapata, que se tornara seu quartel militar, foi derrubada. Este cerco serviu de prenúncio ao cerco de Jerusalém. Josefo fugiu para uma cisterna e, alegando ter tido um sonho, resolveu se entregar aos romanos. Depois da rendição, ele renunciou que Vespasiano e Tito seriam imperadores.

Em seguida, a cidade de Tiberíades também se rendeu a Vespasiano, Tariqueia foi tomada por Tito. Alguns galileus fugiram para o lago de Genesaré (Mar da Galiléia), onde foram derrotados numa batalha naval. O restante da Galiléia foi tomada até o início do ano de 68. Gamala foi tomada por Vespasiano depois de uma difícil batalha. O monte Itaburim foi tomado por Plácido. Giscala foi sitiada por Tito. Quando este foi recebido, João, que lá estava escondido, conseguiu fugir, chegando em Jerusalém em 67, onde contou com o apoio de Ananus b. Ananus.

Na primavera de 68, João substituiu o apoio de Ananus pelo de Eleazar e, como já tinha uma idéia clara da situação externa, influenciou os zelotas na decisão de procurarem a proteção dos idumeus.

Em 68, o destino de Ananus começou a mudar e ele não conseguiu entrar no Templo, onde o sacerdote Eleazar b. Simão, chefe dos zelotas, tinha se instalado. João de Giscala, “no início da primavera de 68 abandonou sua aliança com Ananus e juntou-se a Eleazar b. Simão” (GOODMAN, 1994, 180). Desta forma, Ananus deveria lutar contra os galileus de João e os zelotas de Eleazar.

O destino de Eleazar também mudara, pois, de acordo com Josefo ⁷¹, João de Giscala tinha entregado os planos de Ananus a Eleazar, além de ter conseguido que o último chamasse os idumeus. O destino de Ananus só foi “selado quando os líderes idumeus, deram seu apoio a João e Eleazar” (GOODMAN, 1994, 180). Goodman menciona um fator importante: o de que Ananus se preparava para entregar a cidade aos romanos, a fim de assegurar seu poder supremo na cidade.

Hadas-Lebel, por sua vez, nos informa de que se os idumeus “conservavam sua especificidade étnica, também eram no plano religioso considerados totalmente judeus” (1991, 152). Eles eram apegados ao Templo e sentiam-se na obrigação de protegê-lo. Reagiram quando Ananus se negou a abrir a porta para que eles entrassem armados.

Jesus b. Gamalas até fez um discurso aos idumeus ⁷², no qual os instigou a entrar na cidade sem armas a fim de ver o que os zelotas estavam fazendo. Deu-lhes as opções de entrar sem armas, ficar neutros ou lutar a favor de Ananus ⁷³. No entanto, Simão b. Caathas respondeu com outro discurso ⁷⁴, no qual afirmava ser natural que os idumeus entrassem em Jerusalém para adorar a Deus. A cidade estava fechada e Ananus juntamente com seu partido

⁷¹ GJ, IV, 217-224

⁷² GJ, IV, 238-270

⁷³ GJ, IV, 260-265

⁷⁴ GJ, IV, 272-282

eram responsáveis. “Assim, esse mesmo clã que se preparava para acolher os romanos fechava-lhes a porta, a eles, autênticos fiéis que tinham vindo defender o Santuário!” (HADAS-LEBEL,1991, 153).

Num dia de intensa tempestade noturna, “aproveitando que as sentinelas estavam dormindo, alguns zelotas saíram furtivamente do Templo e foram abrir a porta da cidade próxima ao acampamento idumeu” (HADAS-LEBEL,1991,153). Após a entrada dos idumeus, Ananus, Jesus e muitos de seus partidários foram mortos e a cidade de Jerusalém pode tomar uma nova ordem. Após quase dois anos no poder, o partido de Ananus estava acabado. Uma nova ordem foi implantada na cidade, sob o comando de João de Giscala, Eleazar b. Simão e os idumeus.

Para Josefo, com a morte de Ananus teria começado a ruína dos judeus ⁷⁵. Dentre os judeus mortos, ele deu ênfase a Ananus, Jesus e Zacarias b. Bárís, morto injustamente pelos zelotas.

“Os massacres de nobres não pararam, porém. Josefo soube, para horror seu, da execução de dois eminentes personagens: Gorion, filho de Josefo ben Gorion, que, juntamente com Anan, tomara a direção da revolta em 66, e Níger, o pereu, ex-governador de Iduméia, único general sobrevivente da expedição de Ascalão no início da guerra.” (HADAS-LEBEL,1991, 154).

A aliança dos zelotas com os idumeus durou da primavera de 68 à primavera de 69, enquanto Eleazar, João e os idumeus ficaram no comando da cidade. “Mas nem sempre foi uma aliança feliz, e no verão de 68 alguns dos idumeus desertaram em direção a um astro ascendente de fora da cidade – outro general que havia sido destituído após a retirada de Gallus, Simão b. Guiora” (GOODMAN,1994, 180).

Segundo Goodman (1994), Simão, com ajuda destes idumeus e de outros refugiados, havia adquirido o controle de toda a área rural da Iduméia e Judéia. João de Giscala e Eleazar haviam produzido muitos refugiados, aqueles mesmos que eram partidários de Ananus.

⁷⁵ GJ, IV,318

Já “no início do mês de junho de 68, Jerusalém se encontrava cercada a sudoeste, a oeste, ao norte e a leste, num raio que variava entre trinta e sessenta quilômetros, sendo as duas posições mais próximas Emaús, a oeste, e Jericó, a leste” (HADAS-LEBEL, 1991, 156). No Sul, Simão controlava a Iduméia, mas as fortalezas de Herodium, Macherus e Massada estavam nas mãos dos revoltosos. (Figura 4)⁷⁶

Na primavera de 69, um zelota denunciou os zelotas e os idumeus deixaram de apoiá-los. O exército de Simão causava mais medo a João e Eleazar do que o romano. No mesmo período, Simão já tinha o apoio dos idumeus, dentre eles Simão b. Caathas. Os idumeus, juntamente com o sumo-sacerdote Matthias, da família dos Boetos, chamaram Simão para entrar na cidade, aclamando-o como libertador. Após isto, a guerra civil entrou numa nova fase, já que Simão passou a controlar a maior parte da cidade. Eleazar e João ficam no átrio externo do Templo e no próprio Templo.

Quando recebeu a notícia do suicídio de Nero, no dia 9 de junho de 68, Vespasiano se preparava para a tomada de Jerusalém. Vespasiano foi declarado imperador por suas legiões em junho de 69. Em “20 de dezembro mal tendo chegado a Roma, Muciano fazia Vespasiano ser aclamado imperador” (HADAS-LEBEL, 1991, 165). Durante este período de guerra civil em Roma, os judeus acirraram mais ainda a sua luta civil. O ano 70 foi o ano do cerco de Jerusalém por Tito.

O partido dos zelotas dividia-se em dois, já que João queria ter mais influência que Eleazar e este, por sua vez, sendo velho na cidade, não queria ver seu partido comandado por João que era mais “novo” na localidade. “Eleazar, que recrutava os últimos amigos nas grandes famílias, só tinha ao seu redor um pequeno número de homens, mas sua posição sobre o campo de batalha era relativamente favorável” (HADAS-LEBEL, 1991, 170).

⁷⁶ Mapa extraído de BARNAVI, 1995, 53 *apud*. LOBIANCO, 1999, 91, se encontra na página 71

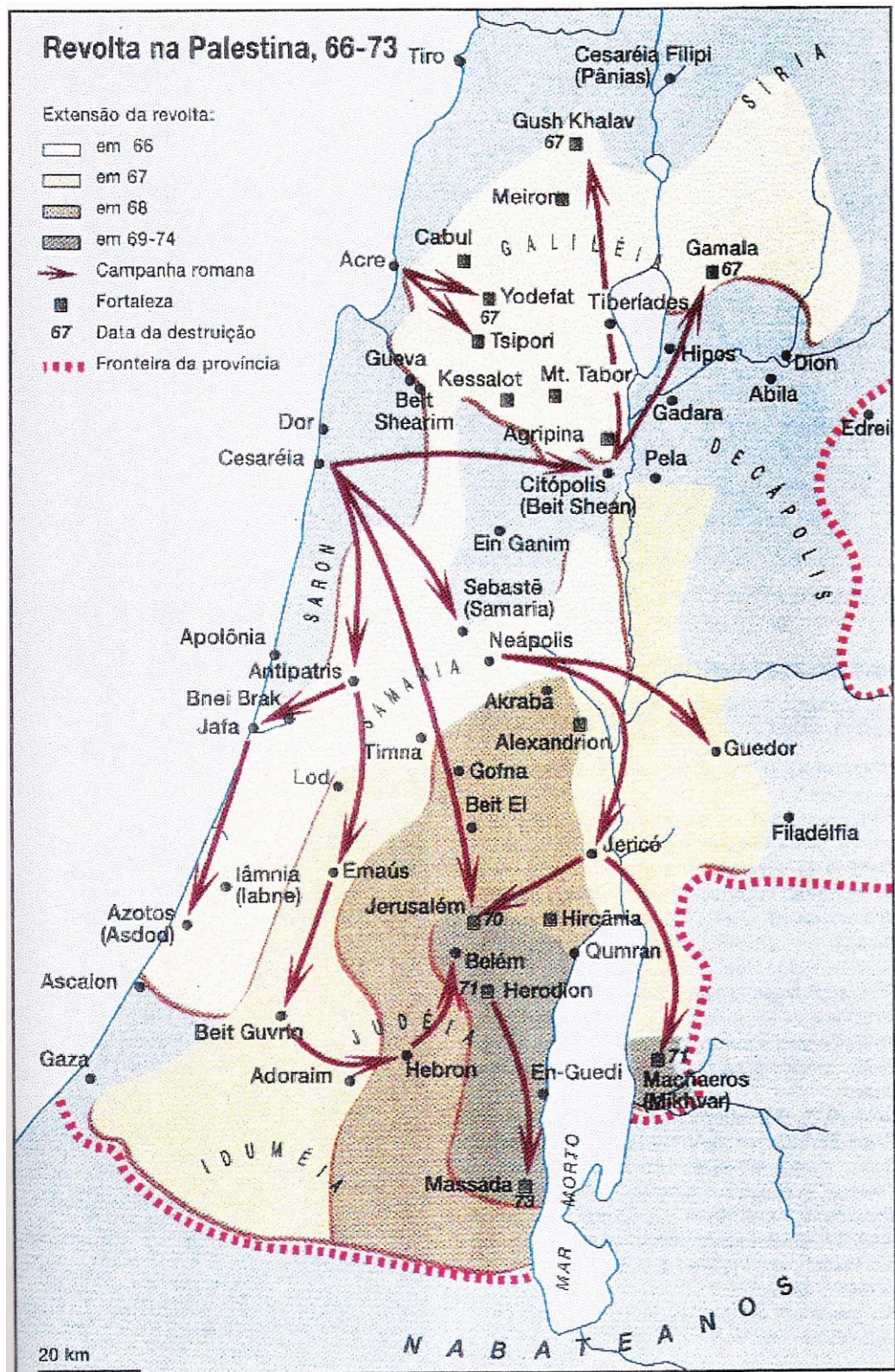


Figura 4 (Revolta da Palestina e avanço romano)

De acordo com Goodman (1994), Eleazar b. Simão ficou encurralado dentro do Templo, João de Giscala com o átrio externo e a Cidade Baixa e Simão b. Guiora ficou com o restante da cidade. Essa era a situação da cidade do final de 69 a início de 70, quando ela foi cercada por Tito.

Josefo escreve que a cidade caiu por culpa dos revoltosos, que estavam em guerra civil:

“Os conspiradores contra a cidade estavam divididos em três bases: o partido de Eleazar, que tinha a guarda dos primeiros frutos ⁷⁷ sagrados, dirigiu sua bêbada fúria contra João; este, com seus associados, saqueava os cidadãos e vingava sua fúria contra Simão; e Simão também para encontrar as facções rivais buscava suprimentos na cidade. No entanto João se via atacado por ambos os lados [...] Parecia que eles estavam propositalmente servindo os Romanos, destruindo o que a cidade tinha provido para um cerco e dividindo as fontes de sua própria força. Todos estes eventos resultaram na perda [...] de quase todo o trigo. [...] A fome fez certamente a cidade cair, um destino que poderia ser praticamente impossível, eles não prepararam seus próprios caminhos” (GJ, V, 21-26, p. 207)⁷⁸

Aos olhos de Josefo, Jerusalém, dividida em três partidos, sofria o cerco dos romanos. Tito dispunha de 4 legiões, V^a, X^a e XV^a, além da XII^a, “que viera da Síria e, desde sua derrota no início da insurreição, sonhava em lutar” (HADAS-LEBEL, 1991, 172). Outros contingentes de aliados e auxiliares também apoiaram os romanos. Josefo conta que os revoltosos pegaram a X^a legião desprevenida. Essa era a legião que possuía as melhores máquinas de cerco ⁷⁹ e Tito a salvou.

⁷⁷ Provisões do Templo

⁷⁸ “The conspirators against the city being now divided into three camps, Eleazar’s party, having the keeping of the sacred first-fruits, directed their drunken fury against John; the latter with his associates plundered the townsfolk and wreaked their rage upon Simon; while Simon also to meet the rival factions looked to the city for supplies. Whenever John found himself attacked on both sides [...] as though they were purposely serving the Romans by destroying what the city had provided against a siege and severing the sinews of their own strength. At all events the result [...] almost all the corn [...] Through famine certainly the city fell, a fate which would have been practically impossible, had they not prepared the way for it themselves.” (**The Jewish War**, V, 21-26, p. 207)

⁷⁹ GJ, V, 269

Hadas-Lebel informa que as três facções que se encontravam cercadas começaram a se recompor, até mesmo desmontando os inimigos ⁸⁰, mas essa união durou pouco, pois “as rivalidades eram acirradas. João de Giscala aproveitou a festa de Páscoa para eliminar a facção zelota de Eleazar e introduzir-se no átrio interno, onde estavam armazenadas as provisões do Templo” (1991,173).

Para Josefo, enquanto Simão tinha, além dos seus 10 mil homens, mais 5 mil idumeus, João contava com 6 mil e 2,4 mil zelotas do derrotado Eleazar.

A estratégia de Tito era entrar pela cidade nova, que julgava mal defendida porque a distribuição de forças dos revoltados era frágil. Destacou as legiões na seguinte ordem espacial: Vª legião, no norte; Xª, Monte das Oliveiras; XIIª e XVª, Monte Scopus, junto consigo. Tito colocou, então, os aríetes para funcionar. Depois de verem os efeitos destas máquinas, as facções cercadas se uniram e dividiram as tarefas ⁸¹. Dessa união resultou até mesmo um ataque bem sucedido ao acampamento dos romanos, mas Tito conseguiu reprimi-lo. ⁸² Os romanos tomaram o primeiro muro por volta de 25 de maio e, imediatamente, começaram o ataque ao segundo.

De acordo com Josefo, após a tomada do primeiro muro, João e Simão se uniram definitivamente para a distribuição da defesa ⁸³.

No dia 30 de maio, os romanos capturaram o segundo muro: “No quinto dia depois de capturar a primeira muralha, César assaltou o segundo e, como os judeus abandonaram a linha de frente, ele fez sua entrada, com um mil legionários e sua escolhida tropa particular”⁸⁴ (GJ, V, 331, p. 303)

⁸⁰ GJ, V,74

⁸¹ GJ, V,279

⁸² GJ, V,291

⁸³ GJ, V,204

⁸⁴ “on the fifth day after the capture of the first wall, Caesar stormed the second; and, as the Jews had fled front it, he made his entry, with a thousand legionaries and his own picked troops” (**The Jewish War**, V, 331, p. 303)

Os revoltosos, no entanto, num contra-ataque, expulsaram os romanos desta posição. Tito, por sua vez, manteve o ataque por três dias e, no quarto, conquistou definitivamente o segundo muro. Destruiu tudo o que estava do lado norte e colocou, então, todo seu exército diante dos revoltosos, para intimidá-los.

Entre 30 de Maio e 16 de Junho, os romanos fizeram plataformas para colocar armas de cerco, mas João e Simão, respectivamente, as destruíram. Ao fazer este relato, Josefo não mostra mais as duas facções como inimigas.⁸⁵

Tito se reuniu com seus generais para decidir como realizar um ataque final e evitar um cerco eterno⁸⁶. Resolveu construir uma muralha de terra que daria a volta em toda a cidade. A empreitada durou três dias⁸⁷ e, depois de finalizada, os judeus não conseguiram mais fugir de Jerusalém e Tito se preparou para o ataque final.

Por volta de 20 de julho, os aríetes começaram a bater em Antônia. Dois dias depois de intensa batalha, Antônia foi tomada. Os revoltosos estavam concentrados na cidade alta, na cidade baixa e no Templo.

A batalha no Templo começou no dia 24 de julho⁸⁸. Conforme nos informa Goodman (1994), os sacrifícios continuaram⁸⁹. Segundo Josefo, eles só cessaram em agosto de 70. Durante este intervalo, os aríetes começaram a bater no Templo, que, no dia 30 de agosto⁹⁰, foi incendiado por dentro em consequência de uma tocha atirada por um soldado romano.

Simão e João solicitaram uma audiência com Tito, com a esperança de obter perdão, mas este passou a discursar sobre as oportunidades que tiveram, prometendo-lhes que seriam

⁸⁵ GJ, V,466-473

⁸⁶ GJ, V,491

⁸⁷ GJ, V,508-509.

⁸⁸ GJ, VI,96

⁸⁹“Sobretudo o serviço no Templo continuou ininterrupto até os derradeiros dias da guerra” (GOODMAN,1994,183)

⁹⁰ “A data de quando o Templo foi queimado por Nebuzaradã, capitão do exército de Nabucodonozor II, parece ter sido o 10º dia do 5º mês (ab em Hebraico ou Lous no calendário Sírio. (**JEREMIAS**, I, 12.); outro dia é 7 do mês de Ab (II **REIS** XXV, 8); já a tradição judaica comemora o aniversário da queda do velho Templo em 9 de Ab. Uma falsa combinação entre os eventos correspondentes dos dois cercos são probabilidades existentes nesta obra.” (THACKERAY, 448-449, Vol. III).

perdoados caso se arrependessem. Os revoltosos desejavam ir para o deserto com suas famílias, o que não foi permitido por Tito. Após esse episódio, os revoltosos fugiram para o palácio real, mas os romanos mataram 8400 judeus ⁹¹, além de expulsarem os revoltosos da cidade baixa e a incendiarem.⁹²

De acordo com Josefo, no dia 8 de setembro, os romanos começam a preparar os aríetes para o ataque contra a cidade alta. Neste mesmo período, os idumeus resolveram se entregar a Tito, mas Simão conseguiu frustrar o plano e matar Tiago b. Sosas, um dos líderes dos idumeus que resolveram se entregar. No dia em 25 de setembro, os aríetes estavam prontos e a esperança dos judeus havia acabado. Josefo afirma que foi neste período que os revoltosos fugiram:

“Dos rebeldes, alguns já desesperados de ficar na cidade retiraram-se para fora dos muros de Acra, outros entraram nas minas; muitos, entretanto, ficaram parados ao longo das muralhas, esforçando-se em repelir aqueles que estavam servindo as armas de cerco” (GJ, VI, 393, p. 489) ⁹³

Josefo relata que, desesperados, ⁹⁴ eles fugiram para as minas, pois a vitória dos romanos foi completa na cidade alta. No dia 26 de setembro, a cidade de Jerusalém foi incendiada e Tito entrou triunfalmente na cidade.

Referindo-se às estatísticas da guerra, Josefo menciona noventa e sete mil presos e um milhão e cem mil mortos. Dentro das minas foram encontrados dois mil judeus. A cidade foi queimada e suas muralhas destruídas. Nessas minas estavam João e Simão. ⁹⁵

João “perecendo de fome com seus irmãos nas minas, implorando aos romanos a proteção que muitas vezes desprezou” ⁹⁶ (GJ, VI, 433, p. 501). Neste mesmo trecho, Josefo

⁹¹ GJ, VI,358

⁹² GJ, VI,363

⁹³ “Of the rebels, some already despairing of the city retired from the ramparts to the Acra, others slunk down into the mines; many, however, posting themselves along the wall, attempted to repel those who were bringing up the sieges-engines.” (The Jewish War, VI, 393, p. 489)

⁹⁴ GJ, VI,395

⁹⁵ GJ, VI,420, 429; VI,433-434

⁹⁶ “perishing of hunger with his brethren in the mines, implored from the Romans that protection which he had so often spurned” (The Jewish War, VI, 433, p. 501)

conta que João foi condenado à prisão perpétua. Já Simão foi preso depois e, para enganar os romanos, vestiu-se de branco, pôs um manto púrpuro e foi para ruínas do Templo. Os soldados romanos não sabiam quem era ele, porém *Terentius Rufus* o reconheceu e o entregou a Tito.⁹⁷

Quanto à classe dirigente, Goodman informa que

“foi condenada ao esquecimento e pôs-se fim ao culto de Deus no Templo de Jerusalém. Muitos ricos proprietários de terras foram presos, escravizados ou executados. Sacerdotes que se renderam quando o Templo já estava em chamas foram mortos sob a alegação, conforme expressa por Tito, de que lhes cabia perecer com o santuário” (1994, 231).

A maioria dos que ficaram sem punição física tiveram suas terras confiscadas; os ricos ficaram sujeitos a uma taxa *per capita* de duas dracmas. Esse era o *fiscus Judaicus*, “que simbolizava a destruição deliberada não só do Estado livre judeu, como também da religião e da sociedade da Judéia antes de 66” (GOODMAN, 1994, 232). Não foi readmitida a reconstrução do Templo, como também a nomeação de sacerdotes e, segundo Goodman, a classe dirigente judaica desapareceu.

No que se refere às legiões romanas, as V^a e XV^a seguiram Tito para a Moésia e Panônia, respectivamente⁹⁸. A X^a, que viera do Eufrates, ficou em Jerusalém. A XII^a, por ter perdido a batalha para os judeus em 66, foi para Maleta, no Eufrates, perto da Armênia e Capadócia⁹⁹.

Simão e João e mais outros setecentos foram com Tito para Roma, João foi reservado para prisão perpétua e Simão foi executado em frente ao Fórum, perto do Templo de Júpiter Capitolino.¹⁰⁰

Faltavam ainda três fortalezas a ser conquistadas. A primeira foi a fortaleza de Herodium, tomada pelo comandante da X^a legião, *Lucilius Bassus*, por meio de um acordo¹⁰¹.

⁹⁷ GJ, VII,26-32

⁹⁸ GJ, VII,116-117

⁹⁹ GJ, VII,17-20

¹⁰⁰ Prisão de João:GJ, VII,188; execução de Simão:GJ, VII,153

Macherus, a segunda, também foi cercada pela Xª legião de *Bassus*. Essa fortaleza foi rendida após a captura de certo Eleazar, que *Bassus* ameaçou crucificar; os judeus, ao verem isso, resolveram se entregar.¹⁰² Josefo escreve que alguns judeus fugiram para a floresta de Jardes e, nesta batalha que leva o nome da floresta, teriam sido mortos três mil judeus contra 12 romanos.¹⁰³

A última e mais importante fortaleza tomada foi Massada, onde os sicários se refugiaram no começo da guerra. Esta foi construída sobre uma rocha que era praticamente intransponível. Com a morte de *Bassus* ¹⁰⁴, Flávio Silva assumiu seu posto. Ele fez o cerco com plataformas de pedra, tomou o primeiro muro com a *battering-ram* ¹⁰⁵ e o segundo foi incendiado quando os romanos atearam fogo nas proximidades.

Eleazar b. Iair, chefe dos sicários, fez dois longos discursos ¹⁰⁶ favoráveis ao suicídio. Após esses discursos, supostamente conforme escreve Josefo, os judeus se suicidaram. No sorteio, 10 foram escolhidos para matar o conjunto e um para matar estes dez e depois se suicidar. Foram 960 mortos, sobrando apenas uma parenta de Eleazar, com cinco crianças, e uma mulher velha que se escondeu em um aqueduto. De acordo com Josefo, esse fato se deu em quinze do mês Xanthicus.¹⁰⁷

Quando os romanos entraram no dia seguinte ao suposto suicídio relatado por Josefo, espantaram-se com o que Josefo chama de ato heróico.¹⁰⁸ A Judéia foi inteiramente subjugada no mês de maio de 73. Vespasiano concluiu o Templo da Paz em 75 e lá colocou a mesa, o candelabro de ouro e outros despojos de Jerusalém. A lei dos judeus e o véu do Templo ficaram no palácio de Vespasiano.¹⁰⁹

¹⁰¹ **GJ**, VII,163

¹⁰² **GJ**, VII,190-209

¹⁰³ **GJ**, VI,210-215

¹⁰⁴ Josefo não comenta sobre a causa da morte de *Bassus*.

¹⁰⁵ Aríete pesado

¹⁰⁶ **GJ**, VII, 323-336; VII,341-388

¹⁰⁷ Cerca de 2 de maio, do ano 73. (Ver Thackeray p. 617, Vol. III e **GJ**, VII,401)

¹⁰⁸ **GJ**, VII,402

¹⁰⁹ **GJ**, VII,158-162

CAPÍTULO QUARTO

A EXPERIÊNCIA HISTORIOGRÁFICA DE FLÁVIO JOSEFO

4.1. O helenismo e os modelos historiográficos de Flávio Josefo

No ano de 336 a.C., quando Felipe II, rei da Macedônia (359 a.C. a 336 a.C.), morreu, Alexandre Magno herdou o trono (336 a.C. a 323 a.C.) Seu reinado foi curto, mas mudou a história da Grécia, Macedônia, Trácia, Fenícia, Egito, Ásia Menor, Média, Pérsia, Bactriana, Gedrósia, Bactriana, Sogdiana, Índia e Judéia.

Nesse pequeno espaço de tempo, foram muitas as conquistas de Alexandre. Elas deixaram algumas mudanças enraizadas nestas regiões e permitiram até mesmo o surgimento e a rápida expansão no futuro do cristianismo e do islamismo. Com sua morte em 323 a.C., o império foi dividido em vários reinos. Os mais importantes foram: Antigónidas (Macedônia), Atálidas (Pérgamo), e Ptolomeus (Egito). Eles não duraram muito, o último conquistado pelos romanos foi o dos Ptolomeus no ano 30 a.C. Nos dozes anos do reinado de Alexandre, um fator crucial permitiu que se criasse entre eles uma mentalidade pouco diferenciada e, ao mesmo tempo, que estivessem sempre em guerra entre si e até mesmo contra reinos diferentes. Esse fator era o helenismo.

Para Lévêque, Alexandre sonhara com um império universal. Uma de suas idéias foi preservada pelos romanos: a de “manter em cada região a administração a que ela estava habituada” (1987,14). Com a intenção de unificar o bárbaro e o grego, Alexandre tinha introduzido também a prática dos casamentos mistos.

Ele também fundou cidades na Ásia, algumas cujo nome era derivado do seu: Alexandria. A Alexandria do Egito foi a principal. Este tipo de urbanização, para Lévêque (1987), seguiu os moldes da *polis*¹¹⁰ grega, mas o rei da Macedônia teve que adotar um antigo costume oriental, segundo o qual os reis eram adorados como deuses ou vigário de deuses, a exemplo do Egito e da Babilônia. O culto real não era uma influência grega, mas sim um antigo costume dos orientais.

¹¹⁰ Dentre as definições da *polis* grega, destacamos: Estado que governa por si mesmo, governo independente, auto-suficiente (FINLEY, 1988).

Alexandre soube aproveitar este costume oriental de culto ao rei para unificar a variedade de povos, cujos costumes, religiões e línguas eram diferentes. Devemos lembrar que nem todos os reis tiveram este costume respeitado, como é o caso da revolta dos judeus sob o comando dos macabeus contra o rei selêucida, Antíoco IV.

A língua e os costumes gregos também foram sendo adotados pelos povos conquistados; as divindades gregas, para povos que eram habituados ao politeísmo, não eram problema, excetuando a Judéia.

As regiões conquistadas foram profundamente marcadas pelo helenismo. Pereira destaca que “já Isócrates tinha declarado, no **Panegírico**, que o que fazia com que se sentissem gregos não era a raça, mas a mentalidade” (1964, 534). Para nós, essa mentalidade grega de costumes fez com que vários povos, que outrora não eram gregos, se sentissem gregos. A autora observa que, para a propagação desses costumes, foi importante o papel da educação dos jovens, cuja aplicação era do Estado, embora os meios para o ensino viessem dos mecenas.

No entanto, o helenismo teve repercussões diferentes em cada povo, inclusive entre os judeus. Na Judéia, influenciou muito a elite: Herodes construiu templos, teatros, hipódromos, ginásios, ou seja, construções para que gregos e a nova elite posta por Roma usufruissem. Afirmamos que a elite judaica era também uma elite que buscava se helenizar.

Lévêque (1987) afirma que a língua grega teve grande aceitação no oriente, Josefo, por exemplo, escreveu suas obras em grego. Foi na literatura que o helenismo teve importância vital:

“O **Eclesiástico** (princípios do século II?) mostra ainda melhor a compenetração do judaísmo e do helenismo. É um tratado sobre educação dividido em pequenos capítulos com título, como as diábris dos Cínicos; contamina a literatura moral dos gregos e os livros sapienciais dos Hebreus: o próprio tema da educação é freqüentemente tratado no século III no mundo helenista” (1987,49).

Os judeus souberam conservar suas tradições, sua religião, seu monoteísmo. Um das causas da rebelião contra Antíoco Epifânio foi ele ter tentado helenizar “à força” vários judeus, proibindo o culto judaico, o fim da circuncisão. Eles também não toleraram a tentativa de colocar a Estátua de Zeus no Templo de Jerusalém e isso provocou a revolta dos macabeus. (LÉVÊQUE, 1987)

Percebe-se, assim, um antagonismo entre o helenismo e a nação judaica. Os gregos conseguiram adeptos para a língua, jogos e literatura, mas os costumes não sofreram muito a influência helenística. Os judeus “devem ser colocados entre as nações que não assimilaram a historiografia grega. A historiografia de tipo grego nunca se tornou uma parte da vida dos judeus” (MOMIGLIANO, 2004,46).

Segundo Momigliano, o judeu tinha uma visão de história diferente da dos gregos: “Assim, para o historiador hebreu, a historiografia logo se tornou uma narração de eventos a partir do início do mundo, de uma forma que nenhum historiador grego jamais concedeu” (2004,40).

Os judeus estavam preocupados com a verdade. *YHWH*¹¹¹ significa Deus da verdade. Existia a obrigação, que perpassa todo o **Velho Testamento**, de cada geração não se desviar de *YHWH*. Momigliano nos lembra de que Flávio Josefo, em sua obra **Contra Apião**, se orgulha dos judeus, cujos arquivos públicos registrados eram melhores que os dos gregos. Observamos que Josefo não percebeu ou não quis perceber que os gregos tinham várias visões de um mesmo relato. Porém percebemos, através dos tradutores da Bíblia de Jerusalém, que esta teve várias composições, tinham há vezes chegavam a ter mais de uma tradição, como por exemplo eloísta, javista, sacerdotal e deuteronomista.

Momigliano, ao comparar os judeus com os gregos, afirma que, para os segundos, a história tinha um significado menor, eles nunca fizeram dela um fundamento de suas vidas.

¹¹¹ Senhor.

No entanto, eles nunca perderam o interesse pela história e fizeram dela a sua maior herança cultural.

Para Momigliano, apesar de não terem continuado a sua historiografia após o século II, “não houve, na verdade, uma ausência de investigação histórica entre os historiadores judeus” (2004,41). Houve uma grande quantidade de investigações, autores que tiveram o cuidado de retratar a situação política contemporânea, como, por exemplo, **Esdras**, **Neemias**, **Primeiro Macabeus**, que nos dão uma idéia do desenvolvimento político dos judeus. O fato é que eles não continuaram a escrever história.

Os judeus que vieram após a **Bíblia** supervalorizaram-na e subvalorizaram os outros eventos. O fato é que todo o desenvolvimento do judaísmo conduziu a algo que era eterno, portanto, não histórico. Os judeus deram um sentido maior para a **Torá** e “Deus, ele mesmo, senta-se e estuda a **Torá**” (**Ab. Zarah** 3 b, *apud* MOMIGLIANO, 2004,44). A **Torá** é suficiente, não admite e nem requer a explicação histórica, diante da familiaridade com Deus.

O judeu ortodoxo não foi impermeável às influências gregas, mas a escrita da história, conforme já mencionamos, nunca foi parte da educação judaica, e “o judeu culto era tradicionalmente um comentador de textos sagrados, não um historiador” (MOMIGLIANO, 2004,49).

Já alguns judeus que, recebendo a influência helenística, escreveram a história de sua nação em grego devem ser colocados entre os historiadores gregos. Eles assim o fizeram porque os gregos, por meio de *historia* helênica, os ensinaram a ver a si mesmos de uma forma diferente e em parte porque queriam se fazer respeitáveis diante dos gregos” (MOMIGLIANO,2004,46). De nosso ponto de vista, Josefo quis se apresentar aos gregos e romanos como o principal historiador ou até mesmo o historiador oficial dos judeus.

Os judeus escreviam em grego, mas não se afastavam de seus costumes. Havia comunidades judaicas que falavam grego, não sabiam o aramaico e nem hebraico, mas

praticavam o judaísmo. O grego foi a língua “cultural alternativa” destas comunidades por até oito séculos. Josefo, por exemplo, apesar de escrever para gregos, passou todo o costume judaico para os gregos e até mesmo quando usava, por exemplo o termo *Fortuna*, deixava transparecer que Deus era o controlador de tudo na história da humanidade.

Alguns judeus que escreverem em grego foram confundidos com pagãos. Josefo considerou Caecilius de Calacte, século I a.C., Demétrio, século III a.C. e Eupolemo século II a.C., como pagãos. Foi Eusébio que percebeu que eles eram judeus. “Não há dúvida de que alguns judeus se disfarçaram de pagãos de modo a tornar a sua propaganda mais eficaz” (MOMIGLIANO, 2004,47). Alguns foram sincretistas, como Artapanos, “que atribuiu a introdução de cultos egípcios a Moisés, e Cleodemois apresentou Heracles como o companheiro de três filhos de Abraão” (2004,47). Outros pensaram a história judaica em um estilo literário grego, como Jasão de Cirene, cuja obra está resumida em **Segundo Macabeus**:

“O Livro **Segundo dos Macabeus** encontra-se na fronteira entre o pensamento judeu e o grego (...) Filo é outro historiador que não pode ser classificado nem como judeu nem como grego. Apenas parte de seu relato dos acontecimentos que ocorreram ao mesmo tempo em Roma e em Alexandria sobreviveu, e não é fácil formar a idéia do que ele queria de fato provar” (MOMIGLIANO,2004,48).

Já Josefo não escreveu história para os judeus helenizados, mas para os pagãos. “Ele queria apresentar a história judia para leitores gregos educados e relatar a guerra judaica de um modo que enaltecesse a todos, inclusive a ele próprio, com exceção feita a uma minoria de judeus fanáticos” (MOMIGLIANO, 2004,48).

Dentre as influências do helenismo em Flávio Josefo, existe a possibilidade de ele ter adotado a concepção de história da historiografia grega¹¹², especialmente os seguintes

¹¹² A historiografia contemporânea a respeito da influência historiográfica grega e latina em Josefo identifica os seguintes autores: Heródoto, Tucídides, Xenofonte, Políbio, Dionísio de Halicarnasso, Nicolau de Damasco. Além dos seguintes poetas e filósofos: Demóstenes, Sófocles e Virgílio (BARNABÉ, 2006), (BENTWICH,1914), (COHEN,1982), (DEGAN,2006), (DOBRORUKA,2002,2003,2005), (ECKSTEIN,1991),

aspectos: a preservação do passado por meio da memória dos feitos dos homens; a idéia de verdade; o modelo utilizado na narrativa (autobiografia, cronologia) e a concepção de tempo.

Josefo trouxe da historiografia grega a preocupação em registrar por escrito as memórias da guerra que ele presenciou. Momigliano destaca que:

“Cada historiador grego está preocupado com a importância qualitativa daquilo que vai dizer. Sua tarefa é preservar a memória de fatos passados importantes e de apresentá-los de uma maneira confiável e atrativa. A escolha do tema e o exame de dados dependem de vários fatores, entre eles a integridade intelectual do próprio historiador.” (2004,38).

Para que a memória dos homens fosse preservada, era preciso que o historiador comesse a investigar e Heródoto (séc. V a.C.) trouxe para a história, algo novo: a investigação. Para Hartog, Heródoto fez dela “uma palavra-chave de todo seu empreendimento (sem esquecer, entretanto, o *hístor*-árbitro da época arcaica)” (2001,50).

No prefácio de **Histórias**, Heródoto expõe a certidão do nascimento desta obra.

“Os resultados das investigações de Heródotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se gerrearam” (I,1).

O *Hístor* não é mais um Aedo. O mundo mudou, a “*Historía*, formada a partir do verbo *historeîn*, é derivada de *hístor* (remetendo etimologicamente a *ideîn*, “ver”, e a (w) *oida*, “saber””) (HARTOG, 2001,51).

Com Heródoto, percebemos que é preciso arriscar e aprender a ver, conviver com os fatos, acontecimentos, guerras. O homem é sua visão central. O historiador fará a memória, não deixará o tempo apagá-la, levá-la ao esquecimento.

Esta parece ser uma forte influência de Heródoto em Josefo, uma vez que este se preocupa em preservar a memória da nação judaica, além de tentar por fim ao antijudaísmo entre os gregos.

Mas Heródoto trouxe outros princípios novos para a história. Momigliano ressalta dois: a) registrar e não somente criticar; b) separar aquilo que viu e ouviu, em razão do grau de confiabilidade da pessoa. Estes princípios também se apresentam em Josefo, quando declara, em seu prefácio, que viu e conviveu com a guerra dos judeus, tanto como revoltoso quanto como prisioneiro romano.

Sobre o uso das fontes, Momigliano afirma que Heródoto citou apenas doze inscrições gregas e doze documentos estrangeiros. Seu método era baseado na oralidade e não na escrita, ou seja, podemos observar que ele confiou mais nas informações que presenciou. Momigliano resume nesta frase o método de Heródoto:

“O método de Heródoto é o do homem que não quer suprimir o que não está em seu poder entender ou corrigir; ao mesmo tempo permite à humanidade – ou a uma boa parte dela – espelhar-se em seu relato” (2004,64).

Conforme encontramos na historiografia, percebemos que também Tucídides, para escrever sua obra, confiou mais em seus olhos do que nos olhos e ouvidos de suas testemunhas confiáveis. Diferentemente de Heródoto, ele nunca registrava algo sem assumir as responsabilidades, e eram raras as vezes em que ele indicava sua fonte. Seu objetivo, ao escrever a **História da Guerra do Peloponeso**, foi registrá-la por escrito e, embora não tenha feito nenhuma projeção para o futuro, queria que sua história fosse um exemplo para sempre.

Percebemos uma forte influência de Tucídides em Josefo. Além de confiar mais em si para escrever a obra **A Guerra dos Judeus**, ele quis que esta obra servisse de exemplo para que os judeus não se revoltassem mais contra Roma.

Josefo também trouxe dos gregos a idéia de verdade. Ele mesmo declarou, no prefácio de sua obra **A Guerra dos Judeus**, que a sua história era a verdadeira: “vamos pelo menos, nos deter na verdade histórica” (GJ, I, 16, p. 11)¹¹³. Aqui, vemos que essa verdade de Josefo é observada a respeito dos fatos sob uma ótica romana.

¹¹³ “let us at least hold historical truth” (**The Jewish War**, I, 16, p. 11)

Sobre essa concepção de verdade, de acordo com Barnabé (2006), os gregos já manifestavam, desde o século VIII a.C., o distanciamento entre *mythos* e *logos*. Para ele, “ a principal característica da oposição entre *mythos* e *logos* se dará pela transição de tradição oral para a escrita, principalmente na prosa” (2006,28).

O texto permite ao leitor posicionar-se de maneira crítica:

“Deste ponto de vista, tudo que dava à palavra seu poder de impacto, sua eficácia sobre outrem, se achava, dali em diante rebaixado à classe de *mythos*, do fabuloso, do maravilhoso, como se o discurso só pudesse ganhar na ordem do verdadeiro e do inteligível, perdendo ao mesmo tempo na ordem do agradável, do emocionante e do dramático” (VERNANT, *apud*, BARNABÉ, 2006,29).

Nessa passagem percebemos que, a partir do século VIII a.C., o conceito do que é verdadeiro vai sendo formado entre os gregos. Os mitos já estão começando a ceder para o que é verdadeiro.

De acordo com Momigliano, é possível ter sido com Tucídides que o grego se preocupou em dar importância ao verdadeiro. Ele tinha sempre a possibilidade de escolha entre o verdadeiro e o não verdadeiro. Diferente do judeu, para quem a verdade estava no **Tanách**¹¹⁴, a verdade para os judeus era *YHWH*, logo não cabia discuti-la. A lei grega, diferentemente da judaica, tornou-se uma fonte inesgotável de pesquisa a partir do século V a.C. e, “mais tarde, provou ser um dos ingredientes principais da escrita da história” (2004,41).

Josefo, de nosso ponto de vista, esteve separado da tradição judaica, e Tucídides e Políbio tiveram importância nisso. Para ele, sua obra continha a verdade porque retratava os acontecimentos que tinha presenciado. Ele distanciou-se também da história judaica, já que foi um dos judeus que quebrou a tradição de que apenas a **Tanách** tinha a história e por isso

¹¹⁴ **Velho Testamento**, para cristãos.

não se deveria escrevê-la. Josefo escreveu a história da guerra dos judeus e se considerou um sucessor dos antigos profetas.

Hartog (2001) comenta o fato de esses historiadores fazerem sempre um prefácio. Observamos que hoje os prefácios indicam a metodologia e até mesmo o que o autor quer dizer em sua obra. Para os historiadores gregos, o prefácio valorizava o assunto, mostrava sua significância, sua importância. Por seu intermédio, eles argumentavam contra predecessores, que provavelmente manifestavam sua ignorância e mentiam acerca dos fatos.

Flávio Josefo é um exemplo clássico, pois, no Prefácio de **A Guerra dos Judeus**, ele menciona outros historiadores que mentiram e até mesmo não eram autoridades para falar do assunto. Segundo ele, alguns que se dispuseram a escrever sobre a história da guerra, fizeram-no “a partir de boatos causais e histórias contraditórias” (ou) “a partir da adulação aos romanos ou do ódio dos judeus e deturpam os fatos (GJ, I, 1, p. 3).¹¹⁵ Em **Contra Apião**, ele procurou desmentir o que o historiador Apião escreveu da história dos judeus. Esse era um procedimento de legitimação entre os historiadores gregos, uma defesa da idéia de verdade, em que eles combatiam outros historiadores que mentiram ou falsificaram determinados assuntos.

Essa idéia de auto-afirmação, ou seja, de que em seus escritos se encontrava a verdade, fez com que muitos historiadores gregos acreditassem mais no que viram e, por isso, usassem poucos documentos para justificar. Quanto aos documentos, os gregos não obedeciam a um critério estabelecido. Eles eram livres e não tinham a necessidade de reivindicar seus direitos a seus dominadores, e “isto é suficiente para explicar porque a historiografia grega está muito menos preocupada com a citação literal de documentos” (MOMIGLIANO, 2004,31). Heródoto cita inscrições, oráculos e outros poemas, mas não deixa de citar também alguns documentos. Tucídides foi o primeiro a copiar arquivos que provinham de documentos.

¹¹⁵ “have collected from hearsay casual and contradictory stories (...) either from flattery of the Romans or from hatred of the Jews, misrepresented the facts” (**The Jewish War**, I, 1, p. 3).

Ele também adotou a narrativa dos fatos e acontecimentos da historiografia grega, como a autobiografia e a cronologia. Sobre a autobiografia e biografia, Momigliano alerta que “sempre houve uma tradição de relatos autobiográficos na literatura grega” (2004,33). É o caso de Hesíodo (século VIII a.C.), Heráclito (540 a.C. a 470 a.C.), Empédocles (século V a.C.), Íon de Quios (485 a.C. a 425 a.C.), que até escreveu em primeira pessoa a respeito das pessoas que conhecia, Hecateu de Mileto (540 a.C. a 480 a.C.). Os dois últimos eram jônios e tiveram uma forte influência oriental. Scylax (século VI a.C.) escreveu a biografia de Heráclides, tirano de Milasa. Heródoto também escreveu a biografia de pessoas do leste. Até Tucídides escreveu a biografia dos heróis que estavam na fronteira da Pérsia.¹¹⁶ Uma observação aqui se faz obrigatória, de nosso ponto de vista, pois Flávio Josefo escreveu uma obra chamada **Vida de Flávio Josefo**.

Sobre a cronologia e o ordenamento dos fatos históricos pelos historiadores gregos, Momigliano escreve que:

“A atitude grega em relação à história invariavelmente implica que o historiador não apenas relata os fatos, como também estabelece uma ligação entre eles: em outras palavras ele procura as causas e as conseqüências, e nesta tarefa chega a ser bastante sofisticado” (2004,38).

Ele alerta que a historiografia grega, desde o seu nascimento, esteve preocupada com a cronologia. A importância da cronologia está ligada à antiguidade dos gregos. A exceção era Tucídides, que deu importância à história do presente, mas o grego, de forma geral, gostava daquilo que era antigo.

Flávio Josefo nos deixou uma cronologia em suas obras **A Guerra dos Judeus**, **Antiguidades Judaicas** e **Vida de Flávio Josefo**¹¹⁷.

Tucídides expressa uma ruptura importante com relação com eventos antigos, como podemos perceber neste trecho:

¹¹⁶ MOMIGLIANO, 2004, 33 e 34.

¹¹⁷ A exceção foi **Contra Apião**, na qual ele procura defender a antiguidade dos judeus

“Na verdade, quanto aos eventos anteriores e principalmente aos mais antigos, seria impossível obter informações claras devido ao lapso de tempo; todavia, da existência que considero confiável recuando as minhas investigações o máximo possível, penso que eles não foram realmente grandes, seja quanto às guerras mesmas, seja quanto a outros aspectos” (TUCÍDIDES, **História da Guerra do Peloponeso**, I, 1).

A inovação de Tucídides foi a história do presente. Para ele, os fatos antigos eram difíceis de descobrir, pois a distância temporal era muito grande.

Também Josefo, em **A Guerra dos Judeus**, deu muita ênfase à história do presente. Sua obra foi dividida em sete livros, dos quais apenas o primeiro e metade do segundo são de acontecimentos anteriores à guerra; nos demais, ele relata uma história do presente, ou seja, da guerra dos judeus. Ele sempre procurou colocar datas em suas obras, principalmente as relacionadas à guerra dos judeus, em que ele participou.

Uma forte influência de Tucídides¹¹⁸ em Josefo, que vem sendo estudada ultimamente, é apresentada por Vicente Dobroruka¹¹⁹, trata-se do conceito de *stasis* em Flávio Josefo. Para ele, *stasis* em Tucídides contém uma idéia de “sedição, convulsão popular, guerra civil”. Josefo usa este termo muitas vezes, inclusive para caracterizar alguns grupos dos quais não gostava, a saber: sicários, zelotas, idumeus e duas pessoas específicas, João de Giscala e Simão b. Giorias.

O historiador grego não concebia o tempo cíclico, como muitos historiadores modernos consideram. “A noção muitas vezes repetida de que os historiadores gregos tinham uma idéia cíclica do tempo é uma invenção moderna” (MOMIGLIANO, 2004,38). Lloyd¹²⁰

¹¹⁸ Observamos que a historiografia moderna considera Tucídides como a principal influência de Josefo, mas iremos privilegiar Políbio, que também foi uma referência importante para ele. (LOBIANCO, 1999, 152); (THACKERAY, Introdução da **The Jewish War**, p. xvii. e 1929); (HADAS-LEBEL, 1991)

¹¹⁹ DOBRORUKA, **Considerações sobre o conceito de stasis na obra de Flávio Josefo**, 2001

¹²⁰ Segundo Lloyd não existe uma concepção grega de tempo: “A própria diversidade das idéias e dos enfoques, tanto dentro como fora da filosofia, deve ser apreciada no seu justo valor não apenas em si mesma, mas também reconhecida como um dos traços essenciais da contribuição helênica” (1975, 171). O autor discorre sobre a análise de tempo entre os gregos, considerando a análise pré-filosófica e não-filosófica. A análise pré-filosófica pode ser lida em Homero e Hesíodo. A análise do tempo pelos filósofos em Parmênides, Platão, Aristóteles,

demonstra que existe um erro entre diversos historiadores modernos quanto ao tempo grego: “Pretender, em particular, opor uma concepção grega do tempo a uma concepção judaica, e considerar a primeira essencialmente cíclica e a segunda essencialmente linear, significa em todos os casos quanto aos gregos, adotar uma atitude absolutamente equivocada” (1975, 136).

Momigliano afirma que Políbio aplica uma noção de tempo cíclico aos acontecimentos históricos, “mas o faz apenas parcialmente quando trata da evolução das constituições¹²¹, deixando os acontecimentos mais comuns, militares e políticos fora do ciclo¹²²” (2004,38).

Já Josefo colocou, de uma forma linear, em que Deus está no comando de tudo. Josefo faz um lamento ¹²³ pelo Templo, que está em um tempo cíclico e mostra a história de destruições anteriores, colocando-o assim em um ciclo de vida e morte:

“Também é uma saudável maravilha da exatidão do **ciclo do Destino** (GJ, VI, 267-268, p. 453).¹²⁴

Lloyd procura mostrar que o tempo cíclico assume formas diferentes entre os autores gregos, os quais adotavam, também, uma concepção linear. Observamos que de um modo geral a idéia de tempo linear vem de um tempo contínuo, que não se repete. Trata-se de uma idéia de tempo presente, “do agora”, que nos permite reconhecer o anterior e o posterior no tempo” (1975, 166). No caso dos judeus, principalmente os judeus apocalípticos, e até mesmo dos cristãos, prevalece a idéia de um tempo contínuo, que começou com a criação e terminará com o fim do mundo, não existindo nem renascimentos e nem reencarnações. O tempo cíclico, de uma forma geral, sugere uma idéia de sucessão, dia e noite, ou mesmo de eterno retorno. Podemos encontrar a mesma concepção na descrição de Josefo quanto ao Templo. Ela apresenta uma sucessão de destruição e construção, ou seja vida e morte.

Plotino, Anaximandro, Sófocles, Heráclito, Empédocles, Zenão de Eléia, Melisso de Samos, cuja interpretação é bastante complexa.

¹²¹ **Histórias**, VI, 1-11

¹²² “Mesmo no caso das constituições, a sua teoria não tem nada do rigor e da consistência a ela atribuída pelos intérpretes modernos” (MOMIGLIANO, 2004, 38).

¹²³ **GJ**, VI, 267-270

¹²⁴ “And one may well marvel at the exactness of cycle of Destiny.” (**The Jewish War**, VI, 267-268, p. 453)

Políbio foi o primeiro historiador grego a olhar o mundo da ótica romana, tornando-se uma baliza para todos os historiadores que passaram a ver o mundo dessa perspectiva. Observamos que Josefo escreveu **A Guerra dos Judeus** desse ângulo romano, contando com o patrocínio dos Flavianos. Ele próprio afirma que a causa da derrota dos judeus foi “atestada por Tito César” (**GJ**, I, 10, p. 7) ¹²⁵. Em outras palavras foram os judeus e não os romanos os responsáveis pela guerra.

Josefo apresenta alguns elementos do helenismo e da historiografia grega em **A Guerra dos Judeus**, a exemplo da língua, do conceito de verdade, da representação da memória de uma guerra para os leitores. Ele afirma que presenciou os fatos que descreveu, mas não foi apenas isto: ele viveu em um mundo em que Roma era a superpotência e lhe deu muito destaque. Roma era poder, ninguém podia contra ela; é nessa leitura que reside a importância de Políbio.

4.2. Josefo e Políbio

Na historiografia moderna, existem diversos trabalhos a respeito da influência de Políbio ¹²⁶ sobre Josefo. Hadas-Lebel (1991) e Alex Degan (2006) abordam a relação entre os dois e nos trazem afirmações que se confirmam quando comparamos os historiadores: ambos foram deportados da guerra dos romanos, escreveram obras relatando a derrota contemporânea de seus povos, combateram Roma, discordaram da revolta de seus povos

¹²⁵ “attested by Titus Caesar himself” (**The Jewish War**, I, 10, p.7)

¹²⁶ Políbio: G. *Polýbios* (202 a.C. a 120 a.C.): historiador grego. Amigo de Cipião. Escreveu a obra **História Universal sob a República Romana**, onde mostra a rápida e dramática história da conquista romana do Mediterrâneo desde a Segunda Guerra Púnica até a terceira Guerra Macedônica. Políbio nos apresenta o contexto que procura seguir na sua obra, que começa na 140ª Olimpíada (220 a.C. a 216 a.C.). Os assuntos que aborda estão relacionados a três eventos que marcaram esta Olimpíada: o começo da Quarta Guerra Síria (219 a.C. a 216 a.C.) entre Antíoco III, o Grande (rei da Síria 223 a.C. a 187 a.C.) e Ptolomeu Filopator (221 – 180 a.C.); Guerra Civil na Grécia entre Felipe V, rei da Macedônia (221 a.C. a 179 a.C.) e os aqueus contra os etólios; Guerra Anibálica (ou Segunda Guerra Púnica (Cerca de 218 a.C. a 202 a.C.) entre Roma e Cartago pelo controle da Itália, Líbia, Espanha. Foram estas três guerras que serviram para a redefinição de um novo mundo. Para Políbio, os eventos, que antes eram locais, ou seja, regionais, a partir de então se interligaram: Itália, Líbia, Grécia e Ásia. Mesmo que tenha relatado outras e diversas guerras em sua obra, elas estão relacionadas a estas regiões

contra os romanos, tinham consciência do poderio romano, caíram nas graças de pessoas influentes em Roma (Políbio, nas graças de Cipião Emiliano, e Josefo, nas graças de Tito.)

Quando escreveu **Antiguidades Judaicas** e **Contra Apião**, Josefo já conhecia os trabalhos de Políbio. De acordo com Cohen (1982) e Eckstein (1990), ele leu Políbio, pois o citou em três passagens. Em **Antiguidades Judaicas**, encontramos a primeira referência (XII, 135-137) ¹²⁷:

“mas primeiro produzirei o testemunho de Políbio de Megalópolis, pois desta forma ele falou, no décimo sexto livro de sua história: “Agora Scopas, o general do exército de Ptolomeu, foi apressadamente para as partes superiores do país, e, no inverno causou a queda da nação dos judeus?”. Ele também disse, no mesmo livro, que “quando Scopas foi subjugado por Antíoco, Antíoco recebeu Betanéia, e Samaria, e Abila, e Gadara; e que, depois de algum tempo, chegaram a ele aqueles judeus que habitavam perto do templo, que foi chamado Jerusalém; a este respeito, embora eu tenha mais a dizer, particularmente a respeito da presença de Deus sobre aquele templo, ainda posso adiar essa história até outra oportunidade”. Isto é o que Políbio relata.” ¹²⁸

Este relato se encontra como um fragmento no livro (XVI, 39) de Políbio. É o único ao qual nos remete a Josefo. Temos aí Josefo atuando como historiador, consultando os arquivos (neste caso livro XVI de Políbio) e recuperando uma informação referente à história dos judeus. Esta narração que Josefo recuperou diz respeito à Quarta Guerra Síria, de Antíoco III contra Ptolomeu V, ocorrida entre os anos de 219 a.C. a 216 a.C., especificamente o episódio em que Scopas, general do Ptolomeu, foi subjugado por Antíoco.

¹²⁷ Na versão on-line Whiston, vemos que está em XII, 129. E se encontra na página <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0146&layout=&loc=12.135>

¹²⁸ "but will first produce the testimony of Polybius of Megalopolis; for thus does he speak, in the sixteenth book of his history. Now Scopas, the general of Ptolemy's army, went in haste to the superior parts of the country, and in the winter time overthrew the nation of the Jews?" He also saith, in the same book, that "when Scopas was conquered by Antiochus, Antiochus received Batanea, and Samaria, and Abila, and Gadara; and that, a while afterwar assigned ds, there came in to him those Jews that inhabited near that temple which was called Jerusalem; concerning which, although I have more to say, and particularly concerning the presence of God about that temple, yet do I put off that history till another opportunity." This it is which Polybius relates.". (**Antiquities of the Jews**, XII, 135-137)

Aqui percebemos que Josefo usa Políbio como uma grande autoridade para escrever sobre a maneira como Antíoco, o Grande, conquistou a Síria. Ele começa escrevendo “que primeiramente produzirá o testemunho de Políbio”, reproduz tais testemunhos e, por fim, encerra afirmando que esse foi o relato de Políbio. Para nós, leitores, ele deixa claro que se apoiou em uma grande autoridade e que o relato é confiável.

A segunda menção a Políbio também encontramos em **Antiguidades Judaicas** ¹²⁹:

“Quando se pode admirar que Políbio de Megalópolis, que, embora outro bom homem, ainda disse que “Antiocos morreu porque ele tinha um propósito de saquear o templo de Diana na Pérsia”, pois o propósito para fazer uma coisa, mas que na verdade não foi feita, não é digno de punição. Mas se Políbio poderia pensar que Antioco perdeu sua vida nesta situação, é muito provável que este rei morreu em razão de seus sacrilégios no Templo de Jerusalém. Mas nós não combateremos a respeito desta matéria com quem possa pensar que a causa atribuída por Políbio de Megalópolis esteja mais próxima da verdade do que a determinada por nós” (XII, 358-359) ¹³⁰

Embora Josefo cite Políbio, explicita também uma discordância quanto à morte do rei Antioco ¹³¹. Para Josefo, este rei morreu por profanar o Templo de Jerusalém. Já Políbio afirma que este rei morreu por ter pensado em saquear o Templo de Diana na Pérsia ¹³².

O fato de Josefo explicar que não discutirá com aqueles que defendem a versão de Políbio nos leva a supor que o último ainda tinha certo respeito entre romanos e gregos, pois Josefo sempre procurou atacar historiadores que escreveram contra a sua versão. Ele respeitava Políbio, uma vez que este o influenciou na redação de **A Guerra dos Judeus**. Além disso, como vemos na passagem anterior, usou Políbio como uma autoridade. Nesta,

¹²⁹ Na versão on-line Whiston, vemos que está em XII, 354. E se encontra na página <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0146&layout=&loc=12.358>

¹³⁰ “Whence one may wonder at Polybius of Megalopolis, who, though otherwise a good man, yet saith that “Antiochus died because he had a purpose to plunder the temple of Diana in Persia;” for the purposing to do a thing, 1 but not actually doing it, is not worthy of punishment. But if Polybius could think that Antiochus thus lost his life on that account, it is much more probable that this king died on account of his sacrilegious plundering of the temple at Jerusalem. But we will not contend about this matter with those who may think that the cause assigned by this Polybius of Megalopolis is nearer the truth than that assigned by us.”(**Antiquities of the Jews**, XII, 358-359)

¹³¹ Antioco IV, Epifanes.

¹³² **Histórias**, XXXI, 9

apenas escreveu que Políbio estava errado, mas não o atacou como fez com Apião em **Contra-Apião**. Para nós, Políbio era um modelo que Josefo estava seguindo.

A terceira e última referência de Josefo a Políbio pode ser lida em **Contra Apião** (II, 84)¹³³:

“Mas em relação a Antioco, [Epifânio], ele não tinha uma causa justa para fazer a destruição que fez em nosso templo; ele só veio quando queria dinheiro, sem se declarar como nosso inimigo e nos atacou quando nós éramos seus associados e seus amigos; e também não encontrou nenhuma coisa ali que fosse ridículo. Isto é atestado por muitos outros escritores: Políbio de Megalópolis, Estrabão da Capadócia, Nicolau de Damasco, Timagenes, Castor o cronógrafo e Apolodoro; que todos dizem que dinheiro não era interesse de Antíoco, que ele quebrou a liga com os judeus e despojou o templo quando ele estava cheio de ouro e prata¹³⁴.”

Josefo escreveu **Contra-Apião** para combater o historiador que tinha atacado os judeus nos livros três e quatro de sua **Aegyptiaca**. Josefo aborda os assuntos que Apião afirmava serem falsos e se respalda em historiadores gregos e latinos. Políbio, que lhe servia de modelo, não seria esquecido nesta lista.

Apião alegava que os judeus tinham um tesouro sagrado na cabeça de um burro e que Antíoco, ao entrar no Templo de Jerusalém, achou, na cabeça desse burro, ouro. Josefo contra-argumenta que Antioco saqueou o Templo de Jerusalém e, conforme escrevemos no parágrafo acima, afirma que essa informação era falsa, usando Políbio como testemunho.

Para Ivan Esperança, “em **A Guerra Judaica**, o autor escreve a respeito do poder dos romanos sobre os judeus com uma forma semelhante àquela que Políbio, dois séculos antes, utilizara para justificar a hegemonia dos romanos sobre os gregos.” (2004, 239). Para

¹³³ Na versão on-line Whiston, vemos que está em II, 79. E se encontra na página <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0216;layout=:query=whiston%20section%3D%2342;loc=2.89>

¹³⁴ “But for Antiochus [Epiphanes], he had no just cause for that ravage in our temple that he made; he only came to it when he wanted money, without declaring himself our enemy, and attacked us while we were his associates and his friends; nor did he find any thing there that was ridiculous. This is attested by many worthy writers; Polybius of Megalopolis, Strabo of Cappadocia, Nicolaus of Damascus, Timagenes, Castor the chronotoger, and Apollodorus; who all say that it was out of Antiochus's want of money that he broke his league with the Jews, and despoiled their temple when it was full of gold and silver.” (**Against Apion**, II, 79)

Dobroruka (2001), apesar de Josefo ter atacado autores gregos em sua obra **Contra Apião**, contraditoriamente demonstra ter sofrido forte influência de historiadores gregos, entre eles Políbio. Para Passuello, Políbio e Josefo escreveram baseados em “uma política e apologética para compreender e justificar a ascensão do império romano, dentro de uma análise biográfica e dos grandes feitos” (2004,93). Lendo a obra de Josefo, percebemos como ele se assemelha a Políbio ao exemplificar a rápida expansão do Império Romano.

Dois historiadores aprofundaram-se mais nesta longa discussão entre Políbio e Josefo¹³⁵. Cohen, em 1982, num estudo intitulado **Josefo, Políbio e Jeremias**, discorre sobre as biografias paralelas de Josefo e Políbio. Segundo ele, a análise da constituição romana feita por Políbio é semelhante à de Josefo, quando este estuda a **Torá** estabelecida por Moisés, em **Contra Apião**. Menciona também a comparação da ordem do poderoso exército romano e que nada podia contra ele. Acrescenta outros casos, como os erros dos revoltosos em atacar Roma, as punições divinas (divina no caso de Josefo) pela violação dos templos, a idéia de que os líderes anti-romanos eram criminosos e destinados à morte; a ênfase à derrota dos gregos (Políbio) e dos judeus (Josefo) e à vitória dos romanos. Um caso que chama a atenção é a virtude dos romanos ao darem a chance do arrependimento aos revoltosos. Cohen considera que Josefo vê Tito como Políbio vê os patrões Amelianos, ou seja, com esta virtude.

Eckstein, em 1990, escreve uma resposta ao trabalho de Cohen, com o título **Josefo e Políbio: uma reconsideração**, na qual aborda outros assuntos que assemelham Josefo e Políbio, como a organização que eles deram às suas obras e suas declarações de amor à verdade.

Eckstein discorre sobre três grandes temas: maneiras de Políbio e Josefo analisarem as causas da guerra, homens racionais que foram contra a guerra e homens irracionais que foram favoráveis a ela, e a natureza hegemônica dos romanos sobre o mundo.

¹³⁵ Cohen indica vários historiadores que discutiram sobre Josefo e Políbio, (1982,366, n. 2)

Eckstein (1991, 188) afirma que Josefo já tinha conhecimento de Políbio antes de escrever **A Guerra dos Judeus**, porém, afirmando que está sendo bastante conservador, declara que o mesmo teria lido apenas os seguintes livros de Políbio:

- Possivelmente: Livro 3, Livro 4
- Provavelmente: Livro 8, Livro 9, Livro 38.
- Certamente: Livro 6, Livro 12, Livro 16, Livro 31.

As informações são insuficientes para afirmar que Josefo leu apenas estes livros e nem que leu a obra de Políbio inteira, mas ele certamente conheceu o livro VI antes de escrever **A Guerra dos Judeus** na língua grega, pois é nele Políbio apresenta a organização do exército romano, a qual é também reproduzida por Josefo em seu livro III.

A conclusão de Eckstein é que Josefo “encontrou em Políbio motivos benéficos para representar e/ou interpretar ferramentas – isto é, uma forma eficaz de apresentar a sua audiência de fala grega as suas idéias sobre o desenvolvimento do estado Judaico, e suas idéias na boa historiografia” (1991, 189).

Outra semelhança entre Políbio e Josefo pode ser encontrada na apresentação dos romanos como conquistadores do mundo. Ambos escrevem que os romanos conquistaram o mundo habitável, apesar de eles mesmos destacarem que em outras partes da terra existiam homens, mas estas não eram local adequado para se habitar.

No caso de Josefo, ele mostra que para os judeus revoltosos não havia muita escolha:

“Pois quem tem escapado dos Romanos, salvo talvez alguma mancha dentro do frio ou do calor?” (**GJ**, V, 366-368, p. 315)¹³⁶

Com base neste trecho, podemos afirmar que a concepção de mundo habitável para Josefo era de um local onde não existia nem frio e nem calor, em outras palavras, um local de clima temperado. E os romanos tinham conquistado todo o mundo habitável, conforme a

¹³⁶ “For what was there that had escaped the Romans, save maybe some spot through heat or cold? (**The Jewish War**, V, 366-368, p. 315)

passagem deixa transparecer. Mas de onde veio esta idéia de Josefo? Podemos encontrá-la em alguns escritos de Políbio.

Políbio, em um fragmento do livro 34¹³⁷, apresenta sua idéia de mundo habitável:

“Políbio o historiador compôs um livro com o título Sobre as partes do globo sob o Celestial Equador, vale dizer, no meio da zona tórrida. Ele diz que a região é habitada, e possui um clima mais temperado do que a daqueles que habitam extremidades da zona tórrida.”¹³⁸ (**Histórias**, XXXIV, 1, 8, p. 293)

Ao escrever sobre a Macedônia, ele especifica sua concepção de mundo habitável:

“O domínio dos Macedônios na Europa, estendeu-se apenas da região do Adriático até o Danúbio, mostrando ser uma parte insignificante do continente. Subsequentemente, por derrotar o império Persa eles se tornaram supremos sobre a Ásia também. Mas apesar do seu império ter sido considerado grande geograficamente e politicamente e nunca ter existido outro, eles deixaram uma grande parte do mundo habitável ainda como fora dele (...) Mas os romanos sujeitaram à sua lei não apenas porções, mas quase todo o mundo.” (**Histórias**, I, 2,4,5,7 p. 7)¹³⁹

Chegamos à conclusão de que, para Políbio, o mundo habitável era a região do Mediterrâneo, já que, na continuidade do texto, ele escreve sobre as ilha da Sardenha, Sicília, Líbia e sobre vários povos guerreiros da Europa Ocidental. No que tange à região do Mediterrâneo, a Macedônia tinha conquistado apenas o litoral do Levante, Judéia, Egito, Ásia Menor e a Grécia. Políbio desconsiderou os vários povos que habitavam o Oriente Médio, a Índia, partes da Península Arábica. Já a Pérsia, tinha dominado poucas áreas do “mundo habitável”, pois o restante era de regiões bárbaras.

¹³⁷ Que contém os **Fragmentos Geográficos de Políbio**, este fragmento é uma citação de *Geminus*, (**Elementos da Astronomia**, C 16)

¹³⁸ “Polybius the historian has composed a book with the title **On the parts of the globe under the Celestial Equator**, that is to say in the middle of the torrid zone. He says that the region is inhabited, and has a more temperate climate than that of those who inhabit extremities of the torrid zone” (**The Histories of Polybius**, XXXIV, 1, 8, p. 293)

¹³⁹ “The Macedonian rule in Europe extended but from the Adriatic region to the Danube, which would appear a quite insignificant portion of the continent. Subsequently, by overthrowing the Persian empire they became supreme in Asia also. But though their empire was now regarded as the greatest geographically and politically that had ever existed, they left the larger part of the inhabited world as yet outside it. (...) But the Romans have subjected to their rule not portions, but nearly the whole of the world” (**The Histories of Polybius**, I, 2,4,5,7 p. 7)

Para Políbio, Roma conquistou o mundo habitável em razão de vários fatores, dentre os quais uma estrutura militar bastante organizada, capaz de vencer vários povos, alguns até mesmo fortes, como Cartago. Em sua obra, ele nos deixou uma passagem em que mostra as divisões das legiões romanas, seus acampamentos, como eles se preparavam para lutar e explica que esta conquista se deu em dois séculos graças à supremacia militar de Roma.

Embora as indicações de Josefo e Políbio acerca do poderio romano sejam longas, merecem destaque os trechos que resumem suas principais idéias sobre a organização do exército romano. Nos trechos de Josefo, III 70-109, e nos de Políbio, VI 19-42, encontramos algumas idéias. Políbio mostra-nos o recrutamento e organização das legiões, o armamento e o acampamento dos soldados, o serviço de guarda, as punições, recompensas, soldo e a ordem de campanha do exército. Josefo descreve o treinamento do exército em tempo de paz, os acampamentos e sua construção, a rotina diária no interior do acampamento e a sua desmontagem, o exército em marcha, as armas e equipamentos da infantaria, a cavalaria, as táticas e as disciplinas. Afirma também que Roma é devedora de seu exército eficiente, graças a esta organização.

Algumas passagens merecem destaque. Para cada aspecto descrito, selecionamos uma de cada autor, reproduzindo-as em sequência.

Começamos pela forma e pelo lugar onde os romanos constroem seus acampamentos:

“Os romanos, assim, pela conveniência de estudar este assunto, seguem, ao que me parece, um curso diametralmente oposto ao usual entre os gregos. Os gregos ao acampar pensam que é de fundamental importância adaptar o campo às vantagens naturais do terreno, primeiro porque evitam o trabalho de entrincheirar; segundo, porque pensam que as defesas artificiais não são iguais em valor à fortificações que a natureza oferece no local. De modo que, no que respeita ao plano do acampamento como um todo, eles são obrigados a adotar todos os tipos de formas para atender à natureza da região, e têm, frequentemente, que deslocar as partes do exército para locais impróprios. A consequência é que as pessoas não sabem exatamente seu lugar no próprio acampamento ou o local onde seu corpo está. Os romanos ao contrário preferem se submeter à fadiga de entrincheirar e

de realizar outros trabalhos de defensiva por causa da conveniência de ter um único tipo de acampamento, que nunca varia e é familiar a todos. Eles são os mais importantes fatos acerca do exército romano e especialmente sobre o método de acampar.” (**Histórias**, VI, 42).¹⁴⁰

“Os romanos nunca se abrem para a possibilidade de um ataque surpresa, pois, qualquer que seja o território hostil que invadam, não se envolvem em nenhuma batalha até que tenham fortificado seu acampamento. O campo não é erguido por amostragem ou desigualmente; eles não fazem todo o trabalho de uma só vez ou em partes desordenadas; se o terreno é desigual, é primeiro nivelado; um local para o acampamento é então medido para fora sob a forma de um quadrado. Para este efeito, o exército é acompanhado por uma multidão de operários e das ferramentas para construção.” (**GJ**, III, 76-78, p. 599)¹⁴¹

Nestas duas passagens, observamos que os dois afirmaram que os romanos podiam montar seu acampamento em qualquer local, ao passo que os gregos tinham que se adequar às condições oferecidas pela natureza. Josefo relata que os romanos levavam seus construtores e, se o terreno era difícil, eles aplainavam e planejavam o acampamento em forma de um quadrado. Os romanos davam muita importância para suas defesas, por isso, elas eram padronizadas. Além disso, eles não atacavam sem antes prepará-las.

Em outras passagens, vemos que Josefo (III 87) e Políbio (VI 36.6) discorrem sobre a rotina e a hierarquia no interior do acampamento, pois consideram que a hierarquia foi primordial para que os romanos conquistassem e vencessem várias batalhas.

¹⁴⁰ “The Romans by thus studying convenience in this matter pursue, it seems to me, a course diametrically opposite to that usual among the Greeks. The Greeks in encamping think it of primary importance to adapt the camp to the natural advantages of the ground, first because they shirk the labour of entrenching, and next because they think artificial defenses are not equal in value to the fortifications which nature provides unaided on the spot. So that as regards the plan of the camp as a whole they are obliged to adopt all kinds of shapes to suit the nature of the ground, and they often have to shift the parts of the army to unsuitable situations, the consequence being that everyone is quite uncertain whereabouts in the camp his own place or the place of his corps is. The Romans on the contrary prefer to submit to the fatigue of entrenching and other defensive work for the sake of the convenience of having a single type of camp which never varies and is familiar to all. Such are the most important facts about the Roman armies and especially about the method of encampment.” (**The Histories of Polybius**, VI, 42, p. 367)

¹⁴¹ “The Romans never lay themselves open to a surprise attack; for, whatever hostile territory they made invade, they engage in no battle until they have fortified their camp. This camp is not erected at random or unevenly; they do not all work at once or in disorderly parties; if the ground is uneven, it is first leveled; a site for the camp is then measured out in the form of a square. For this purpose the army is accompanied by a multitude of workman and of tools for building.” (**The Jewish War**, III, 76-78, p. 599)

Políbio e Josefo expressam idéias semelhantes quanto ao respeito que os tribunos recebiam de seus soldados:

“Cada um dos homens que iam para as rondas traziam de volta, na alvorada, a *tesserae* para o tribuno.” (**Histórias**, VI, 36.6, p. 351)¹⁴²

“Na alvorada (...) os centuriões vão saudar os tribunos” (**GJ**, III, 87, p. 603)¹⁴³

Um trecho que nos chamou a atenção pela grande semelhança foi a descrição de como os romanos levantam acampamento:

“Quando é para desarmar o campo, o som da trombeta faz a primeira chamada (...). O som da trombeta faz a segunda chamada para preparar para a marcha (...). No terceiro tempo as trombetas dão um sinal similar para a partida” (**GJ**, III, 89-91, p. 603)¹⁴⁴

“O que se segue é a sua maneira de levantar o acampamento. Imediatamente após o sinal ter sido dado eles desmontam as barracas e preparam as malas (...). No segundo sinal carregam os animais com as malas. E no terceiro, os dirigentes da coluna avançam e colocam todo o acampamento em movimento” (**Histórias**, VI, 40,1-3, p. 361)¹⁴⁵

Nestas duas passagens, vemos que Josefo e Políbio apresentam informações semelhantes a respeito de como os romanos levantavam seus acampamentos: ao primeiro som, eles se preparavam para a marcha e desmanchavam o acampamento; ao segundo som, preparavam os animais; ao terceiro som, moviam os soldados. Eles mostram um exército bem organizado e hierarquizado, de forma que os romanos não podiam errar.

¹⁴² “Each of the men who have gone the rounds brings back the *tesserae* at daybreak to the tribune.” (**The Histories of Polybius**, VI, 36.6, p. 351)

¹⁴³ “At daybreak (...) the centurions go to salute the tribunes” (**The Jewish War**, III, 87, p. 603)

¹⁴⁴ “When the camp is to be broken up, the trumpet sounds a first call (...) The trumpets sound a second call to prepare for the march (...) A third time the trumpets give a similar signal for departure” (**The Jewish War**, III, 89-91, p. 603)

¹⁴⁵ “The following is their manner of breaking up camp. Immediately upon the signal being given they take down the tents and every one packs up. (...) On the second signal they load the pack animals, and on the third the leaders of the column must advance and set the whole camp in movement” (**The Histories of Polybius**, VI, 40,1-3, p. 361)

Percebemos como ambos creditam as conquistas à organização, disciplina hierarquia e coragem do exército romano.

Thackeray, ao comentar esta longa passagem de Josefo a respeito do exército romano, salienta: “este notável capítulo, uma excelente autoridade sobre o exército romano do primeiro século, deve ser comparado com a passagem da qual provavelmente sugeriu ela – a mais detalhada digressão de Políbio (VI 19-42) sobre o exército romano três séculos antes” (p. 597, Vol. II).

Segundo Eckstein, Josefo considera que as virtudes de Roma são a determinação, o treinamento militar, a experiência, a perícia, a coragem militar, mas a principal foi a organização militar e a disciplina romanas. Para esse historiador, “existem boas razões para pensar como um leitor que o livro 6 de Políbio, tivera uma grande influência sobre Josefo” (1990, 200). E este é um tema polibiano. Ao lermos **A Guerra dos Judeus** (III 70-109) e **Histórias** (VI 19-42), concordamos com o que escreveu Eckstein. Já Cohen (1982), nos trouxe uma idéia de que o poder romano, para Josefo, era invencível, e este foi um tema central em Políbio também.

Outro tema recorrente em Josefo e em Políbio diz respeito à *Fortuna* (*Tyché*). Ambos mostraram que a *Fortuna*¹⁴⁶ contemplou Roma e fez com que ela tivesse um grande sucesso bélico e expansionista.

Para Cohen (1982,373), a *Fortuna* em Josefo tem uma conotação de Divina autorização, ou seja, Deus passou para o lado dos inimigos para punir os judeus. Em Jeremias,

¹⁴⁶ “Segundo o Oxford Classical Dictionary, *Tyché* pode ser entendida como destino, sorte, fortuna boa ou má, com um forte senso de mudança súbita e acontecimentos fortuitos na vida humana. Filha de *Zeus Eleutherius*, esta nobre *Tyché* dispensaria mais benefícios que malefícios aos homens; embora ambivalente por natureza, ela tenderia a ser favorável. Todavia, a idéia de “sorte” como principal agente na vida humana encontra menos condescendência na filosofia clássica, mormente entre os estóicos, para os quais a deusa *Fortuna* é menos benévola em seus caprichos, agraciando apenas a alguns com seu sorriso.” (OLIVEIRA, 2001, 3)

Deus passou para o lado dos babilônios e, em Josefo, passou para o lado dos romanos; nos dois casos, para punir os judeus. Divina autorização de Deus para um monarca ¹⁴⁷

Já para Passuello (2004), parafraseando Villalbalda I Varneda (1986), “para Políbio a *metabainein* da *tuxv* não existe. A duração da *Fortuna* em relação ao povo romano tem um significado mais profundo para Políbio do que para Flávio Josefo.” (*apud*, Villalba i Varneda: 1986, 56).

Josefo mostra que a *Fortuna* passou para o lado dos romanos, não apenas quanto ao poder político (conforme escreve Políbio), mas também quanto ao poder material. Passuello conclui que a *Fortuna* veio acompanhada do poder religioso para punir os judeus pelos pecados. Segundo esse autor, em Josefo temos esta concepção de poder material:

“*Fortuna*, realmente, cobriu-o em todas as suas divisões, e Deus foi quem começou o círculo de nações” (GJ, V, 366, p. 315) ¹⁴⁸

Eckstein (1991) afirma que, apesar de Josefo ser judeu, ele se valeu do termo *Fortuna*, que representa a deusa romana e grega porque sua obra foi dirigida para romanos e gregos.

Para Hadas-Lebel (1991), Josefo entende que Deus agiu como um pai que queria punir os judeus “Não à maneira de *Nêmesis*, da *Fortuna* ou da fatalidade dos gregos e dos romanos, mas como um juiz e um pai”. (1991, 242).

Nestes historiadores, percebemos um fator comum: o de que Deus quis punir os judeus. Apenas Hadas-Lebel (1991) explica que não foi à maneira da *Fortuna*, mas, segundo a antiga tradição, Deus puniu os judeus porque os amava como filhos.

Segundo Eckstein, entender “*Tyche* como “um aspecto de Deus” ou talvez como um aspecto da “vontade de Deus” não esclarece o problema. *Tyche* parece uma complicação

¹⁴⁷ Monarca, para Jeremias, era Nabucodonozor II e, para Josefo, Vespasiano e Tito

¹⁴⁸ “*Fortune*, indeed, had from all quarters passed over to them, and God who went the round of the nations” (*The Jewish War*, V, 366, p. 315)

desnecessária” (ECKSTEIN, 1990, 202). Josefo está profundamente helenizado, é natural que ele use *Fortuna* como um fato inevitável.

Josefo, ao usar a *Fortuna*, passa a idéia de que ela é o próprio Deus. Às vezes *Fortuna* é a vontade de Deus, às vezes *Fortuna* está separada de Deus, às vezes Deus agiu junto com a *Fortuna*.¹⁴⁹

Para nós, Políbio tinha visto na *Fortuna* um propósito: o de elevar Roma ao poder total do mundo. Isso porque ela usou Roma para punir dois reis, Felipe V (221 a.C. a 179 a.C.) e Antíoco III, rei dos Selêucidas (223 a.C. a 187 a.C.). Josefo usa o mesmo meio, pois, para ele, Deus puniu os revoltosos porque eles pecaram. Para ambos, a *Fortuna* estava com Roma e puniria quem fosse contra ela, mas, no caso particular de Josefo, existe também a concepção de pecado. Eckstein (1990) e Cohen (1982) afirmam que, para ele, pecado não é o erro político¹⁵⁰, mas principalmente o fato de os rebeldes terem derramado sangue de inocentes. Eles não se preocuparam com os inocentes, com a cidade e com o Templo. Josefo¹⁵¹, no sétimo livro, fez até mesmo uma lista dos culpados por este pecado, ou seja, o da rebeldia. Segundo ele, este foi o motivo da punição por Deus

Devemos ter em mente que, para Políbio, a *Fortuna* dá reviravoltas, ela pode escolher uma pessoa e depois abandoná-la¹⁵², dar aos homens maus um final feliz, pois morrem de

¹⁴⁹ “Noutros momentos, ora Deus controla a *tyché*, ora Deus e *tyché* se confundem em suas explicações” (OLIVEIRA, 2001, 9).

¹⁵⁰ Pecado para os judeus tem uma linguagem única entre os povos antigos. Nos livros de Levítico, Êxodo, Números e Deuteronômio consta que os judeus não poderiam adorar outros deuses, comer carnes de animais imundos, oferecer sacrifício a outros ídolos. Mas os judeus do século I d.C. não faziam rituais contra a ordem de Moisés. Conforme Cohen (1982, 371), Josefo, enumerou alguns pecados cometidos pelos revoltosos, tais como: práticas religiosas erradas (IV 154), uso de roupas de sexo oposto (IV 561-63), profanação com vinho e óleo sagrado (VI 565), assassinatos em massa dentro do recinto do Templo, roubos (V 15-20), juramentos falsos (IV 213-214). Também o fato de os revoltosos usarem o Templo é para Josefo uma espécie de blasfêmia. Mas devemos ter em mente que a principal acusação de Josefo contra os revoltosos foi o crime ou pecado de terem derramado sangue de inocentes.

¹⁵¹ **GJ**, VII, 253-274

¹⁵² **Histórias**, VI, 2

velhos, e aos bons, um final na guerra, enquanto jovens. O propósito da *Fortuna* era colocar o mundo sob um único poder, um império mundial.¹⁵³

Josefo escreveu sua obra para atrair os gregos e os romanos. Ele utilizou a *Fortuna* como explicação da supremacia romana sobre o mundo. Para Políbio, a *Fortuna* caminhou para Roma. Foi ela que fez com que Roma atingisse um objetivo global, conquistasse o Mediterrâneo e o mundo habitável e unificasse todo o mundo em torno de seu poder.¹⁵⁴ Flávio Josefo deixou esta mesma idéia. Na sua Oração¹⁵⁵, ele escreve que a *Fortuna* foi para Roma.

Já afirmamos que, para Políbio, a *Fortuna* passou para o lado dos romanos para punir os reis Antíoco III e Felipe V:

“Mas, ao mesmo tempo, quem, dentre aqueles que razoavelmente se encontram em falta com a *Fortuna* pela condução de seus negócios, se reconciliará com ela quando descobrir como ela posteriormente o fará pagar o devido castigo, e como ela exibiu para os seus sucessores como um alerta para a sua edificação o exemplar castigo infligido por ela a estes príncipes?” (**Histórias**, XV, 20,5, p. 509)¹⁵⁶

Nesta passagem observamos como a *Fortuna* deu aos reis o seu devido castigo, uma vez que eles fizeram pactos escandalosos, prevendo uma partilha das possessões dos lagidas. O preço pago por estes reis foi a total submissão a Roma.

Para Flávio Josefo a *Fortuna*, de certa forma, já estava com os romanos, uma vez que Deus puniu os judeus, apoiando Roma. Eis a oração que realizou quando estava dentro da caverna prestes a se entregar aos romanos:

“Desde que agrade a Ti ”assim comecei,” quem cuidou de criar a nação Judaica para parar teu trabalho, desde que a *Fortuna* passou

¹⁵³ **Histórias**, VIII, 2

¹⁵⁴ **Histórias**, I, 2

¹⁵⁵ **GJ**, III, 354.

¹⁵⁶ “But at the same time who among those who reasonably find fault with Fortune for her conduct of affairs, will not be reconciled to her when he learns how she afterwards made them pay the due penalty, and how she exhibited to their successors as a warning for their edification the exemplary chastisement she inflicted on these princes?” (**The Histories of Polybius**, XV, 20,5, p. 509)

para os Romanos e desde que escolheste meu espírito para anunciar as coisas que estão para vir, eu estou pronto a entregar-me aos Romanos e consentir em viver; mas eu te faço testemunha de que irei, não como um traidor, mas como um seu ministro” (GJ, III, 354, p. 675).¹⁵⁷

Neste caso, a *Fortuna* agiu de uma forma separada de Deus. Josefo escreve que Deus (aquele que cuidou de criar a nação judaica) abandonou os judeus e a *Fortuna* passou para Roma. Portanto, ela já tinha escolhido o seu lado da guerra, logo não adiantaria os judeus lutarem contra Roma, pois até mesmo Deus os tinha abandonado. Não devemos nos esquecer de que Josefo era judeu e, logo no início desta sua oração, ele nos revela que Deus, “aquele que cuidou de criar a nação judaica” tinha lhe passado uma mensagem. Por isso, ele estava pronto a viver e se entregar aos romanos, como um ministro de sua vontade.

O fato de Josefo escrever que a *Fortuna* já tinha passado para Roma é um indicativo da influência de Políbio. Cohen (1982) destaca que a imagem de Deus, punindo os judeus é um clássico de Josefo, resultante de sua influência judaica. Já para Políbio, foram os deuses romanos, que eram mais fortes que os gregos. Para gregos e romanos, quando uma nação perdia uma guerra, era o seu deus ou deuses que tinham perdido para os deuses da nação vencedora. Diferentemente, para Flávio Josefo, se a nação perdesse uma guerra era porque os judeus estavam em pecado ou não deveriam fazer aquela guerra.

Ao relatar o momento em que, por ter-se tornado imperador, Vespasiano o soltou, Josefo também lança mão da figura da *Fortuna*:

“Agora que *Fortuna* estava em todos os lugares favorecendo seus desejos e aquela circunstância tinha em sua maior parte conspirado em seu favor, Vespasiano era levado a pensar que a divina providência o tinha ajudado a segurar o império e que algum destino justo tinha colocado a soberania do mundo em suas mãos” (GJ, IV, 622, p. 185).¹⁵⁸

¹⁵⁷ “Since it pleases thee”, so it ran, “who didst create the Jewish nation, to break thy work, since fortune has wholly passed to the Romans, and since thou hast made choice of my spirit to announce the things that are to come, I willingly surrender to the Romans and consent to live; but I take thee to witness that I go, not as a traitor, but as thy minister.” (*The Jewish War*, III, 354, p. 673)

¹⁵⁸ “Now that fortune was everywhere furthering his wishes and that circumstances had for the most part conspired in his favour, Vespasian was led to think that divine providence had assisted him to grasp the empire

A *Fortuna* agiu sozinha e, de acordo com Josefo, tudo já estava preparado para que Vespasiano fosse para o trono.¹⁵⁹

Neste trecho, observamos uma concepção de Império universal, ou seja, o Império Romano era o mundo. A ação da *Fortuna* na concepção de Império Mundial aparece em Políbio:

“Mas os romanos submeteram ao seu governo não porções, mas quase todo o mundo e possuíram um império que não apenas é imensuravelmente maior do que os que o precederam, mas que não precisa ter medo de uma rivalidade futura. No curso deste trabalho ficarão mais claramente inteligíveis os passos pelos quais esse poder foi adquirido” (**Histórias**, I, 2,7, p. 7)¹⁶⁰

A passagem de Políbio nos relata o poderio romano. Este poder jamais seria ultrapassado, nem mesmo no futuro, pois ele já tinha conquistado o mundo e não teria rivais. Para Políbio, foi a *Fortuna* que apoiou o Império, enquanto Josefo, como era judeu, acreditou que Deus apoiou Roma.

Uma passagem importante de Flávio Josefo é o discurso que Tito fez para os romanos quando do cerco de Jerusalém, no ano 70. Segundo o que ele escreve nessa passagem, a *Fortuna* teria passado pelos quatro impérios antecessores. Destacamos a parte em que ele afirma que a *Fortuna* viajou por estes quatro impérios e estacionou na Itália.

“Pois quem tem escapado dos Romanos, salvo talvez alguma mancha dentro do frio ou do calor? *Fortuna*, realmente, tem passado sobre todos os quatro, e Deus, que começou o círculo de nações, trazendo a cada um por sua vez a haste do Império, agora está parado sobre a Itália” (**GJ**, V, 366-368, p. 315)¹⁶¹

and that some just destiny had placed the sovereignty of the world within his hands.” (**The Jewish War**, IV, 622, p. 185).

¹⁵⁹ **GJ**, III, 402 Nessa passagem, Josefo já tinha mencionado sua profecia de que Vespasiano seria imperador.

¹⁶⁰ “But the Romans have subjected to their rule not portions, but nearly the whole of the world and possess an empire which is not only immeasurably greater than any which preceded it, but need not fear rivalry in the future. In the course of this work it will become more clearly intelligible by what steps this power was acquired” (**The Histories of Polybius**, I, 2,7, p. 7)

¹⁶¹ “For what was there that had escaped the Romans, save maybe some spot through heat or cold? Fortune, indeed, had from all quarters passed over to them, and God who went the round of the nations, bringing to each in turn the rod of empire, now rested over Italy.” (**The Jewish War**, V, 366-368, p. 315)

Nesta passagem, *Fortuna* e Deus assumem o mesmo significado. Depois de escrever que a *Fortuna* passou pelos quatro impérios e estacionou sobre a Itália, Josefo nos afirma que foi Deus quem começou o ciclo das nações. O destino dos judeus estava traçado, assim como o destino de todo o mundo. Roma, para Josefo, era a detentora de todo o poder. Deus quis esta situação.

A *Fortuna* devia cumprir um destino permanente sobre Roma:

“Pois o que dá a peculiar qualidade a meu trabalho, e o que é mais notável na presente idade é isto. *Fortuna* tem guiado quase todos os interesses do mundo em uma direção e os tem forçado a inclinar para o único e mesmo fim; um historiador deve igualmente trazer aos seus leitores uma sinopse das operações pelas quais **ela** (*Fortuna*) tem completado seu propósito final” (**Histórias**, I, 4, 1-2, p. 9) ¹⁶²

A *Fortuna* caminhou em direção a Roma e apenas ela conquistou todo o mundo conhecido. Vemos que Flávio Josefo também colocou que a *Fortuna* passou por quatro Impérios, dos quais o quarto foi Roma. Para Josefo os três anteriores foram: Babilônico Medo-persa e Grego.

Políbio deixa claro, logo no seu prefácio, que a *Fortuna* estacionou sobre Roma, e que ela foi a única a conquistar todo o mundo. Tornou-se um “Império Universal”. Percebemos, assim, que, na ótica de Políbio, a *Fortuna* apoiou Roma em vários sentidos.

E Josefo? Nesta passagem, temos uma clara idéia do que ele queria dizer:

“O único refúgio, então, é divina assistência”, afirmou Josefo, “mas mesmo esta tendeu para o lado dos Romanos, pois, sem Deus Todo Poderoso um tão vasto império nunca poderia ser construído” ¹⁶³(**GJ**, II, 391, p. 477).

¹⁶² “For what gives my work its peculiar quality, and what is most remarkable in the present age, is this. Fortune has guided almost all the affairs of the world in one direction and has forced them to incline towards one and the same end; 2 a historian should likewise bring before his readers under one synoptical view the operations by which she has accomplished her general purpose.” (**The Histories of Polybius**, I, 4, 1-2, p. 9)

¹⁶³ “The only refuge, then, left to you is divine assistance. But even this is ranged on the side of the Romans, for, without God’s aid, so vast an empire could never have been built up.” (**The Jewish War**, II, 391, p. 477)

Eis o dilema de Josefo, ora foi a *Fortuna*, ora foi Deus que passou o poderio para Roma. Segundo esta passagem, se não fosse Deus, jamais o Império Romano seria construído¹⁶⁴.

Para Passuello, o conceito de *Fortuna* de Josefo tem duas influências: a judaica, que contém o conceito de pecado, e a “a da tradição grega que, pela tradição estoica, tem uma interpretação moralizante e religiosa, pois a *Fortuna* em Josefo está sempre mudando, ao contrário de Políbio” (2004, 190).

Para Políbio, a *Fortuna* pode escolher os inimigos dos romanos, como é caso do cartaginês Aníbal (247 a.C. a 183 a.C.), ou até mesmo fazendo com que maus tenham uma longa vida¹⁶⁵. Já em Josefo não, a Fortuna passou para o lado dos romanos e agia contra os inimigos dos romanos. Nele não encontramos a concepção de que a *Fortuna* pudesse deixar os inimigos dos romanos vivos. Segundo ele, Deus agiu para punir os revoltosos. É aí que percebemos que ele, como judeu, mostra certo desconhecimento da *Fortuna*, uma vez que, em sua interpretação, ela escolhe apenas os “bons” e, na guerra entre os revoltosos judeus e os romanos, os bons são os romanos.

Apesar dessas especificidades, suas análises dos efeitos da *Fortuna* se assemelham e têm Roma como referencial comum.

A influência de Políbio sobre Josefo também figura na caracterização dos líderes judeus como irracionais, os quais não deram a devida importância ao poder de Roma e não se deram conta da escolha de Deus sobre quem seria vitorioso.

Um tema bastante comum em Políbio é o de pessoas que ele chama irracionais porque pegaram em armas contra Roma ou até mesmo para fazer a guerra civil, como foi o caso de Felipe, rei da Macedônia. Ele caracteriza como racionais as pessoas que foram contra a guerra. Em Flávio Josefo, também vemos uma posição semelhante, pois ele chama de

¹⁶⁴ Josefo escreveu primeiro em aramaico, depois em grego, conforme lembra Thackeray (1929). Não sabemos o conteúdo da versão em aramaico, mas ela foi dirigida a um público judaico.

¹⁶⁵ **Histórias**, VI, 2.

irracionais e insanos aqueles que desencadearam a guerra contra Roma. Já os que não foram à guerra contra Roma, a exemplo de Agripa II, não são apresentados com essa característica. Porém, no caso de Josefo, sabemos que ele procurou culpar apenas uma parte da sociedade.

De acordo com Goodman (1994), toda a sociedade judaica esteve envolvida na guerra civil pela disputa do poder e na guerra externa contra Roma. Josefo nos passa a idéia de que eles estavam guerreando entre si e já se considerando independentes de Roma. De nosso ponto de vista, a guerra civil em Roma parece até ter sido uma mola propulsora para que a elite judaica continuasse sua guerra civil pelo poder. Josefo, no entanto, isenta a sociedade judaica de “culpa” e a atribui a poucos desafetos seus. Vale lembrar que Josefo também se envolveu na guerra, uma vez que foi um comandante da Galiléia.

Para Políbio, a invasão Celta de 225 a.C. é o exemplo de um grande erro, uma vez que estes jovens já tinham se esquecido das derrotas anteriores. Ou seja, foram para uma guerra já perdida:

“Esse foi o fim da guerra contra os Celtas, uma guerra que, se nós olharmos o desespero e a coragem dos combatentes e os números que tomaram parte e pereceram nas batalhas, não se equipara a nenhuma guerra na história, mas é absolutamente desprezível no que se refere ao plano das campanhas e aos juízos mostrados na sua execução. Não a maioria dos passos, mas cada simples passo dado pelos Gauleses foi antes louvado pelo calor da paixão do que por frios cálculos” (**Histórias**, II, 35, 2-3, p. 327)¹⁶⁶

Vemos em Políbio um claro exemplo do que ele chama de irracionalidade; no caso, os Celtas se esqueceram de que Roma já os tinha derrotado em anos anteriores. Logo, esta era uma guerra perdida.

¹⁶⁶ “Such was the end of the war against the Celts, a war which, if we look to the desperation and daring of the combatants and the numbers who took part and perished in the battles, is second to no war in history, but is quite contemptible as regards the plan of the campaigns, and the judgement shown in executing it, not most steps but every single step that the Gauls took being commended to them rather by the heat of passion than by cool calculation.” (**The Histories of Polybius**, II, 35, 2-3, p. 327)

Josefo também mostra aos revoltosos que, no passado, Roma já tinha subjugado o Reino dos Judeus:

“Houve, é claro, um tempo em vocês tentaram forçar cada nervo para manter fora os Romanos; isso foi quando Pompeu invadiu este país. Mas nossos antepassados e seus reis, embora tivessem riqueza e vigor do corpo e da alma bem maiores do que seus superiores, mesmo assim falharam ao enfrentar uma pequena fração do exército Romano. E querem vocês, para quem a escravidão é hereditária, vocês, cujos recursos se tornaram tão menores do que os daqueles que foram os primeiros a oferecer sua submissão, querem vocês, eu digo, provocar todo o Império Romano?” ¹⁶⁷ (**GJ**, II, 357, p. 461)

Vemos, neste discurso de Agripa, reproduzido por Josefo, que os judeus já tinham tido uma lição no passado. De nada adiantaria lutar contra Roma, porque, no passado, o Reino de Judéia, embora com exército superior ao dos revoltosos, perdeu para uma pequena fração do exército romano.

Um exemplo de irracionalidade apontada por Políbio é o caso de Felipe:

“Por ser uma alta irracionalidade ser culpado de impiedade para com os deuses, porque alguém está irritado com os homens ...” ¹⁶⁸ (**Histórias**, XI, 7, 3, p. 245).

Neste trecho¹⁶⁹, Políbio chama Felipe¹⁷⁰ de irracional, por este ter feito impiedade contra os deuses e ter-se irritado contra os homens. Um fato nos chama a atenção nesse historiador antigo: ele escrevia que algumas pessoas eram irracionais em certas situações, mas, em outras, podiam ser racionais. Um exemplo é o de Felipe¹⁷¹, que usou a razão em face da *Fortuna*, quando esta (a *Fortuna*) fez guerra contra os ródios. Políbio até mesmo fala que está sendo “justo” ao censurar a passividade de Átalos e dos ródios. Aníbal é tido como um

¹⁶⁷ “There was, be sure, a time when you should have strained every nerve to keep out the Romans; that was when Pompey invaded this country. But our forefathers and their kings, though in wealth and in vigour of body and soul far your superiors, yet failed to withstand a small fraction of the Roman army; and will you, to whom thralldom is hereditary, you who in resources fall so far short of those who first tendered their submission, will you, I say, defy the whole Roman empire?” (**The Jewish War**, II, 357, p. 461)

¹⁶⁸ For it is the height unreasonableness to be guilty of impiety to the gods because one is angry with men. . . . (**The Histories of Polybius**, XI, 7, 3, p. 245)

¹⁶⁹ Este trecho é um fragmento, está incompleto.

¹⁷⁰ Felipe V

¹⁷¹ **Histórias**, XVI,28

grande homem a que a *Fortuna* ajudou; até mesmo é elogiado ¹⁷², apesar de ter feito guerra contra Roma.

Filopôimen ¹⁷³ afirma em um discurso que, considerando-se a superioridade das armas romanas, a guerra contra Roma é estúpida e, por esse motivo, os gregos deveriam aceitar a paz. Este discurso foi feito em resposta ao anterior, de Aristaenus ¹⁷⁴, que afirmou ser impossível haver uma aliança entre Grécia e Roma.

Políbio também coloca Perseus, rei da Macedônia (179 a.C. a 168 a.C.), como um homem irresponsável e sem experiência.

“Muito semelhante a isto foi o sentimento de apreço da multidão para com Perseus. Pois se alguém conseguisse sua atenção e lhes perguntasse francamente se eles realmente gostariam de ver o poder supremo de uma forma tão absoluta cair nas mãos de um único homem e experimentar o governo de um monarca absolutamente irresponsável, eu imagino que muito em breve eles cairiam em si e, mudando sua disposição, passariam por uma completa reação de sentimentos.” (**Histórias**, XXVII, 10, p. 509) ¹⁷⁵

Para Políbio, existiam três classes de homens envolvidos na Guerra contra Perseus: os que não viam com satisfação o desfecho da guerra e o encaminhamento do mundo para uma única potência (estes não apoiavam os romanos e nem se opunham a eles, deixavam o destino nas mãos da *Fortuna*); aqueles que viam satisfeitos os acontecimentos para uma decisão final e estavam desejosos do sucesso de Perseus, porém não conseguiam apresentar seus pontos de vista aos seus conterrâneos; por fim, aqueles que levaram seus Estados a se engajar na luta em favor de Perseus.

Políbio procura examinar cada um destes homens e os seus comportamentos. Dentre os exemplos que enumera, destacamos o caso de Poliáratos, que foi um dos mais irracionais.

¹⁷² **Histórias**, XV,15-16

¹⁷³ **Histórias**, XXIV,13

¹⁷⁴ **Histórias**, XXIV,12

¹⁷⁵ “Very similar to this was the present feeling of the multitude towards Perseus. For if anyone had secured their attention, and asked them frankly if they really would wish to see the supreme power in so absolute a form fall into the hands of a single man and to experience the rule of an absolutely irresponsible monarch, I fancy they would very soon have come to their senses and, changing their tune, have undergone a complete revulsion of feeling.” (**The Histories of Polybius**, XXVII, 10, p. 509)

Políbio alega que Poliáratos agiu de forma errada ao não ir direto para Roma depois que, ao longo de sua fuga, conseguiu ser expulso das cidades em que procurava abrigo.¹⁷⁶

Quanto à guerra que os gregos fizeram contra Roma em 146 a.C, vejamos como Políbio destaca os líderes da revolta:

“Depois de dar esta resposta, eles, de acordo com sua conduta futura, conduziram a infeliz nação a adotar a política errada que eles tinham estabelecido em seus corações. O que mais se poderia esperar quando os detentores do poder eram tão ignorantes e mal-intencionados” (**Histórias**, XXXVIII, 10, 12-13, p. 415)¹⁷⁷

Políbio nos mostrou, assim, que os líderes da revolta grega levaram toda a nação grega a errar. O erro deles foi passado para toda a Grécia, que adotou uma política que a levou à ruína.

Josefo também faz o mesmo com os líderes da revolta judaica:

“Com as mãos manchadas com o sangue dos seus conterrâneos, eles investiram para guerrear com o estrangeiro, chamando a atenção da Divindade” (**GJ**, VI, 1, p. 379)¹⁷⁸

Eckestein destaca uma afirmação de Josefo sobre os rebeldes: “os impetuosos jovens judeus são em grande parte responsáveis pela crise em Cesaréia que foi a maior causa da guerra” (1990, 192). Esses jovens cometeram um grande erro. Esse autor menciona também vários atos de irracionalidade apontados por Políbio: a Guerra dos Celtas (ou Guerra Gálica) contra Roma¹⁷⁹; a guerra social que os jovens irresponsáveis trouxeram à Grécia¹⁸⁰; a guerra que Felipe¹⁸¹ da Macedônia, por ser muito jovem, desencadeou contra Roma¹⁸²; o fato de os

¹⁷⁶ **Histórias**, XXX, 9.

¹⁷⁷ After giving this answer, they by their future conduct, led on the unhappy nation to adopt the mistaken policy they had set their hearts on. What else could be expected when those in power were so ignorant and ill-disposed? (**The Histories of Polybius**, XXXVIII, 10, 12-13, p. 415)

¹⁷⁸ “With hands imbrued with blood of their countrymen they rushed forth to war with the foreigner, upbraiding the Deity” (**The Jewish War**, VI, 1, p.379)

¹⁷⁹ **Histórias**, II,21

¹⁸⁰ **Histórias**, IV,3

¹⁸¹ Felipe V

¹⁸² **Histórias**, V,102

jovens terantinos terem entregado *Terantum* a Aníbal, ao invés de se aliarem a Roma¹⁸³; o fato de, por sua juventude, o rei de Siracusa, Hierônimos, destruir a relação entre Siracusa e Roma, realizada por seu avô, Hiêron II¹⁸⁴. Até mesmo Aníbal e Cipião Africano teriam cometido erros em sua juventude.

Josefo, assim como Políbio também, acusa os jovens judeus de terem iniciado a revolta. Além de nomear Eleazar b. Simão¹⁸⁵, ele também culpa os jovens de Cesaréia:

“Por isso, alguns dos impetuosos jovens avançaram sobre os construtores e tentaram interromper as operações” (GJ, II, 286, p. 435).¹⁸⁶

Este trecho se refere a uma passagem em que os judeus de Cesaréia juntaram dinheiro para comprar um terreno ao lado de uma sinagoga, mas Floro, além de não lhes vender, começou a construir um armazém. Os jovens, “impetuosos”, começaram a obstruir a obra.

Em outra passagem, Josefo também se reporta aos jovens:

“Não era surpreendente, eles disseram, que em tão grande multidão houvesse alguns espíritos estouvados e jovens insensatos” (GJ, II, 303, p. 441).¹⁸⁷

Trata-se do momento em que Floro pede para que os líderes judaicos entreguem os responsáveis pela paralisação e pelo início da revolta em Cesaréia, mas os líderes respondem que é normal encontrar espíritos inconseqüentes e jovens insensatos, sendo difícil entregá-los.

Josefo também se refere aos discursos racionais ou às atitudes racionais dos judeus, mas, de acordo com Eckstein (1990), ele caracteriza como racionais os estadistas e, como irracionais, as massas ou líderes rebeldes. Reproduz três passagens de líderes judeus que fizeram discursos racionais: Agripa II, Jesus b Gamalas e ele próprio. Analisemos alguns

¹⁸³ **Histórias**, VIII,24

¹⁸⁴ **Histórias**, VII,2-7

¹⁸⁵ **GJ**, II,409

¹⁸⁶ Thereupon, some of the hot-headed youths proceeded to set upon the builders and attempted to interrupt operations” (**The Jewish War**, II, 286, p. 435)

¹⁸⁷ “Is was not surprising, they said, that in so great a crowd there should be some reckless spirits and foolish youths” (**The Jewish War**, II, 303, p. 441)

trechos de seus discursos. Concordamos com Eckstein (1990), quando ele escreve que é de Políbio que Josefo retira a idéia de racional e irracional. Logo, o líder era racional ao evitar a guerra.

Quanto à destruição da sociedade, uma vez que os líderes das revoltas, tanto da grega como da judaica, foram culpados pelos infortúnios do povo, ele atribui a Agripa II um papel importante: o de condenar a ação dos judeus e tentar evitar a guerra:

“Para as vítimas destas catástrofes imprevistas existe uma pequena recompensa de piedade; mas aquele que corre para manifestar [a catástrofe] fica sujeito ao opróbrio da destruição” (GJ, II, 396, p. 479)
¹⁸⁸

Assim, conforme afirma Josefo, aos revoltosos que fizeram a guerra restou a destruição, pois cometeram a indecência de a fazer; às vítimas desta catástrofe, que ele não esperava ocorrer, restava apenas um lamento de piedade.

Este trecho é do longo discurso de Agripa¹⁸⁹, em que instiga os judeus a não ir para a guerra. Os líderes da revolta são censurados porque levaram as vítimas e toda a sociedade para a destruição.

No caso de Políbio, eis o que ele declara no começo de seu livro ao condenar a guerra dos gregos contra os romanos:

“Pois a compaixão dos outros não é uma ajuda pequena para quem sofreu imerecidos infortúnios [...] Então, em poucos casos, as vítimas do infortúnio incorreram em censura ou continuaram falando de como encontraram com o desastre [...] mas que apenas aqueles cujos própria loucura traz censura sobre eles sofrem desastres [...]mas por toda a sua conduta eles trouxeram sobre eles mesmos não um infortúnio, mas um desastre tão desgraçado e vergonhoso como deveria ser [...]Então eles perderam cada pedaço de sua honra, e por vários motivos consentiram em receber os *lictors* romanos em suas cidades” (Histórias, XXXVIII, 3: 2,6,9,11, p. 393).¹⁹⁰

¹⁸⁸ “For to the victims of unforeseen disaster there is left at least the meed of pity; but he who rushes to manifest destruction incurs opprobrium to boot” (The Jewish War, II, 396, p. 479)

¹⁸⁹ GJ, II, 345-401

¹⁹⁰ “For the compassion of others is no small help to those who have suffered undeserved misfortune [...]So that in very few cases did the victims of misfortune incur reproach or did they continue to be spoken of as having met with disaster. [...]but that only those whose own folly brings reproach on them suffer disaster [...]but by their whole conduct they brought on themselves no misfortune, but a disaster as disgraceful and discreditable as it

Políbio também explicou que os revoltosos gregos levaram seu povo à ruína e, assim como Josefo, ele culpou apenas uma parcela de pessoas, afirmando que muitos que morreram foram inocentes. Josefo, em diversas passagens, culpa os revoltosos pela guerra e pela morte de inocentes, afirmando também que os romanos deram várias oportunidades para eles se arrependerem.

Quanto ao papel de controlar a irracionalidade e a paixão dos revoltosos, este é dos governantes. Agripa II, em seu discurso, tentou fazer isso. Josefo fala que ele teria conseguido se não fosse Floro.

Para Josefo, outros também foram racionais. Um exemplo é Jesus b. Gamalas, que, em seu discurso¹⁹¹, foi contra os idumeus entrarem na cidade para apoiar João e Eleazar. Jesus tentou convencê-los a não apoiar os revoltosos: “Aqui, por exemplo, estão vocês, vindos para ajudar essa parte de homens malvados contra nós” (**GJ**, IV, 240, p. 73)¹⁹²

Em outra passagem, ele menciona que, apesar dos discursos de Jesus aos idumeus, estes se “opuseram a todos os moderados conselhos [de Jesus] e a cidade foi submetida a uma guerra entre duas divisões” (**GJ**, IV, 283, p. 85)¹⁹³ Vemos aí os dois tipos de pessoas caracterizadas por Josefo: Jesus, que era racional, e os idumeus, que eram irracionais e foram responsáveis pela queda da cidade.

O próprio Josefo se coloca como líder e dá conselhos racionais¹⁹⁴. Em um de seus discursos, ele demonstra que, se Deus estivesse do lado dos judeus, a guerra já teria sido vencida por eles. O ato descrito a seguir nos chamou bastante a atenção:

could be [...]Therefore they lost every shred of honour, and for various reasons consented to receive the Roman lictors into their cities”, (**The Histories of Polybius**, XXXVIII, 3: 2,6,9,11, p. 393).

¹⁹¹ **GJ**, IV:239-269. É neste discurso que Jesus fala para os idumeus não entrarem na cidade de Jerusalém.

¹⁹² “Here, for instance, are you, come to assist these most abandoned of men against us” (**The Jewish War**, IV, 240, p. 73)

¹⁹³ “opposed to all moderate counsels and the city exposed to war from two quarters” (**The Jewish War**, IV, 283, p. 85)

¹⁹⁴ **GJ**, V, 375-419

“Peguem o meu sangue como o preço de sua própria salvação! Eu também estou preparado para morrer, se a minha morte conduzir vocês à sabedoria” (**GJ**, V, 419, p. 333)¹⁹⁵

Neste discurso, de maneira racional, Josefo afirma que preferia morrer pela nação a vê-la se perder inteira. Ele declara que sempre foi contra a derrota total, por isso era melhor que ele (Josefo) morresse e que a nação judaica não se perdesse.

Quando João veio fazer guerra contra Josefo pelo comando da Galiléia, em alguns momentos, ele teve uma atitude racional, ou seja, foi contra a guerra civil naquela província e, no trecho a seguir, percebemos que preferiu a diplomacia à guerra: “controlando sua impetuosidade, prefere supercar seus inimigos pela diplomacia e não pelo assassinato” (**GJ**, II, 623, p. 560)¹⁹⁶. Assim, novamente ele nos apresenta a idéia de que o líder racional não deve derramar sangue de inocentes.

Outro exemplo de racionalidade vem de Agripa II, em cujo discurso ele chamou a atenção dos revoltosos para não fazerem guerra contra Roma, pois Roma já tinha conquistado todo o mundo habitável:

“Não contentes com ter feito sua fronteira no leste do Eufrates, no norte do Ister (Danúbio), no sul da Líbia explorando o interior das regiões desérticas, no leste de Gades (Cadiz), eles procuraram um novo mundo além do oceano e transportaram seus exércitos contra os Britânicos, antes desconhecido da história” (**GJ**, II,363-364, p. 465)¹⁹⁷

Já os racionais em Políbio são vários¹⁹⁸, mas nos chamam a atenção aqueles que se pacificaram com Roma ou fizeram com ela algum acordo. Um deles foi Aníbal, que tentou persuadir os cartagineses a fazerem acordo com Roma, depois da batalha de Zama:

“Peço agora que vocês nem sequer discutam o assunto, mas concordem com o acordo proposto, sacrifiquem aos deuses e rezem

¹⁹⁵ take my blood as the price of your own salvation! I too am prepared to die, if my death will lead to your learning wisdom (**The Jewish War**, V, 419, p. 333)

¹⁹⁶ “checked their impetuosity, preferring to overcome his enemies by diplomacy rather than by slaughter” (**The Jewish War**, II, 623, p. 560)

¹⁹⁷ “not content with having for their frontiers on the east the Euphrates, on the north the Ister, on the south Libya explored into desert regions, on the west Gades, they have sought a new world beyond the ocean and carried their arms as far the Britons, previously unknown to history.” (**The Jewish War**, II,363-364, p. 465)

¹⁹⁸ Eckstein, escreve que Políbio trouxe vários exemplos de racionalidade, como Hamilcar Barca, Aratus de Sicyon, Fábio Máximo, Cipião Africano, Aníbal, Cipião Ameliano. (1990, 197)

todos vocês para que o povo romano ratifique o tratado” (**Histórias**, XV, 19, 7, p. 507) ¹⁹⁹

Um homem considerado bastante racional por Políbio foi Lúcio Ameliano, homem com “honroso autocontrole”. Seu filho, Cipião Ameliano, também foi um homem racional que conseguiu controlar a nação romana. Vemos como Políbio os tratou bem, pois Cipião Ameliano tinha sido seu preceptor. Já Josefo, vemos que tinha afinidades com Tito Flávio Sabino Vespasiano (Vespasiano) e Tito Flávio Vespasiano Augusto (Tito). Ao longo de sua obra, ele mostra sentir muita afinidade com Tito.

Os homens de Estado, para Políbio, deveriam ser racionais, uma vez que, nas guerras, deveriam praticar seu autocontrole²⁰⁰. Autocontrole era uma virtude e, além dela, Políbio demonstra que Ameliano tinha outras qualidades: coragem (na hora que precisava salvar Roma), deu a chance aos revoltosos para se arrependerem (não destruiu as cidades dos revoltosos), lamentou pela cidade destruída. De acordo com Cohen (1982,379), Josefo viu em Tito as virtudes que Políbio apontou em Ameliano.

Duas virtudes são destacadas: coragem e oportunidade.

Coragem: “uma dúzia dos primeiros (judeus) ele matou com sua própria mão” (**GJ**, V, 288, p. 291) ²⁰¹. Neste episódio, quando Tito entra no meio dos judeus e salva a cavalaria romana, Josefo mostra que sua coragem era grande. Políbio assim se refere a Cipião Ameliano “estava desejoso por ganhar a vida pela coragem” (**Histórias**, XXXV,4,9, p. 351) ²⁰², ou seja, lutar corajosamente. Oportunidade aos revoltosos para se arrependerem: antes mesmo de colocar os aríetes para bater na cidade de Jerusalém, Tito falou aos judeus que, caso se arrependessem, ele perdoaria a todos e que “tinha oferecido aos judeus a paz” (**GJ**,

¹⁹⁹ “So now I beg you not even to discuss the matter, but to agree with one accord to the proposals, to sacrifice to the gods, and to pray all of you that the Roman people may ratify the treaty.” (**The Histories of Polybius**, XV, 19, 7, p. 507)

²⁰⁰ ECKSTEIN, 1990, 198, nota 75.

²⁰¹ “a dozen of the foremost He slew with hi own hand” (**The Jewish War**, V, 288, p. 291)

²⁰² “desirous of gaining the like for courage” (**The Histories of Polybius**, XXXV,4,9, p. 351)

VI, 215, p. 439)²⁰³. Já Ameliano deu oportunidade a Asdrúbal de Cartago para se arrepender: “e lhe disse para informar que ele respondia pela salvação de Asdrubal, de sua esposa e crianças, e das famílias de dez de seus amigos” (**Histórias**, XXXVIII, 8,4,p. 407)²⁰⁴.

Percebemos que estes dois textos relatam a virtude dos romanos de conceder perdão aos revoltosos. Em ambos os casos, tanto os judeus como Asdrúbal não aceitaram a paz.

A última semelhança entre Ameliano e Tito refere-se à sua atitude diante das cidades que destruíram, chegando mesmo a ficar tristes:

“Cipião, quando olhou para a cidade, como ela estava absolutamente perecida e na última angústia de sua completa destruição, conta-se que deixou cair lágrimas e chorou abertamente pelos seus inimigos” (**Histórias**, XXXVIII, 22,439)²⁰⁵

Aqui vemos Cipião “desolado” com a destruição de Cartago. Quanto a Tito, “condoeu-se da destruição” de Jerusalém (**GJ**, VII, 113, p. 539)²⁰⁶.

Estas passagens nos apresentam Tito e Ameliano como homens racionais, que tinham a grande virtude romana de perdoar os revoltosos. Tanto Políbio como Josefo isentam os romanos de culpa pela destruição de Cartago e Judéia e a colocam nos revoltosos. Tanto Asdrúbal como os judeus revoltosos foram irracionais por não aceitar a paz. Já Cipião Ameliano e Tito foram racionais, pois ofereceram a paz, por isto não tiveram culpa nesta guerra.

Ao nosso ver, Josefo recebeu certa influência de Políbio ao mostrar que a guerra dos judeus foi uma guerra errada. Segundo ele, os jovens tiveram uma grande participação no seu início e aqueles que se revoltaram foram irracionais, pois, quem não via o fato de Roma estar com o poder, teria que ser caracterizado desta maneira.

²⁰³ “He had offered the Jew peace (**The Jewish War**, VI, 215, p. 439)

²⁰⁴ “and told him to inform Hasdrubal that he answered for the safety of himself, his wife and children, and the families of ten of his friends” (**The Histories of Polybius**, XXXVIII, 8,4,p. 407)

²⁰⁵ “Scipio, when he looked upon the city as it was utterly perishing and in the last throes of its complete destruction, is said to have shed tears and wept openly for his enemies.” (**The Histories of Polybius**, XXXVIII, 22,439)

²⁰⁶ “commiserated its destruction” (**The Jewish War**, VII, 113, p. 539)

A questão da irracionalidade que aproxima Josefo de Políbio refere-se principalmente à decisão de lutar contra Roma. Os discursos certos foram aqueles que procuraram levar os revoltosos a desistir da idéia de lutar. Quanto ao longo discurso de Agripa II, Josefo também herdou de Políbio a forma de caracterizar a racionalidade de um homem de estado. Segundo os dois, o governante deveria ter auto-controle para conseguir comandar os exércitos.

4.3. A história vista por Flávio Josefo

Logo no Prefácio de **A Guerra dos Judeus**, Flávio Josefo explicita seus objetivos: “propus fornecer os assuntos ao Império Romano com uma narrativa dos fatos (da guerra dos judeus), traduzindo em grego a descrição que eu antecipei em minha língua pátria e enviei aos bárbaros do interior” (**GJ**, I, 3, p.3) ²⁰⁷.

Frise-se que ele explica ter escrito uma versão anterior em sua língua pátria ²⁰⁸, a qual era destinada aos bárbaros, mostrando-se disposto a relatar a verdade sobre os acontecimentos da guerra, uma vez que considerava que os gregos e romanos não sabiam de muitas coisas a respeito deles, a não ser “histórias falsas”. Declara ter presenciado a guerra e atuado nos dois lados: dos judeus, como um general na Galiléia e, em Roma, como prisioneiro e, posteriormente, como cidadão livre, presenciou o cerco de Jerusalém.

No trecho a seguir, observamos que ele se apresenta como um historiador perseverante e que, relatando fatos verdadeiros sobre a guerra, levaria seus leitores a conhecer a história real:

“os Partos, Babilônios, as mais remotas tribos da Arábia assim como nossos cidadãos entre o Eufrates e os habitantes de Adiabene, estão, por meio de minha perseverança, corretamente familiarizados com a

²⁰⁷ “propose to provide the subjects of the Roma Empire with a narrative of the facts, by translating into Greek the account which I previously composed in my vernacular tongue and sent to the barbarians in the interior.” (**The Jewish War**, I, 3, p.3)

²⁰⁸ a língua pode ser hebraico ou aramaico. (Ver THACKERAY, Introdução da **The Jewish War**, p. IX-X, Vol. II)

origem da guerra, as várias fases de calamidades pelas quais ela passou e sua conclusão. Os gregos, tal como os romanos, como não estavam engajados na discussão, ficariam na ignorância destas matérias, com lisonjeiras e fabulosas narrativa como seu único guia”. (GJ, I, 6, p. 5).²⁰⁹

Comprovamos, assim, que seus objetivos eram: fazer com que partos, babilônios e judeus soubessem da guerra e esclarecer gregos e romanos sobre a verdade da guerra, coisa que não teria acontecido se ele não tivesse escrito. Por isso a (re)escreveu em grego:

“Eu deveria, na verdade, contar detalhadamente as ações de ambos os combatentes; mas em minhas reflexões dos eventos eu **não posso ocultar meus sentimentos privados, nem me recusar a oferecer meu escopo pessoal de simpatias para lamentar os infortúnios de minha nação**”.²¹⁰ (GJ, I, 9-10, p.7, grifo nosso).

Flávio Josefo tinha suas raízes e origens na Judéia, conforme suas próprias palavras: “Eu, Josefo, filho de Matias, um Hebreu por raça, um nativo de Jerusalém e um sacerdote” (GJ, I, 2-3, p. 3)²¹¹. Assim, ele não poderia ocultar seus sentimentos íntimos, pois, como qualquer judeu, lamentou muito a queda do Templo de Jerusalém. Ao longo de sua obra, ele procurou os responsáveis pela queda do Templo.

Josefo afirma que seu objetivo era inovar, escrever a história dos judeus de uma maneira que ninguém conhecia, nem os pagãos e nem os judeus:

“Narrar a antiga história dos judeus, a origem da nação e as circunstâncias de sua migração do Egito, os países que eles atravessaram em suas perambulações, a extensão do território que eles subsequentemente (talvez sucessivamente) ocuparam, e os incidentes que levaram à sua deportação, consideraria eu não apenas estar aqui fora de lugar, mas até mesmo supérfluo, vendo que muitos judeus antes de mim, cuidadosamente, recordaram a história de nossos

²⁰⁹ “Parthians and Babylonians and the most remotes tribes of Arábia with our contrymen beyond the Euphrates and the inhabitants of Adiabene were, through my assiduity, accurately acquainted with the origin of the war, the various phases of calamity through which it passed and its conclusion, the Greeks and such Romans as were not engaged in the contest should remain in ignorance of these matters, with flattering or fictitious narratives as their only guide.” (The Jewish War, I, 6, p. 5)

²¹⁰ “shall faithfully recount the actions of both combatants; but in my reflections on the events I cannot conceal my private sentiments, nor refuse to give my personal sympathies scope to bewail my country’s misfortunes.” (The Jewish War, I, 9-10, p.7)

²¹¹ “Josephus, son of Matthias, a Hebrew by race, a native of Jerusalem and a priest.” (The Jewish War, I, 2-3, p. 3)

ancestrais e que aqueles registros foram traduzidos pelos gregos em seu idioma nativo sem erros sérios” (GJ, I, 17-18, p. 11) ²¹²

Em sua obra não teriam lugar os grandes feitos de sua nação, pois “seria supérfluo; vendo que muitos judeus antes de mim tem cuidadosamente registrado a história de nossos ancestrais”. Muitos judeus já haviam escrito a história e os grandes feitos de seu povo, como os antigos profetas. Um detalhe importante é o fato de que os historiadores judeus registraram cuidadosamente a saga judaica. Josefo esclareceu que os gregos já tinham como ler uma obra da história da saga judaica, pois a versão **LXX**²¹³ já tinha sido traduzida para o grego dois séculos antes. Em razão dessa tradução, Josefo achou irrelevante registrar novamente uma história que já estava escrita em grego. Por isso, seu objetivo foi apenas descrever a guerra dos judeus:

“Eu deveria então iniciar meu trabalho no ponto onde os historiadores desses eventos e onde nossos profetas concluíram. Da história subsequente (sucessiva), eu devo, com todo o detalhe e elaboração a meu comando, descrever os incidentes da guerra que eu vivi; para os eventos precedendo minha vida eu devo me contentar com um breve sumário” (GJ, I, 18, p. 11). ²¹⁴

Assim, o autor se posiciona como o sucessor dos historiadores e dos profetas judeus, ressaltando que, em toda sua obra, ele tentou avisar os judeus de que era inútil lutar contra os romanos. Ele destaca também que foi testemunha ocular dos fatos e viveu todos os detalhes da guerra. Por isso, considerava-se a maior autoridade para escrever sobre ela.

²¹² “To narrate the ancient history of the Jews, the origin of the nation and the circumstances of their migrations from Egypt, the countries which they traversed in their wanderings, the extent of the territory which they subsequently (perhaps “successively”) occupied, and the incidents which led to their deportation, would I considered, be not only here out of place, but superfluous; seeing that many Jews before me have accurately recorded the history of our ancestors, and that these records have been translated by certain Greeks into their native tongue without serious error .” (**The Jewish War**, I, 17-18, p. 11)

²¹³ A versão **Septuaginta** ou **LXX** (tradução da **Tanách**), foi recomendada por Ptolomeu II, do Egito (287 a 247 a.C.). Neste site. <http://www.ecmarsh.com/lxx/> é possível encontrar o texto na íntegra.

²¹⁴ “I shall therefore begin my work at the point where the historians of these events and our prophets conclude. Of the subsequent history , I shall describe the incidents of the war through which I lived with all the detail and elaboration at my command; for the events preceding my lifetime I shall be content with a brief summary. “(**The Jewish War**, I, 18, p. 11)

Na passagem acima, ele deixa claro que não se perdeu em histórias anteriores e fez um breve sumário sobre os acontecimentos anteriores à sua vida. Estes assuntos anteriores, desde quando Antíoco Epifanes guerreou contra Ptolomeu IV e, tomando Jerusalém e profanando o Templo ²¹⁵, deu início à Guerra dos Macabeus até o começo dos distúrbios entre gregos e judeus em Cesaréia ²¹⁶, foram escritos em apenas dois dos sete livros que compõem **A Guerra dos Judeus**. Nesse resumo, tal como afirma em seu prefácio, ele se autodenomina sucessor dos profetas. Para Hadas-Lebel (1991), onde a história santa acaba, a de Josefo começa.

Em boa parte do segundo Livro ²¹⁷, ele descreve o começo da guerra. Apenas na partir do livro III é que ele passa a escrever sobre a guerra que viveu. Já o livro VII é dedicado aos últimos acontecimentos ocorridos na Judéia: a tomada das três últimas fortalezas Maccheron, Herodium e Massada, eventos que ele não presenciou; o Triunfo de Vespasiano e a entrada de Tito em Roma com os despojos da guerra, eventos que ele viu.

No último trecho do prefácio, conta:

“Todos os tópicos eu coloquei em sete livros. Embora eu não tenha deixado pretextos para censura ou acusação das pessoas que foram participantes dos fatos e da guerra, meu trabalho foi escrito pelo amor à verdade e não para agradar meus leitores. Eu iniciarei agora a minha narrativa com os eventos mencionados no começo do precedente sumário” (**GJ**, I, 30, p. 17). ²¹⁸

Primeiramente, Josefo explica que escreveu tudo em sete livros e que não deu pretexto para ser censurado e nem acusado, colocando-se, assim, como o verdadeiro historiador dessa guerra. Neste trecho, ele afirma que não deixou motivo para ninguém, nem mesmo aos que participaram da guerra, acusá-lo de ter faltado com a verdade. Ele defende sua obra como a

²¹⁵ **GJ**, I,31

²¹⁶ **GJ**, II,266

²¹⁷ **GJ**, II,266-654

²¹⁸ “All these topics I have comprised in seven books. While I have left no pretext for censure or accusation to persons who are cognizant of the facts and took part in the war, my works is written for lovers of the truth and not to gratify my readers. I will now open my narrative with the events named at the beginning of the foregoing summary.” (**The Jewish War**, I, 30, p. 17).

única verdade e declara que apenas esse é seu objetivo, que não se importa em agradar seus leitores.

O discurso de Agripa aos judeus, já mencionado no item anterior, demonstra como Josefo se empenhou em mostrar como os romanos ampliaram os limites do Império. Segundo esse discurso, os romanos atingiram o limite do mundo civilizado, chegaram às terras dos partos (leste do Eufrates), norte do Danúbio. Apenas os bárbaros habitavam a região acima do rio Danúbio. Entraram no deserto, ao sul da Líbia, foram até Cadiz, ou seja, até a Espanha, nas famosas colunas de Hércules, até mesmo os britânicos, moradores da região além do oceano e que eram desconhecidos da história naquele momento, foram conquistados pelos romanos. Os romanos subjugaram todo o mundo, que Josefo caracteriza como “civilizado”. Ele conta também que os romanos submeteram Atenas, Esparta, Macedônia, Tracios, Ilírios, Dálmatos, Gauleses, Espanhóis, Germânicos, Britânicos, Cartagineses, Cirene e outras tribos do norte da África, Egípcios e Alexandrinos e que até os Partos, que eram inimigos dos romanos, enviavam presentes a Roma, sob pretexto de paz²¹⁹.

Com esta lista, a idéia de Josefo em relação à superioridade de Roma é comprovada. Na continuidade do discurso, Agripa II afirma que Pompeu entrou em Jerusalém com um pequeno exército. Os judeus da época dos reis hasmoneus eram superiores aos judeus do século I d.C., mesmo assim se entregaram aos romanos. Os homens de Roma conquistaram todos os povos, só ficando as terras frias ou quentes para os judeus²²⁰. Nem mesmo os partos os apoiariam, já que não desejavam provocar os romanos. O que sobraria para os judeus?

Segundo Josefo, a Divina assistência havia deixado os judeus e passado para o lado dos romanos. Sem Ele, esse vasto Império jamais poderia durar. Só com a Divina Providência é que foi possível a este Império conquistar todo o mundo conhecido e até partes do mundo desconhecido, como, por exemplo, os Britânicos.

²¹⁹ **GJ**, II,358-384

²²⁰ **GJ**, V,366-368

Mesmo ao relatar a guerra contra os judeus, Josefo, em várias partes, defende a idéia de que Deus ajudou os romanos usando a natureza, a guerra civil e outros recursos. No trecho a seguir, Josefo mostra que, apesar das vantagens obtidas pelos judeus, a natureza agiu a favor dos romanos. No cerco de Gamala, as flechas dos romanos não chegavam até os judeus; estes, por sua vez, podiam, com vantagem, fazer com que suas flechas atingissem os romanos:

“Aqui os Judeus impediam duramente o avanço dos inimigos com arremessos de todos os tipos e pedras que rolaram para baixo em cima deles; e eles próprios de sua posição elevada não eram alvos fáceis de flechas. No entanto, para sua ruína, uma milagrosa tempestade se levantou contra eles e soprou em suas faces, trazendo contra eles as flechas dos Romanos e estes viam e desviaram das deles. Devido à força do temporal, eles ficavam fracos, ninguém conseguia ficar em pé na beira do precipício, não encontravam terreno firme, nem viam a aproximação do inimigo.” (GJ, IV, 75-78, p. 25)²²¹

Desta forma, Josefo descreve as vantagens que os judeus tiveram na batalha. Estavam na parte de cima, poderiam jogar todo o tipo de dardos e pedras contra os romanos, eram alvos difíceis de serem acertados. Essa vantagem sempre foi crucial em guerras, principalmente nas guerras da Antiguidade, nas quais não existiam armas sofisticadas. Logo a vantagem dos judeus era imensa.

Josefo afirma que “por um milagre”, uma tempestade soprou contra os judeus, de modo que as flechas dos romanos começaram a atingir os judeus, e as flechas dos judeus não atingiam mais os romanos. A vantagem começou a se desfazer.

A vantagem que os judeus tinham inicialmente virou-se contra eles, pois, de acordo com o relato, estavam em um precipício, o vento era forte e frio dificultando até mesmo o equilíbrio do corpo. Preocupados com o temporal, os judeus não perceberam a aproximação dos romanos, que tomaram a cidade, sem perder praticamente nada.

²²¹ “Here the Jews worked havoc among the advancing enemy with missiles of all kinds and rocks which they rolled down upon them, being themselves from their elevated position no easy mark for an arrow. However, to seal their ruin, a storm miraculously arose which, blowing full in their faces, carried against them the arrows of the Romans and checked and deflected their own. Owing to the force of the gale they could neither stand on the edge of the precipices, having no firm foothold, nor see the approaching enemy.” (*The Jewish War*, IV, 75-78, p. 25)

Na passagem em que Josefo descreve a guerra civil, descrita na página 72, entre os judeus, em Jerusalém, cuja transcrição encontra-se no capítulo terceiro ²²², ele destaca os efeitos da divisão interna entre os judeus. Jerusalém estava cercada e dividida em três partidos que guerreavam entre si: Eleazar dominava o Templo, juntamente com parte dos zelotas; João de Giscala dominava o átrio externo do Templo com os galileus e outra parte dos zelotas; e Simão b. Giorias dominava o restante da cidade com apoio dos idumeus e grande parte da população. É importante ressaltar uma afirmação de Josefo, a de que os judeus estavam ajudando aos romanos, pois estavam destruindo a garantia de que poderiam suportar um cerco longo contra sua cidade. Devido à guerra por alimentos, a fome fez a cidade cair mais cedo, algo que parecia improvável em face da grande quantidade de suprimentos que a cidade tinha antes das três facções se consumirem totalmente. Sua mensagem, neste caso, é de que a guerra civil entre as três facções teve como consequência a rendição da cidade pelos romanos, uma vez que a luta interna facilitou sua entrada na cidade.

No terceiro trecho, em que ele reproduz o discurso de Tito, este exorta os romanos a darem assalto à Fortaleza Antônia:

“Porque nossas reservas são apenas as consequências do desespero dos Judeus, enquanto seus sofrimentos são aumentados pelas nossas corajosas façanhas e a constante cooperação da Divindade. Porque a facção, a fome, o cerco, a queda das muralhas sem impactos das máquinas – o que podem estar estas coisas dizendo se não que Deus está irado contra eles e estendendo Seu auxílio para nós?” (**GJ**, VI, 39, p. 389). ²²³

Josefo descreve que os ataques dos judeus eram poucos em razão de seu próprio desespero. Grande era o predomínio dos romanos e eles ainda contavam com a força da

²²² **GJ**, V, 21-26

²²³ “For our reserves are but the outcome of the Jews’ desperation, while their suffering are increased by our valiant exploits and the constant co-operation of the Deity. For faction, famine, siege, the fall of ramparts without impact of engines – what can these things mean but that God is wroth with them and extending His aid to us?” (**The Jewish War**, VI, 39, p. 389)

Divindade. Segundo Tito, esta cooperação Divina se expressava pelo que causou a derrota dos judeus: “facção, fome, cerco, queda das muralhas sem impactos das máquinas”.

A queda das muralhas sem o impacto das catapultas merece destaque. Josefo alega que as muralhas de Jerusalém eram intransponíveis e, nessa passagem²²⁴, destaca que se não fosse a fome provocada pela luta das facções, seria quase impossível transpor as muralhas. Assim, Tito tomou o primeiro muro com máquinas, o segundo muro também²²⁵ e, antes do ataque de Antônia, fez um muro de terra em torno do terceiro muro²²⁶. Então, atacou Antônia com aríetes²²⁷. A tomada do Templo foi logo depois de um soldado ter jogado uma tocha de fogo pela janela, incendiando a construção de dentro para fora²²⁸. Por fim, ele escreve que, após a tomada de Jerusalém, Tito deixou de pé as torres de Hípicos, Fazeel e Mariana, além de um pedaço do muro no lado ocidental, hoje chamado Muro das Lamentações. O restante foi destruído até os alicerces²²⁹.

Josefo enfatiza para o leitor que Deus ajudou os romanos em tudo, até mesmo na “queda das muralhas sem impactos das máquinas”. No entanto, ele mesmo demonstra que os romanos tomaram a cidade usando armas de cerco, como balistas, aríetes e catapultas, ou seja, a Engenharia Militar Romana trabalhou muito para tomar a cidade de Jerusalém. E isso ocorreu após quase um ano de cerco, pois a cidade era quase inexpugnável. Sua força foi quebrada pela guerra das três facções, viabilizando a tomada da cidade pelos romanos.

Josefo explica que estes fatos aconteciam com os judeus, por causa da ira de Deus contra eles. Para Josefo, Ele havia abandonado os judeus e todos os povos para se posicionar a favor de Roma. Deus quis que o Templo fosse incendiado. Caindo no Ciclo do Destino, o Templo deveria morrer como as demais coisas e homens. Segundo Josefo, Deus ajudou aos

²²⁴ **GJ**, V,21-26

²²⁵ **GJ**, V,302-304 e V:331-335

²²⁶ **GJ**, V,491-503

²²⁷ **GJ**, VI,23-24

²²⁸ **GJ**, VI,251

²²⁹ **GJ**, VII,1

romanos a conquistar os Judeus; deu o Mundo a Roma e não poupou da destruição nem mesmo o Templo de Sua adoração.

Com base no que a Bíblia nos relata, sabemos da importância do Templo. Segundo Chaillet, “O templo de Jerusalém... permanece sendo o lugar por excelência da presença divina e o local onde... são perdoadas as faltas individuais e coletivas... O local santo é o centro da vida judaica e do Universo... Este local é também o símbolo da identidade nacional...” (CHAILLET, s/d, p 69)

Domingos Monteiro compartilha dessa mesma idéia, ao afirmar que o Templo era “a maior e mais rica edificação de Jerusalém: era a sede principal, para não dizer única, da autoridade religiosa e uma das fontes permanentes do poder político”. (1963, 224).

Esta idéia pode ser averiguada no ato da construção: “Por isso resolvi construir um Templo ao Nome de Iahweh meu Deus, conforme o que disse Iahweh a Davi meu pai: ‘ Teu filho, que colocarei no trono e em teu lugar, é quem constuirá um Templo para meu Nome” (1 REIS 5:19)²³⁰

“A palavra de Iahweh foi então dirigida a Salomão: Quando esta casa que estás construindo, se procederes segundo os meus estatutos, se observares as minhas normas e seguires fielmente os meus mandamentos, eu cumprirei em teu favor a minha palavra, que dei a teu pai Dadi, e habitarei no meio dos israelitas e não abandonarei meu povo Israel”(1 REIS, 6:11-13).

Salomão, filho de Davi, construiu o Templo no século X a.C. Ele servia como morada de Deus. Sua reconstrução, no século V a.C, descrita em **Esdras** e **Ageu**, mostra como os judeus sentiram-se em casa novamente quando a reconstrução foi concluída. Deus teria falado aos judeus: “É para vós tempo de habitar em casas revestidas, enquanto esta casa está em ruínas?” (**AGEU** 1:4). Os profetas Ageu, Zacarias, e Zorobabel foram os principais

²³⁰ A Bíblia na versão **Jerusalém**, coloca esta passagem em 1 Reis 5:19, pois segue “sempre a numeração dos versículos e capítulos do hebraico. As outras versões da como, que seguem a **Vulgata**, **Ave Maria**, **João Ferreira de Almeida**, **NVI**, colocam esta passagem em 1 Reis 5:5.

responsáveis pela reconstrução do Templo. Aqueles que se opuseram à realização de tal obra foram tratados como inimigos de Deus²³¹.

Herodes retomou a construção do Templo em 26 a.C, aproximadamente, mas sua conclusão só ocorreu em 64 d.C., conforme vemos nos Evangelhos de **Mateus, Marcos, Lucas e João**.

Josefo também apresenta o Templo como uma representação importante na sociedade judaica, mas muda de idéia ao ver o Templo destruído em razão da ira Divina: o incêndio foi “inspirado por Deus”:

“Aquela construção, entretanto, **Deus, desde há muito tempo, sentenciou as chamas; mas agora, dentro da revolução dos anos, chegou ao dia fatídico**, o décimo dia do mês Lous, o dia no qual de velho ele foi queimado pelo rei da Babilônia. O incêndio, no entanto, teve origem e causa no próprio povo de Deus” (**GJ**, VI, 250-251, p. 449, grifo nosso).²³²

Nota-se, na primeira parte, que, há muito tempo, Deus já havia sentenciado este Templo: chegara o dia da sentença, o dia que marcaria seu fim. Deus já não residia em sua “morada eterna”. Na segunda parte, Josefo faz uma comparação com a queda do antigo Templo de Salomão, quando afirma que o de Jerusalém foi queimado no mesmo dia em que o de Salomão foi destruído: no décimo dia do mês de Lous.²³³

Para Josefo, este incêndio aconteceu por que Deus estava irado contra o seu povo, por causa desta revolta, de tal forma que saiu de sua moradia. Conforme vimos nas passagens da **Bíblia**, o Templo sempre foi a moradia de seu povo. Por que Deus teria querido abandonar sua moradia aqui na terra?

²³¹ Os livros de **Ageu, Zacarias e Esdras** mostram a importância do Templo. Quem se opôs foram tratados como inimigos de Deus.

²³² “That building however, God, indeed long since, had sentenced to the flames; but now in the revolution of the years had arrived the fated day, the tenth of the month Lous, the day on which of old it had been burnt by the king of Babylon. The flames, however, owed origin and cause to God’s own people.” (**The Jewish War**, VI, 250-251, p. 449)

²³³ Lous, mês de Niese ou Agosto. 30 de Agosto. Em hebraico mês de Ab.

No segundo trecho, Josefo destaca o tempo de vida útil do Templo, desde Salomão até Ageu. “Ainda talvez seja para nós uma grande consolação pensarmos que não há quem escape do **Destino** (morte), pois trabalho de artes e locais vivem iguais às criaturas. E alguém fez a maravilha da exatidão do **ciclo do Destino**²³⁴ (GJ, VI, 267-268, p. 453, grifo nosso).

Josefo enquadra o Templo no ciclo do Destino. Para ele não há nada nem ninguém que escape deste ciclo de morte, quer obras de artes, locais, construções, criaturas, todos morrem. Segundo ele, isto é uma maravilha do “ciclo do Destino”, isto é o Templo tem uma vida útil nasce e morre, no caso do Templo construção e destruição.

4.3.1. Culpados pela guerra

No decorrer de sua obra, Josefo vai construindo uma idéia de culpa para uma pequena parcela da população judaica e, ao final, faz uma lista dos supostos culpados pela guerra: sicários, João de Giscala, Simão b. Guiora, idumeus e zelotas. Ao fim desta lista, escreve que Deus tomou uma decisão contra eles.

Aos sicários, Josefo reserva a maior parte do texto, contando inclusive a sua origem. Eleazar, que ocupava Massada, era descendente de Judas, o fundador do partido dos sicários:

“[...]Pois, naqueles²³⁵ dias os Sicários se juntaram contra aqueles que consentiram em se submeter a Roma e em cada passagem os trataram como inimigos, pilhando suas propriedades, atirando-se sobre seus rebanhos e colocando fogo em suas habitações. Protestando que tais pessoas não eram diferentes dos estrangeiros e que assim covardemente sacrificaram a dura liberdade adquirida pelos judeus e preferiram a opressão dos Romanos. Ainda, depois de tudo, e isso foi apenas um pretexto, propuseram para eles um disfarce por sua crueldade e avareza, como se fosse um plano para suas ações. Pois as pessoas se juntaram com eles na revolta e tomaram sua parte na guerra contra Roma. No entanto, isto foi apenas para sofrer nas mãos deles ainda maiores atrocidades; e quando eles estavam convictos da

²³⁴ “yet may be we draw very great consolation from the thought that there is no escape from Fate, for works of art and places any more than for living beings. And one may well marvel at the exactness of cycle of Destiny.” (The Jewish War, VI, 267-268, p. 453)

²³⁵ Ano 6 d.C., quando Judas fez a revolta contra o censo de Quiriniu.

falsidade deste pretexto, eles apenas oprimiram os demais que em uma legítima defesa pessoal os censuraram por essa vilania (GJ, VII, 253-258, p. 577)”²³⁶

Josefo escreve que os sicários começaram a pilhagem dos judeus, atacando-os nas estradas,²³⁷ queimando suas casas, roubando seus gados, sem distinguir os judeus que apoiavam os romanos dos estrangeiros.

Josefo condena os falsos pretextos destes sicários: alegando dar “liberdade” aos judeus, eles faziam guerra com os opressores romanos. Assim, os sicários mantinham sob sigilo sua crueldade e avariza; os que tentavam fugir eram oprimidos. Outra acusação de Josefo é de que esse povo se juntou aos sicários para fazer guerra contra Roma, mas os sicários os oprimiram ainda mais. Josefo os acusa de falsidade, de usarem falsos pretextos para enganar o povo.

Esse foi o período em que mais houve crimes: cada um tentava sobrepujar seu companheiro. Josefo até usa o termo “prolífico em crimes”: “Os Sicários foram os primeiros a dar o exemplo desta ilegalidade e crueldade com seus parentes, não deixando de falar nenhuma palavra para insultar, nenhuma ação não experimentada para arruinar as vítimas de sua conspiração”²³⁸ (GJ, VII, 261-262, p. 579).

Ele acusa os sicários de terem uma participação importante no início da guerra, culpando a Manahém, e de, no final da guerra, serem os últimos a se render.

²³⁶ “[...] For in those days the Sicarii clubbed together against those who consented to submit to Rome and in every way treated them as enemies, plundering their property, rounding up their cattle, and setting fire to their habitations; protesting that such persons were no other than aliens, who so ignobly sacrificed the hard-won liberty of the Jews and admitted preference for the Roman yoke. Yet, after all, this was but a pretext, put forward by them as a cloak for their cruelty and avarice, as was made plain by their actions. For the people did join with them in the revolt and take their part in the war with Rome, only, however, to suffer at their hands still worse atrocities; and when they were again convicted of falsehood in this pretext, they only oppressed the more those who in righteous self-defence reproached them with their villainy.” (The Jewish War, VII, 253-258, p. 577)

²³⁷ “Na parábola do Bom Samaritano, Lucas escreve sobre um ataque a um judeu que descia de Jerusalém para Jericó. Josefo não é o único a falar de ataques em estradas. (LUCAS, 10, 30)

²³⁸ “The Sicarii were the first to set the example of this lawlessness and cruelty to their kinsmen, leaving no word unsaid to insult, no deed untried to ruin, the victims of their conspiracy.” (The Jewish War, VII, 261-262, p. 579)

Os sicários foram bastante atacados por Josefo. Eles foram os primeiros a incitar a ruína dos judeus, os primeiros a dar exemplo de ilegalidade e crueldade para com os outros, a insultar com palavras ruins; a arruinar suas vítimas com conspirações. Eles são associados a bandidos, devido à insegurança que reinou em toda Judéia. Hadas-Lebel, escreve que “Josefo demonstra ódio visceral pela ‘quarta filosofia’ e pelos grupos – sicários e zelotas – que nela se inspiram. Esse ódio se explica, sem dúvida alguma, pela responsabilidade que ele lhes atribui na catástrofe nacional²³⁹ que fez tantas vítimas e viu o Templo nas chamas” (1991, 53)²⁴⁰.

Josefo julgou os Sicários culpados pelo derramamento de sangue de muitos inocentes. Tal sangue não seria derramado se os judeus não tivessem sido incitados à revolta. Foram culpados por não terem ouvido as profecias; foram culpados por não estarem atentos à história judaica (quando Deus não aprova, não adianta lutar), não ouviram Josefo quando proferiu seus discursos aconselhando os revoltosos a se arrependerem, não ouviram o discurso de Agripa II, quando também recomendou que não se revoltassem. Os sicários foram os últimos a se submeter em Massada. Mesmo depois da guerra, as agitações dos judeus na Cirenaica são atribuídas aos sicários.

O segundo na lista de culpados é João de Giscala:

“Todavia, quando comparados a João, são mais moderados do que ele. Pois ele não apenas matou todos que propunham meios justos e saudáveis, tratando tais pessoas como seus inimigos cruéis entre todos os cidadãos, como também, em sua capacidade pública, carregou seu país com males infinitos, como se poderia esperar que fosse infligido sobre homens por alguém quem já tinha ousado praticar impiedade até mesmo contra Deus. Pois ele serviu comida ilegal em sua mesa e abandonou as regras de pureza estabelecidas pelos nossos antepassados; de modo que não causa surpresa que um acusado de tais impiedades loucas para com Deus tenha falhado em observar para

²³⁹ Goodman (1994) mostra que a revolta não teve apenas uma causa, mas várias, inclusive guerra entre famílias sacerdotais importantes.

²⁴⁰ De acordo com Hadas-Lebel (1991), juntamente com os zelotas, os sicários são tidos como a quarta filosofia. Eles tinham amor pela liberdade. Regiam-se pelo princípio de que Deus é único mestre e único Senhor. O erro destes movimentos foi querer a liberdade, pois esta foi a causa da ruína do país. Josefo não se estende muito explanando suas doutrinas, mas censura-os.

com os homens os serviços de docilidade e caridade.” (GJ, VII, 262-265, p. 579).²⁴¹

Josefo afirma que, se os atos dos sicários foram péssimos, os de João foram mais ainda. Além de praticar atos de crueldade contra homens justos, ele também carregou o país para a guerra. Diferente dos sicários, que mais praticavam atos de pilhagem contra os judeus pró-romanos e os estrangeiros, João praticou atos contra Deus.

Outra acusação refere-se aos atos de servir refeições impuras. A prática de comer alimentos que eram impuros para os judeus era uma afronta a Deus. Não se podiam comer víveres que eram sacrificados a outros deuses.

Josefo acusa João de ter falhado na observação da prática das caridades e docilidade, culpando-o pela falta de sentimentos e de humanidade.

João faz parte de uma segunda liderança na guerra dos judeus, uma vez que os primeiros líderes da revolta, como Níger, Gorión, filho de Josefo b. Gorion, o sumo-sacerdote Ananus, foram mortos no primeiro ano da guerra. Depois da morte de Ananus, João adquiriu poder em Jerusalém. Ele era o pior inimigo de Josefo.

Para Hadas-Lebel (1991), uma vez eliminados os mais moderados, surgiram três partidos. João comandava um deles, o dos galileus, e tinha uma parte dos zelotas, no átrio externo do Templo; Eleazar, filho de Simão tinha o Templo, junto com seus zelotas; Simão estava com o restante da cidade. Desde então, passaram a lutar entre si. João conseguiu derrotar a Eleazar, ficando também com o Templo.

Para Josefo, João cometeu vários crimes contra Deus: um deles foi a utilização das madeiras do Templo para fazer armas contra os romanos, outro foi a decisão de fundir todas

²⁴¹ “Yet even they were shown by John to be more moderate than himself. For not only did he put to death all who proposed just and salutary measures, treating such persons as his bitterest enemies among all the citizens, but he also in his public capacity loaded his country with evils innumerable, such as one might expect would be inflicted upon men by one who had already dared to practice impiety even towards God. For he had unlawful food served at his table and abandoned the established rules of purity of our forefathers; so that it could no longer excite surprise, that one guilty of such mad impiety towards God failed to observe towards men the offices of gentleness and charity.” (**The Jewish War**, VII, 262-265, p. 579)

as louças sagradas e, por fim, a utilização das reservas de óleo e de vinho. De acordo com Saulcy, Josefo imputa tais crimes aos seus inimigos políticos:

“Vemos que o ódio de Josefo contra aqueles que haviam sacrificado a própria vida para escapar à dominação estrangeira, revela-se por vezes brutal. O historiador que abandonou a causa da pátria imputa todos os crimes a seus adversários políticos, e exprime desta vez sua indignação, a propósito de fatos que não me sinto muito disposto a ver com os mesmos olhos que ele. Os homens determinados a morrer e a defender até o último suspiro o Santuário de seu culto e de seu patriotismo beberam o vinho consagrado e deram um pouco de flexibilidade a seus membros extenuados pela luta ungindo-os com o óleo destinado aos sacrifícios. Crime singular, temos que convir, para pessoas que a fome oprime, e que combatem a cada hora do dia e da noite! Não êxito em dizê-lo: é João de Giscala que sai ganhando, e não consigo deixar de sentir mais estima por ele do que por Josefo. Sim, ele teve mil vezes razão em dizer a seus companheiros que o Templo devia alimentar seus defensores” (*apud* HADAS-LEBEL, 1991, 189).

Embora Josefo acuse João de tais crimes contra Deus, sua censura é menor do que a atribuída aos sicários. Essa parcialidade de Josefo em relação a João justifica a indignação de Saulcy. Mas, como Hadas-Lebel escreve, devemos observar que nós não conhecemos a dimensão do sagrado para uma pessoa da antiguidade. Um judeu antigo deveria conhecer bem o que significava comer alimentos impuros e até mesmo alimentos consagrados a Deus.

Após a queda do Templo, tanto João como Simão fugiram para o Palácio Real de Herodes. Este palácio foi incendiado e entre os corpos de alguns suicidas estava o de João, mas ele ainda estava vivo e foi feito prisioneiro antes de Simão. Após sua captura pelos romanos, seu destino foi a prisão perpétua, pois, conforme escreveu Josefo, ele se apresentou como um suplicante.

Josefo também considerou Simão b. Guiora como um dos culpados pela guerra:

“De novo, havia Simão, filho de Giorias: que crime ele não cometeu? Ou que ultraje ele se conteve de infligir contra aquelas pessoas muito livres que o tinham transformado em tirano? Qual ligação de amizade ou de parentesco rendia estes homens mais audaciosos a seus assassinos diários? Pois fazer ofensas ao estrangeiro era considerado por eles como um ato de insignificantes malícias, embora eles

fizessem uma figura ilustre maltratando suas relações mais próximas” (GJ, VII, 265-267, p. 581)²⁴²

A acusação de Josefo contra a Simão enfoca os mesmos problemas destacados na dos Sicários e na de João, a tirania e a culpa pela morte de vários judeus inocentes. No entanto, a principal acusação de Josefo contra Simão b. Giorias é a de traição aos que o ajudaram a ascender ao poder. Josefo o chama de déspota. Esta particularidade nos faz lembrar de que Simão matou o Sumo-Sacerdote Mathias, que lhe tinha aberto as portas de Jerusalém.

Goodman lembra que uma prática comum de Josefo era chamar seus inimigos de tiranos: “Esse termo, ‘tirania’, pode ser empregado por Josefo porque parece ter sido de uso corrente durante a guerra para ofender adversários políticos” (1994, 210).

Josefo escreve que Simão, assim como João e os Sicários, também matou seus parentes. Simão foi o principal líder de Jerusalém em 70. Ele mesmo prendeu o pai de Josefo²⁴³. Outra acusação é que Simão também matou os estrangeiros. Simão, por ser o principal líder em 70 e controlar Jerusalém, com exceção do Templo, foi o primeiro a receber o ataque dos romanos e com isso o primeiro a matar também. Mas, em 66, foi Simão quem perseguiu a Céstio Gallo, após sua derrota e atacou sua retaguarda tomando mulas e armas.

Goodman (1994) nos lembra de que Simão foi restituído como um dos generais que lutaram contra Gallus, juntamente com Eleazar b. Simão. O próprio Simão, apesar de só ter entrado em Jerusalém após a morte de Ananus, não aceitou o novo general João b. Ananias, que iria ocupar seu lugar. Com isso retirou-se para Massada juntamente com seus homens, até que seus inimigos fossem mortos.

Sobre a história de Simão, Hadas-Lebel (1991) destaca que, após a morte de Ananias, Simão estendeu o seu poder desde Gerasa até Jerusalém. Porém, João de Giscala, aliado aos

²⁴² “Again, there was Simon, son of Giorias: what crime did not he commit? Or what outrage did he refrain from inflicting upon the persons of those very freemen who had created him a despot? What ties of friendship or of kindred but rendered these men more audacious in their daily murders? For to do injury to a foreigner they consider an act of petty malice, but thought they cut a splendid figure by maltreating their nearest relations.” (The Jewish War, VII, 265-267, p. 581)

²⁴³ GJ, V,553

zelotas, fazia reinar o terror na cidade de Jerusalém. Simão, ao chegar à cidade de Jerusalém, teve sua esposa seqüestrada pelos zelotas e não mostrou compaixão pelas vítimas ao forçar os zelotas a lhe devolverem sua esposa e “qualquer que tentasse se aventurar para fora dos portões para apanhar ervas ou suprimentos, pessoas desarmadas e velhos, ele agarrava, torturava e matava, na extravagância de sua fúria, quase consumia ao extremo seus cadáveres.”²⁴⁴ (GJ, IV, 540-541, p. 161)

Foi o sumo-sacerdote Matthias que chamou Simão para entrar em Jerusalém. Mas a guerra civil assume uma nova fase, Hadas-Lebel escreve, parafraseando Josefo, que Simão “achava que, se lhe tinham aberto as portas, era para lhe dar poder” (1991,170)

Simão foi também o primeiro a sentir a fúria dos romanos. Mas, embora possuísse armas de cerco que havia tomado da XII^a Legião em 66, não sabia usá-las corretamente, ao passo que as novas armas da X^a Legião eram certeiras em atingi-lo.

Após a queda do Palácio de Herodes, Simão ficou escondido por vários dias em um túnel e, quando viu que não tinha como escapar, apareceu diante dos romanos vestido de trajes reais. Capturado por Terêncio Rufo, Simão foi reservado para o cortejo final, em frente ao Fórum onde foi decapitado. De acordo com Hadas-Lebel, morrera um dos “homens que (Josefo) mais odiara” (1991, 213).

Goodman também escreve que Josefo chama Simão de tirânico²⁴⁵. Mas, assim como João de Giscala, Simão b. Guiora era da classe dirigente. Durante os anos de 69 e 70 Simão obteve apoio “de grande parte da remanescente classe dirigente” (1994,197). Sobre o banditismo de Simão, Goodman escreve que “é duvidoso que Simão jamais tivesse sido um bandido” (1994,208). Acrescenta que, quando Ananus expulsou Simão, este só voltou a Jerusalém quando Ananus morreu.

²⁴⁴ “Any who had ventured outside the gates to gather herbs or fuel, unarmed and aged individuals, he seized, tortured and killed, in the extravagance of his rage almost gnawing their very corpses.” (**The Jewish War**, IV, 540-541, p. 161)

²⁴⁵ GJ, II,652

Simão, além de figurar como o principal líder da guerra interna entre os judeus, foi quem mais causou medo aos outros líderes. Em 70, quando Tito chegou, era Simão que controlava toda a cidade. A ele foi reservada a morte em frente ao Fórum: morte de um líder de revolta.

Os idumeus também tiveram culpa pela guerra:

“Contudo mesmo sua tola paixão foi superada pela loucura dos Idumeus. Pois a maioria daqueles indivíduos abomináveis, depois do assassinato do Sumo-Sacerdotes²⁴⁶, de modo que nenhuma pequena porção da adoração pode continuar, prosseguiram em extirpar tudo o que achavam que estava fora de nossa política civil, introduzindo em todo departamento sua perfeita ilegalidade” (GJ, VII, 267-268, p. 581)²⁴⁷

Nesta passagem, Josefo considera que os idumeus foram piores de que os Sicários, João e Simão. Acusa aos idumeus de serem tiranos e de terem matado aos sumo-sacerdotes, pois Ananus e Jesus eram homens que Josefo “venerava profundamente, em cuja sabedoria confiava para poupar o pior a seus concidadãos” (HADAS-LEBEL,1991, 153). Quando os idumeus entraram em Jerusalém com ajuda de João e Eleazar, que se encontravam presos no Templo e cercado pelas tropas de Ananus e Jesus, estes não queriam deixar que os primeiros entrassem armados. Propuseram até mesmo uma parceria com tais homens. Jesus b. Gamalas os “insultou, sugerindo que deviam se desarmar e agir como árbitros entre as facções existentes, ou deixar que estas resolvessem pela luta suas pendências” (GOODMAN,1994,92). Mas, num dia de chuva, os zelotas conseguiram abrir as portas de Jerusalém e os idumeus entraram. Depois disto, mataram os sumo-sacerdotes.

A outra acusação é a de que os idumeus foram responsáveis pelo desaparecimento dos sacrifícios, já que, com a morte dos sumo-sacerdotes, não houve mais a prática de adoração.

²⁴⁶ Estes sumo-sacerdotes foram Ananus e Jesus. Ananus era o atual sumo-sacerdote e Jesus b. Gamalas, já o fora anteriormente. GJ, IV, 314

²⁴⁷ “Yet even their infatuation was outdone by the madness of the Idumaeans. For those most abominable wretches, after butchering the chief priests, so that no particle of religious worship might continue, proceeded to extirpate whatever relies were left of our civil polity, introducing into every department perfect lawlessness.” (The Jewish War, VII, 267-268, p. 581)

Outra acusação, ainda, é a de que, após a morte do sumo-sacerdote, o partido de Ananus foi tirado de cena, juntamente com outras pessoas importantes no começo da guerra como Gorion b. José e Níger, o Peréio.

Após a entrada dos idumeus, surgiu uma nova coligação na história da guerra dos judeus. Antes deles, o partido de João, que estava unido a Eleazar e aos zelotas, esteve cercado por Ananus. De acordo com Goodman (1994), eles eliminaram apenas os membros da classe dirigente que potencialmente poderiam ser rivais. Outros ficaram vivos, como o pai de Josefo, que só foi preso por Simão b. Guiora em outro momento da guerra, com o objetivo de consolidar a nova ordem.

A coligação de João e dos idumeus era tão vulnerável quanto à de Ananus.

“Alguns dos idumeus, inclusive um de seus líderes, Jaime b. Sosas, que em agosto estava aparentemente comandando tropas na Iduméia, desligou-se da aliança e voltou para casa, achando que eles eram parceiros muito secundários na coligação e que a violência envolvida na destruição do partido de Ananus era repugnante” ²⁴⁸ (GOODMAN, 1994, 193).

Esses idumeus, ao saírem da cidade de Jerusalém, libertaram cerca de 2 mil cidadãos:

“Esses prisioneiros, segundo Josefo, se juntaram a um crescente grupo de descontentes excluídos por João e Eleazar. Esse grupo estava concentrado em torno de Simão b. Guiora na área rural da Judéia, e o próprio Jaime b. Sosas iria em breve se juntar ao mesmo astro ascendente” (GOODMAN, 1994, 193).

Simão entrou em Jerusalém juntamente com os idumeus, sendo considerado um libertador. Quem lhe abriu a porta foi um dos inimigos de João e Eleazar, Matthias, da família dos Boetos. “Todos os idumeus se passaram para o lado de Simão, juntando-se ao colega Jaime b. Sosas, e com isso dando a Simão o controle de toda Jerusalém, com exceção da área do Templo, onde João e Eleazar b. Simão se refugiaram” (GOODMAN, 1994, 196).

²⁴⁸ **GJ**, IV, 352; IV, 521-528.

Josefo os acusa de barbaridades, de serem selvagens e homicidas por natureza. Lembramos, porém, que os idumeus estavam acostumados à função militar, porque participavam das tropas dos reis da dinastia de Herodes. “De qualquer maneira, seu poderio militar tinha o reconhecimento de todos os participantes da luta interna em Jerusalém como sendo de um nível bem diferente do deles, e os idumeus eram, conseqüentemente, temidos e cortejados” (GOODMAN, 1994, 224). Herodes Magno também confiava em seus conterrâneos idumeus para ocupar importantes posições. Os generais de Herodes, com poucas exceções, parecem ter sido idumeus, e não judeus. De acordo com Goodman, essa prática foi seguida pelos reis descendentes de Herodes.

Os idumeus não se interessavam pela política da Judéia e só começaram a participar dela quando os romanos “empurraram o país inteiro à revolta, optando por demonstrar em áreas distantes as táticas de terror com que pretendiam forçar à submissão a capital” (GOODMAN, 1994, 170). Eles até mesmo chegaram a cooperar com Ananus, quando este se opôs à Simão b. Guiora por ocasião da ocupação de Massada.

Os zelotas também foram caracterizados como responsáveis pela guerra:

“Nisto os assim-ditos Zelotas se excederam, uma classe que deveria justificar seu nome por suas ações. Pois eles copiaram cada façanha do mau, não houve nenhuma vilania anterior recordada na história que eles tenham falhado no entusiasmo de imitar. E ainda eles obtiveram seu título pelo seu professado zelo pela virtude, alguns prejudicando aqueles que acusavam, tão brutal era sua natureza, ou estimando a vantagem do mal”. (GJ, VII, 268-270, p. 581)²⁴⁹

Segundo Josefo, os zelotas se excederam mais do que os outros nos males que cometeram, pois, pelo nome que usavam, “não deveriam praticar nada de mal” e sim fazer coisas boas. Desta forma, ele conclui que os zelotas tinham adotado esse nome em vão, além

²⁴⁹ “In this the so-called Zealots excelled, a class which justified their name by their actions; for they copied every deed of ill, nor was there any previous villainy recorded in history that they failed zealously to emulate. And yet they took their title from their professed zeal for virtue, either in mockery of those they wronged, so brutal was their nature, or reckoning the greatest of evils good.” (*The Jewish War*, VII, 268-270, p. 581)

de ofenderem os verdadeiros zeladores da virtude: não deveriam ser chamados assim, pois tinham uma natureza brutal e sua verdadeira intenção era fazer o mal.

Quanto ao nome de zelotas, aparentemente, pretende ser laudatório, pois tem o dom de despertar a ironia de Josefo:

“Como se fossem zelosos pelas ações virtuosas, e não pelas mais infames” (BJ,IV,161). A denominação se refere sem dúvida alguma ao ideal do zelo por Deus, ao qual já estavam ligados os macabeus. Os zelotas se consideram soldados de Deus e estão convencidos de, como tais, terem direito a uma proteção especial. Daí seu ardor e sua intransigência”. (HADAS-LEBEL,1991,149).

Goodman (1994) também se lembra da idéia de que zelar está relacionado ao que é bom. Até mesmo Paulo, em **Atos** XXII 3, fala do zelo; ele mesmo usou para si a palavra zelota. Daí a origem do nome, segundo Josefo: “pegaram o título deles do zelo professado pela virtude”

Já na guerra, os partidários de Eleazar b. Simão tomaram o nome de zelotas. Eleazar, junto com Simão, tinha sido escolhido para lutar contra Gallus. Eleazar tomou os despojos de Céstio Gallus, após esse romano ter-se retirado de Jerusalém. No segundo ano da guerra, juntamente com Simão, ele foi excluído do poder por Ananus, em 67.

Os zelotas, por influência de João, já que este tinha uma idéia clara da situação externa, tomaram a decisão de buscar o apoio dos idumeus, mas esta aliança durou até meados de 69, quando os idumeus saíram da cidade e passaram a apoiar a Simão. O partido dos zelotas dividiu-se em partidários de João e Eleazar. João conquistou o Templo. No ano de 70, ele contava com apoio dos zelotas, do partido de Eleazar, já que este estava fora de cena e com os outros zelotas que João já tinha para si antes de Eleazar ser derrotado.

Depois de apresentar a lista de “culpados pela guerra” Josefo escreve que “Deus recompensou a todos com o devido castigo”. No entanto, ele exclui dessa lista todos os

participantes da guerra: ele próprio, que tinha participado da guerra como general na Galiléia, Ananus, Jesus, José b. Gorion.

“Conseqüentemente, eles encontraram um fim apropriado, Deus recompensou todos devidamente. Pois toda a punição que a natureza humana é capaz de suportar desceu sobre eles, mesmo aqueles que viviam os últimos momentos moribundos suportaram-nos em meio a agonias de múltiplas torturas. E mesmo que se diga que eles sofreram menos do que lhes foi inflingido, pois nenhum sofrimento poderia comparar com suas solidões” (GJ, VII,271-274, p. 583).²⁵⁰

Josefo pontua que Deus descarregou sua ira contra esses revoltosos. Eles foram castigados por Deus, mas esse castigo não foi à altura do merecido. Pelos males que esses revoltosos fizeram, mereciam uma punição maior, pois levaram vítimas inocentes a sofrer por seus pecados e, além disso, foram os responsáveis pela destruição do templo.

Percebemos, de um lado, que, ao longo de sua obra, Josefo construiu uma história de culpa para estes personagens, Sicários, João, Simão, Idumeus e Zelotas e que, no final, descreveu como Deus castigou a todos. Por outro lado, ele isentou de culpa grande parte da população judaica, a administração romana na Judéia, as famílias sacerdotais que lutaram pelo poder religioso e até mesmo Calígula, que em torno dos anos 30 d.C., quis colocar sua estátua no Templo de Jerusalém. Relatou esses fatos, mas construiu uma história de culpa apenas para uma pequena parcela da população.

Assim, vemos que ele se distanciou do que era história para o judeu, ou seja, da história que era Deus. Nisso reside a importância da experiência historiográfica que Josefo adquiriu dos gregos. A língua (grega), a concepção de verdade (ele afirma que seu relato é o único verdadeiro sobre a guerra), de tempo (Josefo usou tempo cíclico e linear em sua obra), memória (memória de uma guerra que não deveria acontecer).

²⁵⁰ “Accordingly these each found it a fitting end, God awarding due retribution to them all. For every punishment that human nature is capable of enduring descend upon them, even to those last dying moments of life, endured by them amid the agonies of manifold torture. And yet one may say that they suffered less than they inflicted; for no suffering could match their deserts.” (*The Jewish War*, VII, 271-274, p. 583)

No entanto, para nós, Josefo passou para judeus, gregos e romanos a idéia de que Roma era uma superpotência e que os judeus erraram ao lutar contra ela. Neste aspecto, manifesta-se a grande importância de Políbio, o primeiro historiador grego a abordar esse poderio romano. Assim como Políbio, para quem os revoltosos gregos levaram seus conterrâneos à ruína, Josefo considera que os revoltosos judeus cometeram o mesmo erro, sendo responsáveis pela destruição de seu povo.

CONCLUSÃO

A idéia central nesta dissertação foi analisar a maneira como Flávio Josefo apresentou sua obra **A Guerra dos Judeus** para seus leitores. Mostramos que, ao apresentar alguns culpados pela guerra que ocorreu na Judéia no século I d.C., quando os judeus foram derrotados pelos Romanos, Josefo queria mostrar ao seu público grego que a guerra tinha sido provocada por alguns rebeldes.

No entanto, não nos esquecemos de outros detalhes que esta obra nos traz; é graças a ela que passamos a conhecer a Palestina, a Judéia e o comportamento judaico no século I d.C.

Em **A Guerra dos Judeus**, composta de sete livros, Josefo retoma a história da Palestina desde o início da revolta dos macabeus contra Antíoco Epifânio, em 166 a.C. e se estende a abordá-la até a tomada de Massada pelos romanos em 73 d.C.. O principal de sua obra, o relato da guerra, no entanto, é reservado aos livros de III a VII. No livro VII, ele descreve o triunfo romano e a tomada das últimas fortalezas que eram comandadas pelos revoltosos judeus.

Achamos por bem estudar o contexto da Judéia e de Roma para mostrar quais povos de culturas diferentes se enfrentaram naquela região. Situamos, assim, nossas reflexões entre o século III a.C, quando Roma começou sua expansão militar para fora da Itália, até o século I a.C., quando conquistou a Judéia.

Considerando-se o contexto romano, percebemos que Roma sempre procurou colocar, na administração das províncias conquistadas, a elite que já estava no poder antes da conquista. Uma das grandes explicações desta guerra é a idéia de que Roma não soube administrar essa província, pois, ao conquistá-la em 63 a.C., as elites ali presentes, isto é, os hasmoneus, não estavam mais com autoridade perante os judeus. Roma teve que nomear uma nova elite, esta por sua vez não conseguiu contribuir para a *Pax romana* e não teve o devido

reconhecimento do povo judeu. Lembramos que a própria elite judaica disputava o poder, o que favoreceu o desencadeamento e os resultados da guerra entre romanos e judeus.

Ao lado das disputas internas entre os anos 66-70, ocorreu uma guerra externa, por meio da qual Roma foi conquistando toda a Judéia. Em 70, quando os romanos chegaram a Jerusalém, os judeus ainda estavam lutando pelo poder e, percebendo ameaça romana, buscaram em vão uma aliança.

A reação romana a esta guerra foi grande: foram enviadas quatro de suas legiões para lutar na Judéia e, depois de quatro anos, essa província estava destruída. Vários judeus foram mortos ou levados como escravos.

Não sabemos como foi a verdadeira reação de Josefo ao ver o Templo destruído e seus conterrâneos escravizados e mortos, embora seja possível perceber, por meio de sua obra **A Guerra dos Judeus**, a sua aflição diante do fato.

Josefo declara que não foi a elite que lutou nesta guerra. Devemos ressaltar seu objetivo em provar para gregos e romanos que judeus não eram revoltosos. Ele passou a mensagem de que alguns poucos rebeldes lutaram e sobre estes caiu toda a culpa da queda de Jerusalém e do Templo.

Apresentamos o helenismo em nosso trabalho, porque reconhecemos sua contribuição nos escritos de Flavio Josefo. Em especial, na obra **A Guerra dos Judeus**, podemos identificar os elementos helênicos ao demonstrar seu objetivo em perpetuar a memória da guerra entre gregos, romanos e judeus, em narrar a “verdade” dos fatos, assim como na coexistência do tempo cíclico e linear na descrição do templo e da guerra, respectivamente.

Sobre o helenismo, sabemos que ele foi importante para os judeus e que mudou alguns costumes, principalmente entre a elite judaica que buscou falar a língua grega, terem preferência pelos jogos e literatura gregos. Mas quanto à religião, pouco mudou. É necessário, quanto a isto, entender que a história para os judeus estava acabada, Deus era a história.

Josefo foi um dos poucos judeus a pensar a história de um modo diferente. Para escrever sua primeira obra, **A Guerra dos Judeus**, ele teve que se basear na historiografia grega e romana e até mesmo em antigos profetas judeus. A historiografia grega foi crucial para que Josefo conseguisse escrever sua obra para um público grego. Sua grande influência, neste caso, foi Políbio, historiador grego do século II a.C.

Em **Histórias**, Políbio mostra como a história passou a ser universal devido à conquista do mundo habitável por Roma, mas ele credita esta conquista à ação da supremacia militar romana, bastante hierarquizada e organizada, e à *Fortuna*. Logo, qualquer um que lutasse contra Roma seria irracional.

Para nós, Josefo se mostrou bastante familiarizado com Políbio, pois ambos caíram nas graças de famílias importantes, guerrearam contra Roma, foram presos e viram seus conterrâneos guerrearem contra os romanos e perderem.

Os dois historiadores sabiam do poder do exército romano, pois acompanharam e viram sua organização, hierarquia e como seus soldados batalhavam. Assim, os conterrâneos de Josefo e Políbio não tinham a menor chance contra este exército. Em suas obras, se posicionaram contra esta guerra. Josefo até mesmo declara que procurou alertar os judeus.

Ambos creditam a vitória deste exército também à ação da *Fortuna*. Josefo sabia que Políbio tinha defendido a idéia de que a ação da deusa *Fortuna* tinha sido favorável a Roma e contra os gregos e, como escreveu sua obra para gregos, em algumas passagens, usou o termo *Fortuna*. Porém, é provável que Josefo, como judeu, não acreditasse na deusa *Fortuna* e que esta, para ele, deve ter assumido diversas faces, tais como Deus e a *Fortuna* assumindo o mesmo significado, Deus agindo por meio da *Fortuna*, Deus e a *Fortuna* agindo separadamente.

Diante de tudo isto, observamos que ambos chamaram de irracionais aqueles que foram contra a ação da *Fortuna*. Irracionais, porque sabiam e foram alertados que o poder de

Roma era grande e que não adiantava lutar contra ele. Tanto Josefo como Políbio alegaram que, por causa das ações destes líderes rebeldes, a Judéia e a Grécia caíram em desgraça.

Josefo escreveu **A Guerra dos Judeus** primeiramente em aramaico - cuja versão se perdeu – mas, conforme ele mesmo escreve, o fez para que os judeus soubessem exatamente a origem da guerra e não fizessem revoltas. A reescrita em grego foi para que gregos e romanos soubessem desta guerra. Ele afirma que não entraria em outros assuntos anteriores ao que ele já tinha escrito, pois historiadores e profetas judeus já o tinham feito. Quanto a isto, sabemos que os gregos já tinham a versão **LXX** ou **Septuaginta**, a qual, segundo Josefo, que não continha sérios erros. Josefo também assume o lugar de um historiador oficial, quando afirma ser sucessor dos profetas.

O olhar de Josefo sobre a guerra demonstra que os elementos do judaísmo estão fortemente presentes em sua narrativa. Para ele, Deus elevou o Império Romano. Em sua oração, descreve que Deus lhe apareceu em sonho e disse que ele seria um ministro, ou seja, um profeta que alertaria aos judeus para não guerrearem. Josefo, ao longo da obra, vai mostrando que Deus estava com Roma e contra os rebeldes.

Josefo nos apresenta uma lista de culpados pela destruição do Templo da Judéia e pela morte e escravidão dos judeus. Na lista, estão os sicários, João de Giscala, Simão b. Guiora, Idumeus, Zelotas. Ao final, ele escreve que Deus deu a devida punição para cada um deles, pois não viram que Ele estava com Roma.

Na leitura de Josefo sobre a guerra entre judeus e romanos, encontramos um autor aflito diante da calamidade anunciada. No primeiro grande ataque em Jotapata, ele viu a ira dos romanos e presumiu que, em Jerusalém, seria muito maior. Ele mesmo escreve em sua obra que, quando os romanos estavam cercando Jerusalém, procurou convencer os revoltosos a se entregarem, mas não foi ouvido. A cidade de Jerusalém foi conquistada pelos romanos e suas previsões se concretizaram. Embora acusado, não podemos colocar Josefo como um

traidor, pois se percebe em sua obra que ele procurou minimizar a culpa do conjunto da sociedade judaica, atribuindo-a apenas a algumas pessoas, sicários, zelotas, Eleazar b. Simão, Simão b. Guioras, João de Giscala, Idumeus, que, de fato, fizeram a guerra acontecer.

Por fim, é importante destacar que, ao estudarmos Josefo, vimos a importância de se estudar a Judéia no século I d.C., principalmente como Roma se comportou com as províncias que se revoltaram contra ela. Seria esta uma forma de contribuir para os estudos sobre a Antiguidade Clássica Romana.

IMPERADORES ROMANOS (de 27 a.C. a 235 d.C.)

Dinastia dos Júlios-Cláudios (27 a.C. – 68 d.C.)

27 a.C.-14 d.C. ----- Augusto

14 d.C. 37 ----- Tibério

37-41 ----- Caio

41-54 ----- Cláudio

54-68 ----- Nero

68-69 ----- Galba

69 ----- Otão

69 ----- Vitélio

Dinastia dos Flávios (69 – 96)

69-79 ----- Vespasiano

79-81 ----- Tito

81-96 ----- Domiciano

Dinastia dos Antoninos (96 – 192)

96-98 ----- Nerva

97-117 ----- Trajano (97-98 com Nerva)

117-138 ----- Adriano

138-161 ----- Antonio Pio

161-180 ----- Marco Aurélio (161-169 com Lúcio Vero)

180-192 ----- Cômodo

Dinastia dos Severos (193-235)

193 ----- Pertinax

193 ----- Dídio Juliano

193-211 ----- Septímio Severo

211-217 ----- Caracala (211-212 com Geta)

217-218 ----- Macrino

218-222 ----- Heliogábalo

222-235 ----- Alexandre Severo

Quadro 1 – Imperadores Romanos

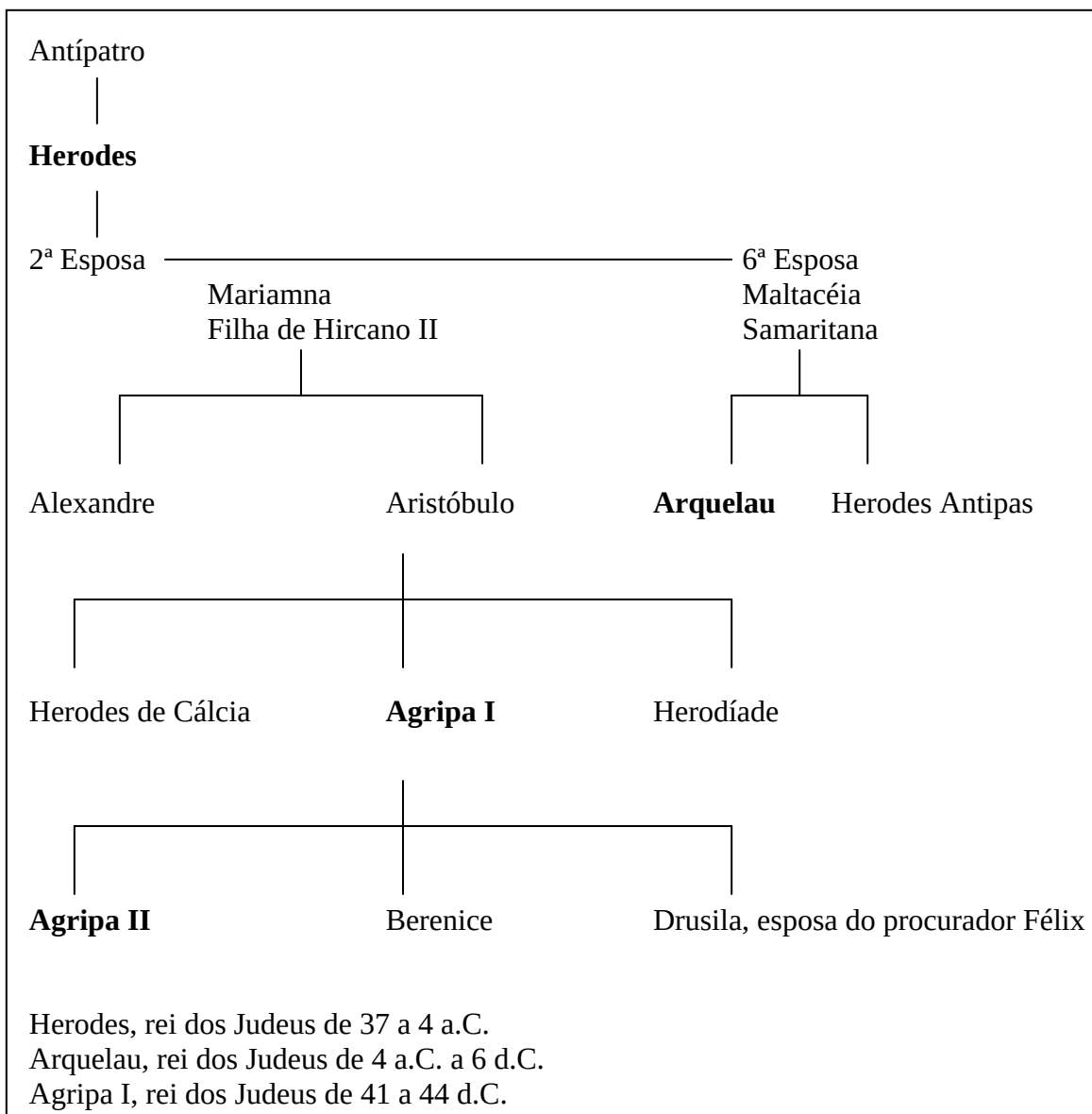
37 a.C- 4 a.C-----	Herodes, Magno
4 a.C- 6 d.C. -----	Arquelau
Prefeitos ²⁵¹ da Judéia de 6 a 41	
6 – 9 -----	Compônio
9 – 12 -----	Marco Ambíbulo
15 – 26 -----	Valério Grato
26 – 36 -----	Pôncio Pilatos
36 ou 37 -----	Marcelo?
37 – 41 -----	Marulo?
41 – 44 ----- Reinado de Agripa I	
Procuradores de 44 a 66	
44 – 46 -----	Cúspio Fado
46 – 48 -----	Tibério Júlio Alexandre
48 – 52 -----	Venídio Cumano
52 – 60 -----	Félix
60 – 62 -----	Pórcio Festo
62 – 64 -----	Lucceio Albino
64 – 66 -----	Gessio Floro

Quadro 2 – Procuradores e Prefeitos da Judéia. (HADAS-LEBEL,1991,277, com adaptações)

Dinastia dos Asmoneus:	
166 – 161 a.C.-----	Judas Macabeus (filho de Matias)
160 – 143 a.C-----	Jônatas (filho de Matias)
143 – 134 a.C.-----	Simão (filho de Matias)
143 – 104 a.C.-----	João Hircano I (filho de Simão)
104 a.C. -----	Aristóbulo I (filho de João Hircano I)
103 – 76 a.C. -----	Alexandre Janeu (filho de João Hircano I)
76 – 67 a.C.-----	Salomé Alexandra (esposa de Alexandre Janeu)
67 – 63 .C -----	Aristóbulo II (filho de Alexandre e Salomé)
63 – 43 a.C.-----	Hircano II (filho de Alexandre e Salomé)
40 – 37 a.C.-----	Antígono (filho de Aristóbulo II)

Quadro 3. A Dinastia dos Hasmoneus.

²⁵¹ Os governadores da Judéia durante esse período usavam o título de “prefeito”, e não o de “procurador”, como podemos ver na inscrição de Pôncio Pilatos descoberta em Cesaréia. (HADAS-LEBEL, 1991, 277 n1)



Quadro 4. Família Real de Herodes. (HADAS-LEBEL, 1991, 23, com adaptações)

GLOSSÁRIO²⁵²

Ageu: profeta dos Judeus entre os anos 520 - 480 a.C. Teve uma participação importante ao incitar os judeus para a reconstrução do Templo de Jerusalém.

Agrícola L. *Cneio Júlio Agrícola*. (40 - 93 d.C.): sogro de Tácito. Exerceu o serviço militar Britânia, onde foi governador em 77 ou 78. Ele é apresentado pelo historiador Tácito na obra **De vita et moribus Iulii Agricolae**.

Agripa II (27 – c. 100): filho de Agripa I, rei dos judeus, neto de Aristóbulo e bisneto de Herodes, Magno. Em 49 foi nomeado inspetor do Templo, tendo o direito de nomear o sumo-sacerdote. Nesse período, embora a Judéia fosse administrada pelos procuradores romanos, ele foi conhecido também como rei dos judeus. Foi o último governante da família de Herodes e destacou-se por ter sido contra a revolta dos judeus contra Roma.

Alexandra Salomé Alexandra: rainha dos judeus (76-67 a.C.) da dinastia dos hasmoneus. Foi a autora da paz entre os hasmoneus e os fariseus.

Ananias b. Sadoc: com o apoio de Judas b. Jônatas e de Simão b. Gamaliel, investigou Flávio Josefo quando este ocupava o comando da Galiléia em 67. Seu objetivo era substituí-lo por João de Giscala.

Ananus b. Ananus: sumo-sacerdote Teve importante papel na revolta dos judeus, em 67, quando retirou liderança dos primeiros líderes, Níger, o Peréio, Simão b. Guiora, Eleazar b. Simão. Ananus e Jesus foram executados em 68. Após a morte dos dois, Eleazar junto com João eliminou boa parte do partido de Ananus em 68 e 69. Foi acusado abrir as portas da cidade para os romanos.

Antíoco Epifânio Antíoco IV: rei da dinastia dos Selêucidas. Governou a Síria entre 175 e 163 a.C. Antíoco, foi refém dos romanos até os 14 anos. Foi nomeado rei da Síria com aval do

²⁵² Utilizaremos a indicação antes de Cristo (A.C.) apenas para datas anteriores a Cristo. Não indicaremos as datas correspondentes a era Cristã.

Senado Romano. Ele venceu os reis do Egito Ptolomeu VI e VIII. Saqueou e profanou o Templo em Jerusalém em 166 a.C, colocando um culto a Zeus. É tido como a encarnação do mal, tanto entre judeus como entre cristãos, pela tentativa de querer acabar com o culto judaico.

Apião (Século I d.C.): historiador egípcio. Josefo escreve **Contra Apião** em resposta as suas idéias contra os judeus.

Arquelau: rei dos Judeus entre 4 a.C. e 6 d.C. Filho de Herodes, o Grande. Seu governo foi marcado por tensões, com a morte de três mil judeus em um só dia. Ao fim de seu reinado Augusto o exilou para a Gália.

Bar-Kochba Simão b. Cósiba: líder da última grande revolta dos judeus contra Roma, (132-135) com aliados na Galiléia e da Judéia. Roma reuniu vários legionários para combater esta revolta. O Imperador Adriano participou desta batalha, tomando a cidade de Jerusalém em 135. Bar-Kochba morreu nesta batalha e a guerra terminou. De acordo com Dião Cássio, 50 fortalezas e quase mil aldeias foram destruídas, além da morte de meio milhão de judeus. Ele foi tido como um dos Messias. Seu nome, Bar-Kochba, significa “Filho da Estrela”

Céstio Galo *L Céstius Gallus*: legado da Síria atacou a revolta dos judeus, após Floro fugir para Cesaréia. Foi derrotado pelos judeus e teve que se retirar para Cesaréia.

Cipião *L Publius Cornelius Scipio Africanus Major*: Cipião Africano Maior. (236 - 183 a.C.) Cônsul no primeiro ano da Segunda Guerra Púnica (220 a 202 a.C.). Derrotou os cartagineses em Zama, em 202 a.C. Morreu em sua propriedade em Literno, na Campânia.

Costobar: membro da casa de Herodes, junto com Saul. Apoiou a família de Ananus (sumo-sacerdote no ano 6 d.C.)

Crasso *L Marcus Licinius Crassus Dives* (115 - 53 a.C.): um dos homens mais ricos de Roma. Cônsul entre os anos 70 e 55 a.C. Fez parte do primeiro triunvirato junto com Pompeu e César. Esteve envolvido na guerra contra a rebelião de *Spartacus* (73 - 71 a.C.). Foi suspeito

da conspiração contra Catilina. No triunvirato Pompeu ficou com a Espanha, César com a Gália e Crasso com a Síria, quando participou na política dos judeus. Morreu na batalha contra os Partos, Batalha de Carras, em 53 a.C.

Daniel: profeta dos Judeus, entre os anos 605 - 536 a.C. Provavelmente, conforme está escrito em seu livro, de ascendência da família real de Davi. É creditado a ele partes do livro de Daniel.

Davi: rei de Israel entre 1010 - 970 a.C. Fundador da casa real de Davi. No seu reinado a cidade de Jerusalém foi retomada dos jebuseus.

Dinastia dos Hasmoneus: Uma dinastia fundada por Judas Macabeus em 165 a.C. Perdurou até o ano de 37, quando Matatias Antígono, perdeu o comando de Jerusalém para Herodes Magno.

Druso *L. Nero Claudius Drusus* (38 - 9 a.C.): filho mais novo de Tibério Cláudio Nero e irmão mais novo do futuro imperador Tibério. Pai de Germânico e do futuro imperador Cláudio. Morreu por uma queda de cavalo na Batalha dos Marcomanos, na Germânia.

Eleazar b. Ananias: filho do sumo-sacerdote Ananias b. Nedebeus. Foi importante nos anos iniciais da revolta contra os romanos. Uniu-se a Manahem, mas quando este teve aspirações reais e começou a matar vários judeus, inclusive a seu pai Ananias b. Nedebeus, Eleazar, matou a Manahem. Eleazar também foi contra Flávio Josefo, apoiando a João de Giscala, para o governo da Galiléia.

Eleazar b. Iair: neto de Judas, o Galileu. Após a morte de Manahem, Eleazar fugiu para Massada, onde permaneceu até a queda da Fortaleza. De acordo com Josefo, Eleazar fez um suicídio coletivo onde morreram novecentos e sessenta judeus no ano de 73.

Eleazar b. Simão: um dos três líderes da facção que reinava em Jerusalém no ano 70. No começo do ano de 67, apoderou-se do Templo quando foi ameaçado por Ananus. Ele detinha o dinheiro tirado de Céstio e usou dinheiro para se fortalecer. Em meados deste mesmo ano o

seu poder começa a decair diante de Ananus b. Ananus. Em 68, com o apoio de João de Giscala, abriu as portas de Jerusalém, para a entrada dos idumeus. Com a entrada dos idumeus, o partido de Eleazar e de João inicia o seu reinado na cidade de Jerusalém, matando a vários líderes da revolta como Ananus b. Ananus, Níger, o Peréio, Jesus b. Gamalas. Em 69 os Idumeus deixam o partido de Eleazar e João. Em 70 João e Eleazar se separam, e começa a disputa pelo controle do partido.

Epafrodite: ex-escravo de Nero. Protetor de Josefo, morto por Domiciano em 95. Josefo lhe dedicou a sua obra **Antiguidades Judaicas**.

Esdras: descendente de Arão. Com o apoio de Ciro, rei da Pérsia, retornou com o segundo grupo de Judeus em 458 a.C., à Palestina. Foi o reformulador da religião judaica, criando um estado Teocrático na Judéia. Era contra o casamento misto de judeus e não-judeus. Teve um papel importante na reconstrução do muro de Jerusalém.

Estrabão (64 a.C. - 24 d.C.): historiador grego, autor de **Estudos Históricos** e **Geografia**.

Flávio Silva L. *Flavius Silva Nonius Bassus*: após a morte de Lucílio Bassus, recebeu o comando da Xª Legião, para fazer o ataque final a Massada, a última fortaleza dos judeus em 73. Foi Cônsul romano em 81.

Gorion b. José: Apoiou a Ananus b. Ananus no ano de 67. Morto em 68 por Eleazar b. Simão e João de Giscala.

Herodes, o Grande (73 - 4 a.C.): filho do idumeu, Antípatros. Herodes se destaca pelo poder que teve no Reino da Judéia. Feito rei pelo senado romano em 40 a.C., se torna rei de fato em 37 a.C., após expulsar os partos e Matatias Antígona, um Hasmoneu, escolhido pelos Partos. Grande construtor, fez o famoso Porto de Cesaréia, começou a construção do Segundo Templo de Jerusalém e a fortaleza Massada. Apoiou a Marco Antônio, mas Augusto o deixou no poder da Judéia, devido ao respeito que ele impôs aos judeus. Foi odiado pelos judeus, mas sua família continuou no poder até a guerra dos judeus.

Jeremias (640 – 568 a.C.): profeta Judeu e filho do Sacerdote Hilquias, da Anatote. Jeremias era da linhagem de Itamar, filho de Levi. Profeta entre os reinados de Josias, Jeoacaz, Jeoaquim e Zedequias (627 - 580 a.C.). Foi contra a luta dos judeus com Nabucodonozor II. Para ele os babilônios representavam a ira divina contra os pecados cometidos pelos judeus. Foi até protegido por Nabucodonozor II, mas depois da morte do governador Godolias, Jeremias foi levado ao Egito, onde morreu. Autor dos livros **Jeremias** e **Lamentações de Jeremias**.

Jesus b. Gamalas: sumo-sacerdote. Tentou impedir que os idumeus entrassem em Jerusalém no ano de 68. Apoiou a Josefo no comando da Galiléia.

João b. Ananias: recebeu o controle de Gofna e Acrabeta no lugar de Simão b. Guiora, no ano de 67.

João, filho de Levi: um dos três principais revoltosos do ano 70. João de Giscala, natural da cidade de Giscala, foi um dos principais líderes da revolta. No ano de 67, após ter perdido o poder foge de Jerusalém, onde tem apoio de Ananus. Em 68, aliado a Eleazar b. Simão, apóia a entrada dos idumeus para acabar com o poder de Ananus na cidade de Jerusalém. Em 70 entra em conflito com Eleazar, guerreando com este e Simão b. Guiora. No mesmo ano é levado para Roma, condenado a prisão perpétua.

Joazar b. Boethus: sumo-sacerdote. No ano 6, não conseguiu aplacar a ira dos judeus contra o censo feito por Quirinius.

José b. Gorion: com Ananus b. Ananus recebeu o comando supremo da revolta contra os romanos no ano de 66. O seu nome é pouco mencionado na obra, **A Guerra dos Judeus**, de Josefo

Judas b. Jônatas: ao lado de Ananias b. Sadoc e de Simão b. Gamaliel, instigou contra o comando de Josefo na Galiléia.

Judas, o Galileu: natural de Gamala, foi contra o censo feito por Quirino, no ano 6 d.C. Os judeus não aceitaram o recenseamento de suas fortunas. Judas, junto com Sadoque, propunha a substituição da autoridade judaica e romana, por um Estado em que Deus era o único e soberano Senhor. Deus deveria ser o governante da Judéia.

Júlio César L. *Gaius Julius Caesar* (102 - 44 a.C.): de família nobre, compôs o primeiro triunvirato com Pompeu e Crasso, em 60 a.C. Conquistou a Gália em 55 a.C., e faz expedições na Bretanha em 54 a.C. O senado ordenou que César voltasse a Roma, e o proibiu de se candidatar ao cargo de Cônsul. Após a morte de Crasso, derrotou Pompeu em Farsália, em 48 a.C. Em 44 a.C, morreu assassinado por um grupo de romanos, entre eles Bruto e Gânio. Escreveu duas obras. **De Bello Gallico** e **De Bello Civili**.

Lucilius Bassus L. *Lucilius Bassus*: legado romano. No governo de Vespasiano atacou as três últimas fortalezas judaicas Herodium, Macherus e Massada. Morreu quando se preparava para atacar Massada no ano de 72.

Manahem. b. Judas: filho de Judas, o Galileu. No ano de 66, atacou as tropas reais de Agripa II. Uniu-se a Eleazar b. Ananias. Obrigou alguns romanos a fazerem a circuncisão. Após seu triunfo se fez rei. Matou a Ananias b. Nedebeus, ex-sumo-sacerdote, pai de Eleazar b. Ananias. Manahem é tido como um dos primeiros Messias da história judaica.

Marco Antônio L. *Marcus Antonius* (82 - 30 a.C.). neto do orador Antônio. Apoiou César na luta contra Pompeu. Cônsul em 44 a.C. Após a morte de César, torna senhor de Roma. Ao lado de Lépido e Otávio formou o segundo triunvirato em 43 a.C. No ano 30 a.C. Otávio invade o Egito e Antônio se suicida.

Matatias Antígono: filho de Aristóbulo II. Foi posto como rei dos judeus, pelos partos em 40 a.C., mas perdeu a guerra e o poder em Jerusalém para Herodes, o Grande, em 37 a.C.

Matthias b. Boetos: sumo-sacerdote. Foi quem abriu as portas de Jerusalém para Simão entrar em 69. Morto por Simão neste mesmo ano.

Mitrídates: (132-63 a.C.) Rei da província do Ponto, na Ásia. Descendente de uma família persa helenizada. O crescimento de seu poderio ameaçava Roma. Entre os anos de 86 a 63, Mitrídates se viu envolvido em três guerras contra Roma. Em 86 a.C., com ajuda da Ásia invadiu a Macedônia e Grécia. No ano de 83 a.C. Mitrídates contra-ataca, depois de ser expulso da região por Sula. Desde 63 a.C. a província do Ponto permaneceu sob o comando de Pompeu. Mitrídates preferiu a morte, a ser escravizado pelos romanos.

Nabucodonozor II Em Acadiano Nabu-cudurri-utsur (632 - 562 a.C.): filho de Nabopolassar. Governou a Babilônia de 604 a 562 a.C. Aumentou seu reino conquistando as regiões da Cilícia, Síria, Fenícia e Palestina, derrotou o faraó Neco II em Carquemish, em 605 a.C. Cercou Tiro por treze anos (585 - 572 a.C.) Capturou Jerusalém em 586 a.C. Foi o grande responsável pela Primeira Diaspora dos Judeus. Quando morreu, seu reinado era regido por seu filho Evil-Merodaque.

Níger, o Peréio: um dos primeiros líderes da revolta dos judeus. Foi designado governador da Iduméia em 66. Ele morreu em 68, durante a repressão de João e Eleazar.

Pompeu, o Grande L. *Cnaeus Pompeius Magnus* (106-48 a.C.): filho de Gneu Pompeio Estrabão, um rico proprietário de terras. Em 70 é eleito Cônsul junto com Crasso. Em 63 a.C. derrota Antioco XIII, rei da Síria. No mesmo ano capturou Jerusalém, intervindo diretamente na política da Judéia. Nomeou Antípater, pai de Herodes, como soberano na Judéia. Em 60 formou o primeiro triunvirato com César e Crasso. Após a morte de Crasso, entra em Guerra com César e perde em Farsália (48 a.C.). Pompeu morre, no mesmo ano, no Egito.

Sabino: procurador da Síria. Durante o reinado de Arquelau, instalou-se no Palácio de Herodes e se apoderou de tesouros de Jerusalém.

Sadoque: junto com Judas, o Galileu fez a revolta contra o censo feito por Quirino.

Salomão: rei de Israel entre os anos 970 e 930 a.C. Filho de Davi. Construiu o Templo de Jerusalém e a muralha de Megido. No seu reinado os israelitas começaram a utilizar o alfabeto fenício.

Saul: membro da casa de Herodes, que apoiou a família do sumo-sacerdote Ananus.

Sêneca L *Lucius Annaeus Sêneca* (4 a.C. - 65 d.C.) filósofo e orador romano. Foi preceptor de Nero e seu principal conselheiro. Em 62, retirou-se da vida política.

Simão b. Caathas: líder dos idumeus. Pronunciou o discurso a Jesus b. Gamalas e Ananus b. Ananus, apoiando a entrada dos idumeus em Jerusalém.

Simão b. Gamaliel: filho do ilustre mestre farisaico Gamaliel.

Simão b. Giorias: No ano de 66 ele foi um dos principais chefes dos revoltosos. Após a morte de Ananus, ele estendeu seu domínio de Gerasa até Jerusalém. Entrou em Jerusalém em 69 com o apoio do sumo-sacerdote Matthias, para acabar com o domínio dos zelotas de João e Eleazar. No ano 70, seu domínio se estendeu por toda a cidade de Jerusalém, exceto o Templo. Morto defronte o fórum, conforme condenação aos líderes de revoltas.

Tiago b. Sosas: um dos líderes dos idumeus. Foi morto por Simão b. Guiora em 70.

Tucídides G. *Thoukidides*: historiador grego (460-400 a.C.). Um dos 12 generais de Atenas, enviado a Trácia, no ano 424 a.C. Escreveu a obra **Guerra do Peloponeso**.

Varo L *Publius Quinctilius Varus* (46 a.C. – 9 d.C.): cônsul Romano em 13 a.C. e procônsul da África entre 7 - 6 a.C. Governador da Síria nos anos 6 - 1 a.C., onde esteve envolvido na revolta judaica. Sua intervenção na Judéia durante a revolta, levou a crucificação de dois mil judeus. Em 7 d.C, foi enviado para a Germânia No ano 9, morre na batalha da Floresta de Teutoburgo.

Vercingetórix: comandante de uma tribo dos gauleses. Em 52 a.C., foi derrotado numa guerra contra Júlio César.

Zacarias: profeta dos judeus, entre os anos 520 - 480 a.C.

Zorobabel: descendente da casa real de Davi. Fez o primeiro retorno dos judeus da Babilônia até a Palestina, em 538 a.C. Foi com ele que o Templo de Jerusalém foi reconstruído em 516 a.C.

REFERÊNCIAS

FONTES IMPRESSAS

HERÓDOTOS. **História**. Intr. E trad. de Mário da Gama Kury, 2ª ed, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988.

JOSEPHUS. **Against Apion**. Books II. Translated by. William Whiston, A.M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley. 1895. Versão on-line <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0216&query=head%3D%232>

JOSEPHUS. **Antiquities of the Jews**. Books I. Translated by. William Whiston, A.M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley. 1895. Versão on-line <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0146>

JOSEPHUS. **Antiquities of the Jews**. Books XII. Translated by. William Whiston, A.M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley. 1895. Versão on-line <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0146&query=book%3D%2312>

JOSEPHUS. **Antiquities of the Jews**. Books XVIII. Translated by. William Whiston, A.M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley. 1895. Versão on-line <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0146&layout=&loc=18.1>

JOSEPHUS. **The Jewish War**. Books I-III, tradução do grego para o inglês de H. ST. J. Thackeray. Cambridge-Massachusetts e Londres: Loeb Classical Library – Harvard University Press, 1957. Volume II.

JOSEPHUS. **The Jewish War**. Books IV-VII, tradução do grego para o inglês de H. ST. J. Thackeray. Cambridge-Massachusetts e Londres: Loeb Classical Library – Harvard University Press, 1957. Volume III

JOSEPHUS. **The Life of Flavius Josephus**. Translated by. William Whiston, A.M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley. 1895. Versão on-line <http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3Atext%3A1999.01.0150>

Bíblia de Jerusalém: Nova edição, revista e ampliada São Paulo: Paulus, 2002.

POLYBIUS. **The Histories**. Books I-XXXIX, tradução do grego para o inglês de W. R. Paton. Cambridge-Massachusetts e Londres: Loeb Classical Library – Harvard University Press, 1922. Versão on-line <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Polybius/home.html>

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. 3ª Ed. Trad. de Mário da Gama Kurym Editora Universidade de Brasília, 1987

BIBLIOGRAFIA

- ALFÖLDY, Géza. **A História Social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- BALSDON, J. P. V. D. *A revolução e o fim da liberdade*. In: BASLDON, J. P. V. D. (org.) **O mundo romano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 39-57.
- BARNABÉ, Luís Ernesto. **Lívio e os reis romanos**: a defesa de uma identidade Romana. Assis, 2006 (Dissertação de Mestrado em História – UNESP – Campos de Assis)
- BENTWICH, Norma. **Josephus**. Philadelphia: The Jewish Publication Society of América, 1914 (Versão PDF.)
- BUCKLAND, Rev. A. R. **Dicionário bíblico universal**. São Paulo: Vida, 1993, p. 157-158
- CHAILLET, Jeanne. *O Templo: uma casa de tráfico?* **História viva**: grandes temas. São Paulo: Duetto. Edição temática nº 1 (Jesus o Homem de seu tempo). p. 62-69.
- COHEN, Shaye J. D. *Josephus, Jeremiah and Polybius*. **History and Theory**, Vol 21 (Oct 1982), p. 366-381.
- DEGAN, Alex **A identidade incômoda**: identidades étnicas no Bellum Judaicum de Flávio Josefo, São Paulo/Limeira: 2006. (Mestrado em História -- USP).
- DROBORUKA, Vivente. *História como apocalipse: Introdução a idéia de história em Flávio Josefo*. **IV Congresso de Estudos Clássicos/ XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos –SBEC**, 5-10 de Agosto de 2001. Paper apresentado. Disponível em http://www.pej-unb.org/downloads/paper_vicente_sbec_2001_02.pdf Acesso em: 22 junho 2007
- _____. *Josefo, a literatura apocalíptica e a revolta de 70 na Judéia*. **Phoenix**, Vol. 8. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002 http://www.pej-unb.org/downloads/art_josefo_apoc.pdf Acesso em: 22 junho 2007

- _____. *Historiografia helenística em roupagem judaica: Flávio Josefo, história e teologia*. In.: JOLY, Fábio (org.). **História e retórica. Ensaio sobre historiografia antiga**. São Paulo: Alameda / FAPESP, 2007. http://www.pej-unb.org/downloads/cap_josefo_hist_teol.pdf Acesso em: 22 junho 2007
- _____. *Considerações sobre o conceito de stasis na obra de Flávio Josefo*. **Boletim do CPA**. Campinas, 2001. N°.12, jul./dez., pp. 25/40. http://www.pej-unb.org/downloads/art_josefo_stasis.pdf Acesso em: 22 junho 2007
- ECKSTEIN, A. M. (1990). *Josephus and Polybius: A Reconsideration*. **Classical Antiquity**, 1990. N° 9, p. 175-208.
- FINLEY, M. **Os gregos antigos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GOODMAN, Martin. **A classe dirigente da Judéia: as origens da revolta judaica contra Roma**. Rio de Janeiro: Imago 1994
- GRIMAL, Pierre. **A civilização romana**. Lisboa: edições 70, 1988
- _____. **O Império Romano**. Lisboa: Edições 70, 1999
- _____. **Os erros da liberdade**. Campinas, SP: Papirus, 1990
- HADAS-LEBEL, Mireille. **Flávio Josefo: o judeu de Roma**. Rio de Janeiro: Imago 1991.
- HARTOG, François. **A história de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- _____. **Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004
- HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- JONES, A. H. M. *A última crise*. In.: BASLDON, J. P. V. D. (org.) In.: **O mundo romano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 58-79.

LLOYD, R. *O tempo no pensamento grego*. In: Ricoeur P. (et. al). In.: **As culturas e o Tempo**. Petrópolis: Editora Vozes; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: 1975. p. 136-175

LOBIANCO, Luís Eduardo. **O Outono da Judéia (séculos I a.C. – I d.C.):** Resistências e Guerras Judaicas sob o Domínio Romano – Flávio Josefo e a sua Narrativa, Niterói: sn,1999. (Mestrado em História - UFF)

Mapa Império Romano – Século I d.C.

<http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/ImpRomano/001b.jpg> In: **Sociedade Numismática Brasileira/ SP** <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/> Acessado 25 setembro 2006

Mapa Império Romano – Século II d.C.

<http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/ImpRomano/200b.jpg> In: **Sociedade Numismática Brasileira/ SP** <http://www.nomismatike.hpg.ig.com.br/> Acessado 25 setembro 2006

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Bauru, SP: EDUSC,2004.

MONTEIRO, Domingos. **História da civilização**. Rio de Janeiro: Lidador, 1963, v. 5.

OLIVEIRA, Carlos G. de. *A Fortuna dos antigos: considerações sobre a tyché em Políbio e Flávio Josefo*. **IV Congresso Nacional de Estudos Clássicos / XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos-SBEC** 5-9 de Agosto de 2001. Paper apresentado. Disponível em http://www.pej-unb.org/downloads/paper_carlos_sbec_2001.pdf Acesso em: 17 março 2007

PASSUELLO, Victor. *O mito das quatro idades no livro de Daniel e em Josefo: suas origens e circulação durante o período helenístico*. **IV Congresso de Estudos Clássicos/ XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos –SBEC**, 5-10 de Agosto de 2001.

Paper apresentado. Disponível em http://www.pej-unb.org/downloads/paper_victor_sbec_2001_01.pdf Acesso em: 22 junho 2007

_____. **O mito das quatro idades e as concepções especulativas da história nas tradições clássicas e judaico-helenísticas**, Porto Alegre, 2004 (Mestrado em História -- UFRS).

PETIT, Paul. **A paz romana**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1989.

ROCHA, Ivan Esperança. *Dominadores e dominados na Palestina do século I*. In: _____. **Práticas e representações judaico-cristãs: exercícios de interpretação**. Assis: FCL-Assis-UNESP Publicações, 2004, p 55-65.

_____. *Dominadores e dominados na Palestina do século I*. **História**, São Paulo, 23 (1-2): 2004, 239-258.

ROSTOVTZEFF. **História de Roma**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

SHERWIN-WHITE, A. N. *O imperialismo romano*. In.: BASLDON, J. P. V. D. (org.) **O mundo romano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968, p. 80-102.

SCHUBERT, Kurt. **Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária**. 2ª Ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

Septuagint Bible Online – The English Translation of the Septuagint Bible Online: <http://www.ecmarsh.com/lxx/>

SIMON, Marcel & BENOIT, André. **Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino**. São Paulo: Pioneira: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

THACKERAY, H. St. John. **Josephus: The man and the historian**. New York: Jewish Institute of Religion, 1929.

VEYNE, Paul. *Humanitas: romanos e não romanos*. In.: GIARDINA, Andréa (dir.). **O homem romano**. Lisboa: Presença, 1992, p. 283-302